

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

ANO I

Nº 4

ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRAZIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETARIO : Elisio de Campos — EDITOR : Pedro Bordallo Pinheiro

N.º 4

15 de Fevereiro de 1916

SUMARIO

<i>Um trecho da Guerra maritima e a lição do Brazil</i>	Helio Lobo
<i>Pobre Jico!</i>	Teixeira de Queiroz
<i>Decadencia</i>	João Luso
<i>Ovidio Furioso</i>	Eugenio de Castro
<i>Eterna Febre</i>	Mario Artagão
<i>Edificios Escolares</i>	Raul Lino
<i>Molhado até aos ossos!</i>	Souza Pinto
<i>O Velho Borges</i>	Julio Brandão
<i>A Casa de Camilo em S. Miguel de Seide</i>	Alfredo Mesquita
<i>A ação da mulher na America</i>	Mario d'Alencar
<i>Imagem Perdida</i>	Costa Ferreira
<i>Os ossos do Padre José Agostinho</i>	João do Rio
<i>Que pena ser só ladrão!</i>	

REVISTA DO MEZ

<i>Régis de Oliveira</i>	Redacção
<i>Notas do Tempo e fóra do Tempo</i>	Joaquim Manso
<i>Chronica Musical</i>	Humberto d'Avelar
<i>A Exposição Souza Pinto</i>	José de Figueiredo
<i>O Mez literario</i>	J. Manso
<i>O Movimento Theatral Brasileiro</i>	Abadie
<i>Os Theatros em Lisboa</i>	Avelino d'Almeida
<i>Relatorio do Vice Consul Portuguez em Pernambuco</i>	Francisco Pinto

NOTICIAS & COMENTARIOS

Desenhos de Raul Lino e Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLONIAS

Um anno (12 numeros) 2\$80
Seis mezes 1\$50

PAIZES DA UNIÃO POSTAL

Um anno (12 numeros) Frs. 15

Numero avulso em Portugal \$25

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 — LISBOA

ATLANTIDA

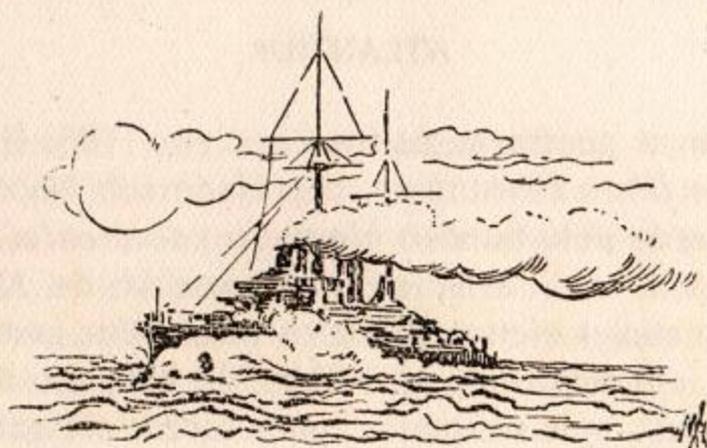
MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.^{AS}
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DO BRAZIL
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO
DE PORTUGAL

ATLANTIDA

DE
LHE ENAMORADO
PORTUGAL

DE
LHE ENAMORADO
PORTUGAL



Um trecho da guerra marítima e a lição do Brazil

O que se está passando em aguas europeas ninguem jamais ousou prever.

Em assunto de guerra marítima havia ficado o direito internacional na Convenção de 18 de Outubro de 1907, que se completou com a Declaração de Londres, de 26 de Fevereiro de 1909.

Apontavam comentadores e juristas, nesses dois actos, a joia das conquistas liberais, vencedoras até então.

E a guerra grande, com seu cortejo de acontecimentos, tudo anulou.

O regimen do bloqueio ficou ao capricho das circumstancias. Nesta lida secular de soffrear o poderio beligerante sobre agua, quasi nada se salvou.

E' que não havia previsão possivel para tais eventos.

O Brazil tem, no particular, tradições honrosas, que seria oportuno lembrar.

E' sabido que neste ou naquêle ponto de direito das gentes, a América marcou passo adiante, antecipando-se a outros paizes do velho continente.

O caso do bloqueio se numera assim.

Luta tenaz foi esta em que os neutros sempre se empenharam contra o imperio beligerante. Procurando levar o mal ao inimigo, o bloqueio cercea sempre as prerogativas dos que se conservam em paz.

Dai as restrições com que êle se foi sempre cercando, em beneficio do commercio neutral. Impossivel seria para os paizes litorais continuar no regimen de tropelias e livre arbitrio, que

culminou com a guerra anglo-franceza em 1793. E' de ontem o *bloqueio das Ilhas Britanicas*, decretado sob Napoleão I, e seguido mais tarde pelo famoso *bloqueio continental*.

A declaração de Paris, assinada aos 16 de Abril de 1854, foi de incontestavel efeito. Primeiro passo em favor do commercio pacífico, ela subordinou a validade do bloqueio á condição de ser êle efectivo. «Os bloqueios, para serem obrigatorios, devem ser efectivos, isto é, mantidos por força sufficiente para interdizer realmente o acesso ao territorio inimigo.»

Banidos estavam, por tanto, os chamados bloqueios de papel, ou de gabinete, de uso imoderado até então.

Declaração expressa, firmada pelas maiores potencias do tempo, a do Congresso de Paris não impediu, contudo, que subsistissem duvidas quanto á interpretação da efectividade do bloqueio.

A' doutrina defendida pela Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América, se opoz a pratica continental, de maior interesse para os neutros.

Em dois termos, segundo exposição de um competente, se explica a divergencia.

«A Inglaterra, escreve Lemonon, admitia como bloqueio efectivo o bloqueio por cruzeiro, isto é, o bloqueio feito por navios a cruzarem em logares por vezes longinquos dos sitios bloqueados. Alem disso, ela emprestava ao bloqueio efeitos muito rigorosos: os navios neutros não só não podiam sair dos portos bloqueados, nem êles entrar, mas tambem lhes era proibido fazer viagem procedente de tais portos ou a tais portos destinada. Para estabelecer-se o bloqueio bastava em geral uma notificação comum aos Governos neutros.

«As teorias continentais tinham outro aspecto: o facto de tentar passar a linha de bloqueio, efectivamente guardada, e sòmente êle, constituia a infracção. A rutura do bloqueio começava e acabava nas proximidades do logar bloqueado, ou em virtude de perseguição iniciada por algum dos vasos bloqueadores. A notificação se fazia de modo geral (por meio de um aviso transmitido por via diplomática), e ainda pelo intermedio de uma notificação especial feita pelo comando da esquadra bloqueadora ás autoridades locais, aos consules estrangeiros e a cada navio que apparecesse para se apresentar no porto.» (1)

(1) Ernest Lemonon, *La Seconde Conférence de la Paix*, 1912, pag. 601.

Não é novidade que se chocaram em Haya as duas nações, sem resultado definitivo. A' proposição americana, no sentido britânico, se opoz para logo a italiana de significação continental, e a que aderiu imediatamente o Brazil.

Só a Conferencia Naval de Londres conseguiu um termo de conciliação. Em virtude do resolvido nela, desistiu a Inglaterra do direito de captura dos navios com destino aos portos bloqueados ou deles provenientes; alterou-se o sistema de notificação; e não se admitiu mais o bloqueio por cruzeiro. De outro lado, os paizes continentais abriram mão do preceito de manter o bloqueio por meio de navios parados e suficientemente proximos uns dos outros. Sendo a efectividade do bloqueio uma questão mais de facto que de direito, ficou para decidir-se pelas côrtes internacionais de presas. ⁽¹⁾

Folgo em vêr que, em todo o decurso dessas questões, foi sempre a mais liberal a pratica brazileira.

Tivemos, de principio, ensinamento que, muito nos custando, serviu de lição para apurar abusos e orientar os comandos navais.

Assim é que, empenhados em guerra no sul, ao iniciarmos a independencia, tiveram para logo os vasos de guerra brazileiros, no Aviso de 17 de Dezembro de 1827, dirigido pelo ministro Diogo Jorge de Brito ao almirante Pinto Guedes, Barão do Rio da Prata, as mais precisas instruções.

Nele dizia-se que S. M. o Imperador «para eliminar completamente futuras complicações com as nações estrangeiras, infelizmente mais preponderantes que nós em razão de sua mais antiga e vigorosa existencia politica», ordenava, «sem a menor amfibologia», o seguinte:

«1.º — Que embarcação nenhuma neutra seja retida «como presa senão no caso de haver-lhe sido intimado o «bloqueio, quer em Montevideo, quer á vela, por algum «dos nossos cruzadores, e não obstante esta intimação, ou «visto do respectivo passaporte, fôr encontrada na diligencia de entrar em algum dos postos inimigos.

«2.º — Serão tambem reputadas boas presas quaesquer

(1) Ernest Lemonon, *La Conférence Navale de Londres*; Charles Dupuis, *Le droit de la guerre maritime*, 1911.

«embarcações que, havendo largado Montevideo legal-
 «mente instruídas da existencia do bloqueio no passa-
 «porte, forem encontradas para oeste do meridiano que
 «se imagina passar pela Ponta das Pedras, pois em tal
 «posição é obvio e manifesto o proposito de violar o blo-
 «queio, e para cortar o único pretexto, ou coarctadas com
 «que intendessem capear o seu procedimento, isto é, a
 «necessidade de fazerem agua rio acima, V. Ex.^a lhes
 «fará igualmente intimar e inscrever no respectivo passa-
 «porte, ao lado da intimação do bloqueio, que só lhes é
 «permittedo fazerem agua no canal do norte, assinalando-
 «lhes o ponto até onde poderão subir, que não deverá ser
 «para cima ou para N. O. da Ponta de Jesus Maria.

«3.^o — Serão finalmente tambem reputadas presas as
 «embarcações que, apesar de não terem ainda o visto no
 «passaporte, deixarem contudo de atender aos sinais de
 «vir á fala que lhes fizerem os nossos vasos bloquean-
 «tes, procurando evadir-se á comunicação e forçar ma-
 «nifestamente o bloqueio.

«Debaixo destes principios, que não podem suscitar
 «reclamações, nem tampouco sofrer diversas inteligencias
 «na sua execução, espera S. M. Imperial que o bloqueio
 «se torne mais efectivo, e, combinado com as frequentes
 «hostilidades praticadas sôbre Buenos Aires, nos conduza
 «a obter prontamente daquela Republica a paz que tanto se
 «deseja.

«Previno mais a V. Ex.^a que S. M. Imperial reco-
 «menda a mais perfeita igualdade de tratamento e proce-
 «der de V. Ex.^a em todas as embarcações neutras».

Não se podia ser mais solícito em garantir os direitos neu-
 trais. A diligencia por cortar a linha de assedio marítimo, de-
 pois da notificação nos papeis de bordo, é que podia justificar o
 apresamento. Haveria nada mais adiantado? Os principios da
 doutrina imperial, aliás aceitos pelos avisos de 17 e 24 de De-
 zembro de 1825, 29 de Novembro de 1826 e 5 de Março de 1827,
 no sentido de «Não se fazerem presas sem proceder a intimação
 do bloqueio aos navios das outras nações neutras», antecipavam
 assim, de uma feição radical, o que de melhor se alcançaria no
 assunto.

Mas apesar do rigor, apareceram os abusos, com os quais sofreu o Governo Imperial consideráveis prejuízos. «Ao Almirante Barão do Rio da Prata, escreve o mais acatado comentar clássico de nossa lei internacional¹, chefe da esquadra bloqueadora, cabe grande responsabilidade pelas complicações e enormes despesas que os excessivos aprezamentos de navios neutros trouxeram ao Imperio. Menospresando as ordens do Governo Imperial, dirigindo-se pelo direito marítimo da convenção de neutralidade armada de 1780, que aliás nem tacitamente fôra adoptada pelo Brasil, direito que êle entendia não poder ser derogado pelos avisos da alta administração publica, como se infere da sua resposta ao Marquez de Queluz nas seguintes palavras: «Ainda repito que os Avisos eram nulos e perfeitamente nulos. Eles não podiam derogar principios estabelecidos e sancionar tratados que formavam a lei geral a que as nações se submeteram e a que o Brazil era sujeito», o Almirante Rodrigo Pinto Guedes deu causa com tão exótico comportamento a grandes desgostos para o país e a avultados sacrificios pecuniarios pelas indemnisações das referidas presas».

Não se conteve mesmo a palavra oficial diante da inobservancia do que havia determinado. «Tal era o modo ilegal com que se portava em tão desgraçado bloqueio aquele Almirante, escrevia no seu relatorio o Ministro Aureliano de Sousa Coutinho, que se consiverava como dono dos navios neutros que capturava, dispondo dêles como sua propriedade, sem sentença dos tribunaes competentes! Em verdade ferve no peito a indignação, quando se vê o desleixo, o abandono, e a delapidação com que foram tratadas estas embarcações, por modo tal que da enorme soma que temos pago, no valor de 5.815:151\$433, a diferentes nações, apenas se recolheu ao Tesouro a diminuta quantia de 302:9370852! ²»

Tão grande foi o alcance da lição, que não deixou de frutificar. Depois das guerras de 1825 a 1828, «os chefes bloqueadores tem procedido tão criteriosamente que os Governos neutros não

¹ Pereira Pinto, *Apontamentos de direito internacional*, II, pag, 381.

² Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1834, pag. 10. Vêr tambem *Defesa do Almirante Pinto Guedes, Barão do Rio da Prata, perante o Conselho de Guerra a que respondeu pelo commando da Esquadra Imperial do Rio da Prata*, Rio de Janeiro, MDCCCXXIX.

tem podido valer-se de um mero vislumbre de ilegalidade para apresentar reclamações». ¹

Assim, os principios do Aviso de 17 de Dezembro de 1827 passaram a figurar no acto adicional ao Tratado de 21 de Agosto de 1825, assinado entre o Brazil e a França; no acôrdo de 14 de Novembro de 1834, com o mesmo país; nos artigos 17 e 19 do Tratado de 12 de Dezembro de 1828, celebrado entre o Brazil e os Estados Unidos da America; nas instruções expedidas pelo Governo Imperial para as provincias do Pará em 1835 e Bahia, em 1838; nos tratados de 1851 e 1856 entre Rio de Janeiro e Buenos Aires e Montevideo; e finalmente nas instruções para o bloqueio posto a Paysandú, Salto e Montevideo pelo Almirante Barão de Tamandaré, a 28 de Outubro de 1864. Já não se fala no bloqueio de Montevideo pela Confederação Argentina, a 23 de Abril de 1852, e tornado sem efeito pela defecção do Commandante Loe.

Em todos êsses actos, foi sempre norma nossa o estrito respeito aos interesses do commercio não beligerante.

Dois exemplos, dos numerados acima, bastam a mostra-lo.

Com relação ao bloqueio do Pará, levado a efeito em 1835, declarou o ministro Alves Branco na sua circular de 30 de Outubro, aos agentes estrangeiros, que «nenhum navio que se destinasse a qualquer porto bloqueado podia ser tomado, apresado ou condenado, se previamente não fosse notificado ou intimado da existencia ou continuação do bloqueio pelas forças bloqueantes, ou por qualquer navio que pertencesse a esquadra ou divisão do bloqueio. E para que não podesse alegar-se ignorancia do bloqueio e o navio que tivesse recebido essa intimação estivesse no caso de ser tomador se depois disso tornar a apresentar-se diante do porto bloqueado, emquanto durar o mesmo bloqueio, o commandante da embarcação que fizer a notificação deverá pôr o seu visto nos papeis do navio visitado, declarando o dia e lugar ou altura em que lhe foi feita a intimação da existencia do bloqueio, e o capitão do navio intimado lhe dará contra fé dessa notificação, contendo as mesmas declarações exigidas para o visto».

Decretado mais tarde o bloqueio da Bahia de Todos os San-

¹ Oliveira Freitas, *Elementos de Direito Internacional Maritimo*, Rio de Janeiro, 1884, pag. 358.

tos, foi mandado observar o seguinte pelo Decreto de 3 de Janeiro de 1838:

«1.º — E' proibido a todo o navio mercante entrar em
«algum dos portos bloqueados, uma vez que aí exista
«qualquer vaso pertencente a divisão do seu comando.

«2.º — O bloqueio não veda a entrada no porto bloquea-
«do aos navios de guerra das nações amigas.

«3.º — Nenhum navio poderá ser tomado ou apresado
«se previamente não tiver sido notificado ou intimado da
«existencia da continuação do bloqueio pelas forças blo-
«queantes, ou por qualquer navio que a êles pertença.

4.º — Será permitido ao navio a que se fizer intimação
«do bloqueio seguir com seu carregamento para qualquer
«porto estrangeiro, ou do Imperio, que não esteja efecti-
«vamente bloqueado.

«5.º — A mesma permissão será concedida aos navios
«que existirem já em qualquer dos portos bloqueados an-
«tes da declaração do bloqueio.

«6.º — Todos os navios mercantes que depois de prévia
«intimação de existencia ou continuação do bloqueio tentar
«dé novo entrar no porto bloqueado, será apresado e con-
«duzido ao logar que pelo presidente da provincia fôr desi-
«gnado afim de ser julgado nas formas das leis existentes.

«7.º — Todas as vezes que se houver de fazer intima-
«ção do bloqueio o comandante da embarcação que a fi-
«zer deverá pôr o seu visto nos papeis do navio visitado,
«declarando o dia e lugar em que lhe foi feita a intimação
«da existencia do bloqueio; e o capitão do navio intimado
«lhe dará uma contra-fé desta notificação.»

Escusado parece dizer mais.

Em sua vida de país autónomo, não prima o Brazil pela prati-
ca das coisas de guerra. Indole, educação, cuidados, tudo pro-
pende nele para as cogitações da paz, em um de cujos apoios,
o arbitramento, tem sido até hoje irrealizavel.

Mas neste caso de assédio marítimo parece, e ficou dito, que
não andou nunca com os mais retrógrados.

HELIO LOBO,
Antigo Primeiro Secretario de Legação,
Consul Geral de Primeira Classe.

Pobre Jico!...

Loja terrea, fria e escura, que nem estrebaria era. Sobre cama grossa de garavalhas, guiços e palha, um misero jumento, esperava resignado a morte. Cabeça ainda erguida, como o féro cavaleiro manchego, espalhava a turvada vista na escuridade, escutando atento os ruidos, que lhe vinham de fóra. Lembraria as manhãs alegres e trabalhosas de quando, em jornadas pitorescas, levava seu amo na procura da esmola pelas casas ricas?!... Essas fomes de antigas, mitigadas apenas por alguma dura côdea ou espiga avulsa, que no caminho encontrasse, tomara-as êle agora, ali esquecido do aleijado, a quem servira tantos anos, numa associação de pobreza, que fôra o encanto dos dois. Então era muito popular, o pobre Jico: as crianças festejavam-no quando o viam aparecer nas encruzilhadas, só porque êle, ao senti-las, as festejava com a musica do seu zurro alegre, e tão a propósito que até parecia coisa ensinada! Este sinal servia de aviso aos caritativos, que desejassem favorecer o mendigo com o naco de brôa, com a tigelita de feijões ou de milho.

A piedade para o manco de pouca vista, compreendia tambem o seu companheiro; mas o jumento era pouco refochado, pois festejava até os que nada lhe traziam. Quando atravessava as aldeias, o rapazio falava-lhe como a seu igual: «Jico, ó Jico, onde vais hoje?» E se êle parava instantes, num sentimento de delicadeza e cordealidade, o egoista do mendigo repreendia-o: «Anda, não faças caso. Só querem brincadeira. Não dão esmola, Diz-lhes adeus com o rabo.» O pobre animal continuava a andar,

movendo as orelhas numa saudação afectuosa, seguindo cordato na sua vida de sacrificio, sempre o mesmo, sem um queixume, ainda que a cilha fosse bamba na barriga, por falta de comida. Trepava submisso e conformado íngremes ladeiras, para chegar ás casas conhecidas, onde a esmola era certa.

Este vagabundear paciente era bem apreciado dos bons corações, que favorecendo o aleijado não deixavam de meter na bôca do seu burro, alguma folha de couve, que o desjejuasse. Nem o amo presumia quanto lucrava com a simpatia geral do humilde servidor, que era ao mesmo tempo guia, pois o cego quasi não atinava, por si só, com o caminho: os olhos de Jico, substituíam os seus olhos, as pernas de Jico, eram as suas pernas e a própria intelligencia do jumento, a sua intelligencia para escolher as casas onde o alforge se enchia.



Mas estes dois companheiros de prolongadas invernias e quentes sois tinham intimidades. O paralítico, de cima do albardão, conversava com o outro, como com um amigo, dando-lhe indicações e conselhos de que êle não precisaria, e talvez não escutasse. Naquela monotonia por aldeias floridas, o seu entretenimento era palrar contando accidentes do passado, sem cogitar em ser compreendido, e admitindo sensatamente que o não fosse. Contava-lhe longas historias da sua infancia livre e desinquieta, de quando tinha pernas para fugir e olhos para atirar pedradas ás figueiras e castanheiros, com o fim de lhes recolher os frutos. Descrevia-lhe a pavorosa catástrofe do incendio, num palheiro em que dormira, e donde fôra tirado em braços, ficando por fim todo engamiado e quasi sem vista!...

— Pensas que fui sempre assim? Tive melhores pernas que tu e olhos para descobrir um mosquito a ùma legua de distancia!

Aquela voz roufenha, como o sussurro dum ribeiro, talvez fosse agradável ao Jico, pois se quedava por vezes em meditação sorumbática. Se era no verão, o dono consentia-lhe esses descansos, e como os attribuisse ás moscas, curvava-se para lhas enxo-

tar, passando-lhe na barriga e entre as pernas, o ramo de verde carvalho, que arvorava depois em bandeira.

— Tem paciência — aconselhava. Essas ladras mordem como abelhões! Também cá me chegam pelas orelhas. Aguenta-te Jico, que eu faço o mesmo.

Mas se acontecia atribuir a molanqueirice tais paragens, então repreendia-o brandamente:

— Anda homem, não me sejas calaceiro. Quererás parecer-te com esses mandriões, que fazem vida pelas vendas e não conhecem uma enxada?...

E, vaidoso da sua lenga-lenga, em que chegava a referir anedotas, acrescentava, ás vezes, sorrindo:

— Bem sei que não degostas da conversa cá do meco. Eu tenho-as boas para contar, e pena é que mais gente não mas escute. Esta historia ouvi-a a minha avó, que era um repertorio a falar. Mas deita lá, que isto não é vida, amigo.

Este *deita lá* era sempre obedecido; porque, se o não fosse, a vergasta do aleijado advertia-o do desmazêlo. E se por acaso na abalada, dava espirro motivado por algum impertinente mosquito, que lhe tivesse entrado nas ventas, logo de cima do albardão, o dono o chasqueava:

— Ristes? E' que lhe achastes graça. Minha avó sabia-as bonitas. Essa do homem de sete pernas, que correu o mundo em sete dias, é chibante; mas eu não ta acredito. Acredital-a tu Jico?... Pois és de boa bôca.

Depois de reflectir acrescentava irónica e bondosamente:

— Outros como tu a terão engulido, e quando se vão confessar encontram padres, tão simples, que lhes deitam a absolvição. Se esses tais forem para o ceu, tamem tu lá podes entrar.

* * *

No peditório das romarias, Jico tinha um procedimento de racional. Instruido pelo dono, no tempo em que via mais do que agora, cirandava com esperta inteligencia, pelo meio de ajuntamentos, onde houvesse possibilidade de boa colheita de esmolos. Para estes dias festivos, o cego mandava pôr-lhe em cima do albardão a sua rica coberta de chita vermelha de ramagens, que o enfeitava do pescoço á retranca. A cabeçada e o rabicho dizia que os enfeitassem de flores. Duas alegres campainhas, dependuradas nas orelhas anunciariam a sua entrada no terreiro da festa. O Ji-

co, nessas ocasiões, andava de vagar, bamboleando-se com donaire de mulher tafula e orgulhosa. O espelho que lhe colocavam entre os olhos, e aqueles que lhe adornavam os lados da cabeça, brilhavam com os raios solares e já de longe o faziam notado. Passeava pelas ruas opulentas dos barraqueiros de quinilharias e de imagens, onde o mendigo tinha ocasião de apregoar lamentosamente a sua desventura:

— Olhai um desgraçado sem pernas e sem olhos, e que só tem o pobre Jico, para andar e para ver os seus bemfeitores!

O burro compreendia a solenidade do momento, pois fazia frequentes paragens, com o fim de dar tempo, ao dono, de receber abundantes esmolas.

Perto das barracas de petiscos, a cujo cheiro não era indiferente, conheciam-se-lhe estremeções de gula, voltando agradecido a cabeça para o lado donde, alguma alma caridosa, lhe metia, entre os dentes, qualquer bocado de pão molhado em vinho, guloseima que apreciava com evidente prazer.

— Olha como êle pega, com geito, na sopa! — aplaudiam os romeiros.

— Ah! isso sempre lhes é um fistor! — comentava o aleijado de cima do albardão. Se lhe derem uma canada de vinho é que o bebe e fica-lhe barriga para mais.

— Isso sabemos nós, mas não damos tio Manel, que *êle* está caro — retorquiam.

— Parece mesmo o boi bento, o demo do gerico!... — gabava uma mulher, aludindo-lhe aos enfeites.

* * *

Todas estas glórias e grandezas haviam passado! Agora jazia naquela loja terrea e escura como uma furna, esperando abatido, e talvez resignado, que a vida se lhe extinguisse. O que mais lhe doía era a ingratidão dos homens, que o tinham esquecido, deixando-lhe para alimento uma exigua mão de palha, que os seus dentes abalados e gastos não podiam moer. Como isto era diferente dos tempos magníficos, em que frequentava alegres caminhos, sob o sol acolhedor, recebendo beneficios e carinhos de toda a gente!

Ultimamente em dias invernosos o cego raro saia a esmolar. Só apertado pela necessidade se expunha a chuvas que o tolhessem mezes, na cama! De sorte que as caminhadas do Jico, por entre

aldeias silenciosas, eram quasi sempre em dias alegres. Existir agradável, posto que trabalhoso e bem diferente do deste momento funereo, em que a velhice lhe abafava a energia doutrora. Tal decadencia vinha de longe, o mendigo bastas vezes lha profetisara :

— Então Jico, hoje não saimos? Não te podes levantar coitado! Tens sido rijo, tens ; mas agora vai-te mal.

Ouvia-o o pobre animal, com olhar dolorido e baço. Meneava lenta, a volumosa cabeça, talvez em signal de amargura pela sua impotencia. Como seria feliz se ainda adregasse, em chegar-se ao misero grabato de seu amo, para que êle se assentasse sobre o albardão, e ambos irem correr a bela aventura da esmola, entre a alegria dos rapazes que o festejavam ; ou, nas romarias, onde entrava ovante enfeitado de flores, espelhos e campainhas, cobrindo-lhe o corpo a coberta de ramagens ! Seria voltar á felicidade do trabalho, ás carinhosas visitas em que lhe davam comida, aos passeios festivos por caminhos umbrosos, rescendentes a rosmaninho e a mentrastos, ladeados de silvedos de amoras negras, que êle apanhava de repelão na passagem. Abandonado, como se via, a expressão dolorida dos seus grandes olhos, talvez exprimisse a intensa dor de sentir proximo o fim da interessante jornada da vida. Já quando começara a sua fraqueza e o aleijado o lamentava, aquelas palavras que êle comprehendera, por serem lamentosas, eram espinhos que lhe entravam no coração ; pois lhe parecia ouvir a algazarra dos rapazes seus amigos, do tempo em que lhe perguntavam, em grita : «Jico, ó Jico ! onde vais hoje?...» Neste momento não podia ir a parte nenhuma ; jazia ali impotente, os ossos moidos pela dureza da cama, sem nenhum prazer para a sopa de vinho, que de vez em onde, o cego lhe mandava dar pelo sobrinho, como mesquinha recompensa de tantos serviços prestados. Estava resignado a receber a morte, bemfeitora e suave, sob as ultimas e minguadas caricias daquele a quem servira, e de quem fora companheiro na vida.

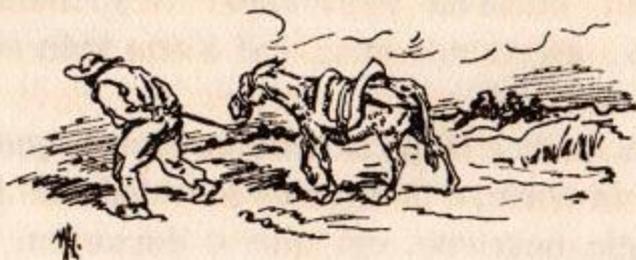
*
* *

Já se não importava morrer, abandonado naquela escura cova . . . Mas, o que nunca esperou, era a suprema afronta de o substituírem por outro jumento novo e sadio. O egoismo é proprio dos homens, e não me parece defeso aos brutos. Isto presume-se ; porque ninguem se gabará de conhecer os misterios que se

escondem num coração, que não possui os complexos modos humanos, que cada um de nós tem, para exprimir a sua dor.

Certo é que o cego para continuar, na vida de mendicante, resolvera, com alguns cobres que amealhara de sociedade com Jico, comprar outro animal, que o transportasse.

Quando o misero lazarento viu entrar na loja, onde tantos annos imperara, o seu successor, os olhos amortecidos sofreram-lhe grande espanto! E ao presenciar que a mesma albarda, que lhe aquecera os lombos; e a mesma cabeçada, que lhe enfeitara a cabeça, passavam a novo possuidor, a sua mágua devia ser profunda e incomparavel! Era sinal patente de que já não servia para nada; era a sentença de morte, ditada á sua vista, com bem pouca delicadeza!



Tudo isso considerou, lá do canto negro para onde o tinham arrumado. Era um semi-vivo a relembrar das portas da eternidade, os dias lindos, que no mundo gosara. Viu, depois, com o coração retalhado, como o cego, com a ajuda do sobrinho e doutro parente, subira para o albardão, sentando-se ali ovante e feliz, com a segurança de continuar as suas peregrinações, sobre novo companheiro. Esta magnificencia de vida impunha-se á sua fraqueza e decadencia irremediaveis. O aleijado teve, nessas circumstancias, palavras de recordação, que, se Jico as pudesse comprehender, lhe mitigariam a dôr no trespassse.

— Vamos lá — disse — que este é rijo e bonito; mas nunca chegará ao outro, que sabia os caminhos das casas boas. Tens de me acompanhar nos primeiros tempos Zé, enquanto êle não aprende. Poderá vir a ser tão esperto e diligente como o Jico?!...

Saiu pomposo, o novo jumento com o seu dono em cima. Jico, presenciou o quadro horrendo, á claridade exterior dum belo sol de janeiro. Outrora tivera tambem dias assim triunfais!... Essa recordação sentira-a, nesse instante, no estremeção de seu corpo velho, como ferroadada que durasse tempo in-

finito. Quem lhe dera tornar aos caminhos ínvios e lamacentos, que são os caminhos da vida! E as paisagens coloridas, os aplausos dos rapazes e dos romeiros, a folha de couve fresca e a saborosa, a côdea de broa molhada em vinho, que lhe metiam na bôca?!... Tudo representava a sua popularidade e o carinho dos bons corações, que na terra o amaram. Apresentava-se-lhe isto num vago anseio, como se já das trevas infinitas o contemplasse! Nunca mais suportaria a leve agrura dessa tarefa apetecida! As pernas não lhe podiam com o misero corpo, nem os olhos eram já capazes de enxergar sorrisos de amigos! Quando o aleijado saiu a porta para o caminho e de lá disse: «Adeus Jico, agora cá vou com êste» o seu peito reben-taria de dôr, se o tivesse ouvido e se ainda estivesse em estado de compreender tamanha ingratidão! Responderia, se fala tivesse: «Adeus, até nunca mais!» e a sua vida acabaria naquele momento tristissimo.

Entrou antecipada e tragicamente na morte, quando percebeu o bater da porta da corte, e que uma escuridade de breu lhe fechou os olhos. Aquele negrume, em que o deixaram, era a sepultura avulsa coberta de terra! Que ideias fúnebres não povoariam aquele cérebro doente e que sentimentos negros não envenenariam aquele pobre coração! O' vós todos que um dia sofrestes qualquer grande dôr, ou cruel desengano, lamentai Jico, nesta hora derradeira da sua vida!

* * *

Para ali ficou despresado, durante todo o tempo que o mendigo andou por fóra. Não veio viva alma junto dêle, nem palavra de carinho soou aos seus ouvidos. Já tinha, por assim dizer morrido, quando ainda conservava pancadas no coração combalido.

Vagueou em vão, os ultimos lampejos da sua pupila, á procura de luz consoladora, que lhe relembresse as alegres paisagens doutrora. Sussurros longinquos e anónimos chegavam-lhe de longe, em toada confusa, como se houvesse desordem no povoado!... Eram tudo criações da sua imaginação enferma.

Porem, já sem apego á existencia, tentou num derradeiro alento erguer-se, procurando gozar as suas ultimas quimeras. Não pôde. Do corpo deslaçou-se-lhe o resto da energia, inclinou a volumosa cabeça e abandonou-se ao espreguiçar da morte!... Caira exausto de forças e de esperanças! Morrera o pobre

Jico!... Quem poderá representar a sua ultima visão de gloria ou saudade?!...

*
* *

Quando o cego voltou do novo peregrinar, que não tinha sido tão afortunado, como os doutro tempo, o sobrinho que foi recolher o animal á loja, relanceou uma olhada sêca ao mísero e ao ve-lo exanime exclamou:

— Olhe o diabo do jerico que está morto, tio Manel!

O antigo amo ordenou:

— Pois amanhã vai-o enterrar no monte, que o não quero aí a feder.

Mas o rapazio que o via passar, montado no outro jumento, ainda recordava, com affectuoso carinho, perguntando:

— O' tio Manel, que é do Jico?...

E o descaravel cego respondia:

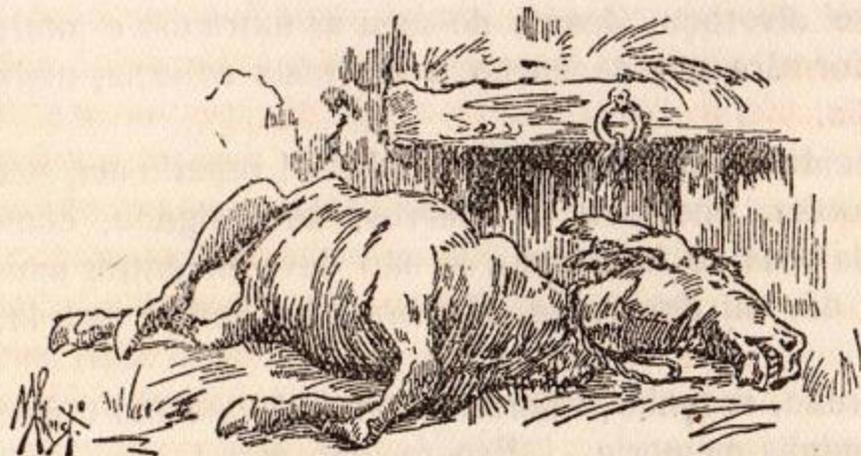
— Lá se deixou morrer. Fez-se-lhe uma cova no monte da Cardal. Se lhe quereis resar por alma, ide lá. Êle tambem não havia de ser eterno. O *sustituto* não tem a labia, que êle tinha para esta vida. Isso não tem, não...

Foi o unico goivo de saudade, que o aleijado atirou sobre a memória do seu falecido companheiro de tantos anos.

A ingratição humana!...

Cortinhas, 8 de Outubro de 1913.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.



Decadencia

— Pelo que vejo, não me reconhece.

Era num trem dos subúrbios. A mulher sentára-se defronte de mim, por simples acaso, ou, antes pela simples razão de ser aquele logar o mais proximo da porta do vagão, por onde ela entrára, no ultimo momento, ofegante de correr, com uma porção de embrulhos nas mãos. O trem largára logo e a creatura, vestida de preto, de luvas pretas, distraira-se a arrumar ao canto do banco as suas encomendas, parecendo mesmo verificar se lhe não faltava alguma. Só depois dêsse exame e dessa recapitulação, repara em mim; e então, um alvoroço de surpresa lhe passára na fisionomia chupada, murcha, sem côr, quasi sem vida... O seu olhar alargara-se, risonho. apesar de tão triste; a sua mão chegára a estender-se esperando apertar a minha... Mas todo esse alvoroço, diante do meu ar extranho e interrogativo, se transformára em decepção e em mais soturna, mais amarga melancolia.

— Decididamente, não me reconhece! repetiu ela, suspirando. Logo, porém, encolheu os ombros, se resignou, como quem, numa vida toda de infortunio, já não deve encontrar maiores motivos de dôr ou desespero. Embaraçado, tentei iludi-la, desculpar-me:

— Perdão, reconheço perfeitamente. A questão é que...

Esta minha memoria... Espere, não diga!

Mas de que servia tal comedia? Na verdade seria preciso advinhar Daquêle rosto, daquêle olhar, daquêles modos, nada me suscitava a mais tenue, a mais longiqua recordação. Nunca, de

certo, essa figura me fôra familiar. Ia até jurar que nunca a encontrára no meu caminho. Realmente, quem poderia ser?

— A Nina! exclamou ela, sem mais se conter e tão em resposta àquela cogitação do meu espirito, que, assim, de repente, me senti como desmascarado.

— A Nina... murmurei, num supremo vexame.

— Pois não se lembra? A Nina! A Nina Polka!

— O esforço que eu fiz, para conter uma exclamação de assombro... A Nina! Impossível! Não, da Nina me não havia eu esquecido, nenhum rapaz do meu tempo se poderia esquecer. A Nina dos *Mosquitos por cordas* e do *Monóculo de Satanaz*; a mais radiosa estrela das magicas de Garrido e das revistas de Artur; verdadeira deusa nas apoteoses do terceiro ato, verdadeiro diabo a sublinhar *couplets*, alma de azogue, electrizando uma plastica impecavel; cabelos negros e reluzentes como ensopados em verniz; e uns olhos, uns olhos que varavam, inflamavam, conflagravam tudo! Naquele momento — abstraindo-me por completo da mulher sentada á minha frente — eu a revia, a outra, á boca de cena, num costume espaventoso de *commère*, a saia fendida e apanhada ao lado, deixando vêr a perna toda, imenso chapéo de imensa pluma, sob a projecção violenta do holofote assettato das torrinhas — a agradecer, num beijo delirante, a inferneira das aclamações. Depois, como mulher, que fantasia, que vertigem! Passava por meio doida, tinha orgulho nisso e por isso, na verdade, só se tornava mais excitante e adoravel, As suas *toilettes* davam tonturas. O exagero era a sua propria moldura, a excentricidade o seu ambiente natural. Mudava de amante — dizia-se — como de vestido; e mais depressa arruinava um herdeiro inexperiente que um par de luvas. O seu carro, tirado por uma parelha que era sempre a melhor do Rio de Janeiro, anunciava-a de longe ás admirações embasbacadas. A' força de notariade, essa actriz conquistára foros de grande personagem official. Mais do que isso! Contava-se que, certo dia, um polícial postado á entrada duma rua, onde se dera um sinistro, com a missão de impedir por ali o transito de veículos, rematára assim a discussão travada com o cocheiro dum Ministro: «Não passa carro, já disse. Nem que seja o da Nina Polka!» Era uma alcunha grangeada pela sua especialidade dançante... Porque essa artista maravilhosa (no seu género) tinha, entre outros, o vicio dos bailes de entrudo, onde a sua presença desencadeava torrentes de cham-

pagne e conflitos de vir tudo, lá dentro, corrido a tiros. No seu camarim, igualmente tumultuavam, esbravejavam as paixões. Não choviam balas, mas poemas. Toda a selecta mocidade do tempo admitida aos bastidores, lhe fizera versos. Eu proprio, a pretexto de critica teatral, lhe fizera — e para o seu nome de guerra, durante tres semanas de exaltação e raleira, procurára a rima cruel... Mas então, Deus do Céu, a mulher que eu tinha agora na minha frente, toda de preto, de luvas pretas, era a Nina Polka? Podia realmente a Nina Polka ser... aquilo?

Em tão singular perturbação e pela absoluta necessidade de dizer alguma coisa, ponderei lorpamente.

— Com que então... está morando para estes lados!

— Estou... — Fez uma pausa hesitante, resolveu-se: — Por economia.

Palavra que jamais, nem em sonho, escaparia dos labios da verdadeira Nina... A que misterio, pois, a que prodigio obedecera semelhante transformação? E eis que, subitamente, me assalta a mais egoista das curiosidades. Vicio de psicólogo, perversão de novelista, a curiosidade daquele problema ou daquele romance passou a resumir em mim todos os sentimentos que a decadencia de tão esplendida mulher, a ruina de tão famosa artista á gente simples e sã pudesse despertar. Considerei-a mais atentamente, armei, para lhe provocar as confidencias, um sorriso traiçoeiro. Mas ainda uma vez ela compreenderia...

— E o senhor? indagou, de certo para me distrair — Mudou-se tambem para os subúrbios?

— Não. Vou almoçar com o Adolfo. Lembra-se do Adolfo?

— O escultor? Como não? Deu alguma coisa êsse estouvado?

— Deu. Voltou da Europa, ha mezes. E montou *atelier* lá adiante, em Cascadura. Muito interessante, pitoresco, diz êle... Nina escutava, interessadissima. E recordava talvez a figura esgrouviada, revoltada daquele Adolfo, enchendo o camarim dos seus gestos dementes, a demolir a gloria dos velhos mestres, a querer igualmente deitar abaixo os monumentos da cidade... — Pois é verdade: Tem andado a insistir comigo, para me mostrar uns trabalhos novos... De maneira que vou lá almoçar.

Mas sem duvida o assunto apaixonava Nina que insistiu:

— Êle, com toda sua maluquice, parecia ter talento...

— Oh, muito! Cada vez mais. E á força de talento, chegou

até a ganhar juízo. — Mas, pensei, falaríamos senão de Adolfo o resto da viagem? E quanto tempo ainda viajaríamos juntos! Ah, não! De repente, numa daquelas próximas estações, dizia ela:

«Bom, cheguei, adeus.» E ali ficava eu, sem saber. Para sempre talvez... Ah, não! Desastradamente, á queima-roupa, desfechei a grande interrogação: — E a senhora?

— Eu, quê? — Colhida assim, de surpresa, còrara ligeiramente, abrira uns grandes olhos admirados — Se também ganhei juízo?

— Não, que idéa. — E ambos, um momento, achámos graça ao equivoco — Desculpe, hein? O que eu desejava saber, era... em suma... o fim que a senhora tinha levado. Ha tanto tempo não nos encontramos... Mas, ouça, se ha indiscrição?...

— Oh, nenhuma.

Isto, num murmúrio e com o rosto voltado para a portinhola. Fingí que tomava a sério aquella frase de simples cerimonia:

— Ainda bem. Eu, se ousei, foi porque, emfim, velhos amigos...

— O senhor, no meio de tudo aquilo, queria-me realmente bem, pois não queria?

— Ainda o pergunta!

— E lembrava se de mim, de vez em quando?

— Sempre. A todos os conhecidos pedia noticias suas... — Outro efeito da minha curiosidade doentia: essa desenvoltura, essa facilidade em mentir. Nem a voz me vacilava, nem as orelhas me ardiam... Como se nunca, na vida, tivesse feito outra coisa. Palavra de honra, então!

— Acredito, disse ela, grave, num tom de perfeita sinceridade. — E não calcula o prazer que isso me dá, Tanto mais...

Hesitou. Ruborizou-se. Instei para que concluísse.

— Tanto mais que nunca, entre nós, houve nada...

Suspirei, com lamentosa hipocrisia. Cá por dentro, rejubilava. Pobre Nina! Se ela pudesse imaginar o gôso, a especie de alívio que, ao contempla-la agora, me vinha da certeza de nunca ter havido nada entre nós!

— Uma vez, pois, que não sou indiscreto e continuo a merecer-lhe a antiga confiança, vamos, conte-me essa grande historia... A historia do seu eclipse... total. Como foi isso? Como foi?

— Ora, como havia de ser? Nada mais simples...

— Uma paixão, aposto !

Nina meneou a cabeça, modestamente, como diante dum exagero que a lisongeasse.

— Não como as outras, em todo o caso... A principio, sim talvez. Esbanjamento, noitadas, roleta, agiotas, emfim: a grande paixão. Foi quando eu representei o *Amor e Abacates*. E agora me recordo que, na ocasião, andava o senhor pela Europa. Mas havia de lhe ter constado lá o successo, não? — E um lampejo da antiga vaidade de cabotina lhe iluminou a face esmorecida. — Talvez o meu melhor papel. Estava aí a Réjane, foi me vêr e tão entusiasmada ficou, que me ofereceu o retrato, com dedicatória... Escreveu-me o nome errado, nada mais natural, mas a dedicatória, gentilissima. Na récita de autor, tivemos o Presidente da Republica...

— E ofereceu-lhe tambem o retrato, esse ?

— Não, está doido! Mas... E foi um escândalo, nos jornais! — Pobre Nina! A essa recordação, mais picante, dos triumphos passados, caiu em si e, vexada, toda púdica, murmurou: — Coisas dos jornaes. O que êle sofreu com isso...

— O Presidente ?

— Não, o outro, o Gustavo, emfim: *êle*. Coitado, fez-me cenas terriveis. Trazia-me as caricaturas, as versalhadas... E a querer por força que eu lhe dissesse se era ou não verdade... Eu, está claro, negava, negava tanto quanto possivel. Mas, quê! Nem protestos nem juramentos, nada o satisfazia. Depois, vá lá a gente, nestas coisas, provar a sua inocencia! E aí começa a andar cismado, frenético, cheio de dúvidas... Em ciume, como em tudo, o mau é principiar: a êle que, até então, depositva em mim a mais cega das confianças, passou a julgar-me capaz de o enganar... com toda a gente. Nunca mais teve um momento de alegria, de socêgo. Vivía na constante preocupação da minha infidelidade. Espreitava-me, chegava de surpresa, magicava toda a sorte de ciladas. Durante os intervalos, não arredava pé do camarim; ficava ali, como um cão de guarda, a olhar de soslaio, a ameaçar, rosnando, quantos se aproximassem. A um cumprimento mais intimo, a uma despedida mais efusiva, arremetia, agarrava-me o braço, desvairado: «E com êste, hein? E com êste?» Fui obrigada a evitar que me beijassem a mão, porque, nesses momentos, via nos seus olhos a ância, o ímpeto de matar. Porfim, ninguem mais me visitava, mal um outro se atrevia a diri-

gir-me a palavra... E ha de crêr que o pobre Gustavo deu em me acompanhar até a entrada de cena e corria de bastidor em bastidor, para não perder um só dos movimentos que eu fizesse? Mas o peor é que as suas agonias divertiam, regalavam toda aquela súcia. O pobre Gustavo tornava-se o pratinho da Caixa. Cada vez mais se afundava em ridiculo e eu própria me sentia, por causa dêle, coberta de ridiculo. Mas, por que o aturava? perguntará o senhor. Então, que quer? Por mais que êsse despotismo, essa furia ciumenta me ofendesse, me indignasse — no fundo, tinha pena dêle. Chegava a detesta-lo em certos momentos, mas faltava-me a coragem de romper e acabava sentindo que, apesar do sofrimento, da revolta, do próprio odio, eu lhe queria sempre bem! De resto, a cada uma das suas injustiças, das suas brutalidades, sucedia logo um imenso arrependimento e a maneira como êle me pedia perdão fazia-me acreditar que nunca mais a horrenda cena se repetiria. Três ou quatro vezes, alucinado, levantou o braço, para me esmagar; e antes que o braço caísse, já êle soluçava perdidamente... Veiu-lhe tambem, naturalmente, a idéa do suicidio. Volta e meia, falava em dar cabo de si. Uma noite, após a briga do costume e a costumada reconciliação, sentou-se ao meu lado, no sofá, e longo tempo chorou, serenamente, sem uma palavra. As suas lágrimas molharam-me o colo todo. Depois, parecendo aliviado, muito calmo, fez-me um pedido, no tom mais natural dêste mundo: Queria-me ouvir dizer muitas vezes, mas muitas, que o amava. «Ande, assim... baixinho... ao ouvido. Vá dizendo... Mais... Bem ao ouvido... Assim... Mas, nisto, escapa-lhe um gemido. Afasto, de repelão, a cabeça que êle me prendia, com a mão esquerda, e vejo... Que vejo eu? O desgraçado enterrava no peito um dos meus grampos de chapéo e dava-lhe voltas e mais voltas, procurando o lugar, entre as costelas, por onde pudesse chegar ao coração!

De tal modo a voz de Nina se toldára, enrouquecera para o fim da narrativa, que essas ultimas palavras antes lhas depreendi do gesto imitativo que ela fazia, revolvendo, com a mão enluvada de preto, o magro seio atormentado. Dirigia-lhe não sei que palavras vagas e inuteis. E mais uma vez ela encolheu os ombros — o que, sem duvida, se lhe tornara um cacete, á força de sofrer e de se conformar...

— Mas depois? perguntei, inexoravel.

— Depois... O senhor compreende, aquilo, assim, não podia continuar. Quando êle me exigiu que deixasse o teatro, quasi não hesitei. Ninguem, na companhia, achava isso possível. O empresario quiz apostar em como, dentro de duas semanas, o meu nome voltaria a figurar no cartaz. Mesmo porque — argumentavam todos — sem o teatro, que ia ser de mim? E tinham razão. Em primeiro lugar, o «sucesso» de cada noite, tão necessario á minha vida como o pão e o ar; além disso... O senhor sabe, talvez, como eu o fazia pagar. Nunca menos de quatro contos e o carro. Sem falar, já se sabe, dos beneficios! Ora, o Gustavo tinha alguma coisa. Muito menos do que me dizia, coitado, mas sempre tinha. O velho, rico estancieiro do Rio Grande, deixára-lhe a propriedade, a êle e dois irmãos. Os outros continuavam a administrar aquilo e o Gustavo recebia, todos os mezes, uma bolada razoavel. Se não levasse a capricho mostrar que o teatro me não fazia falta e, fóra dêle, ainda eu luxava, esbanjava mais... Mas deu-lhe essa loucura... Tentei resistir, fiz tudo para resistir. A tal ponto, porém, os meus conselhos e previsões o irritavam, que, por fim, tive de fechar tambem os olhos, deixa-lo arruinar-se á vontade. Os irmãos liquidaram com êle... E foi rápido. Um sonho... De repente, acordámos, sem nada. Nem as minhas joias restavam; nem aquela medalha, com o grande brilhante, do tricentenaria dos *Mosquitos*... Nada! Que fazer? — E ainda uma vez os seus ombros ressequidos se altearam, caíram, resignadamente. — Paciencia. Tratámos de dar outra volta á vida. E demos. Dum dia para o outro, não sei tambem como, o Gustavo, coitado, encheu-se de coragem, de resolução. Quiz trabalhar. Agarrou-se com uns deputados do Rio Grande que o collocaram. Emprêgo modesto mas, enfim, dá para viver.

E até, pelos modos, êste novo Ministro simpatiza com o Gustavo e pensa em o promover. Que êle merece, creia! Não perde ponto, faz o seu serviço e o de varios outros e, ao passo que tantos outros... Êle, nem por sombras! Aquilo é a honestidade em pessoa. Gostava que o senhor o conhecesse. E por que não? Venha um dia por aí. Peritinho da estação Dr. Frontin, eu lhe mostro a casa. Sim, vê-se do trem, fica num alto... Oh, não vá imaginar algum palacio! Mas é alegre. com um terrenozinho; já plantámos arvores de fruta e agora ando eu lá com uma ninhada de pintos, uma beleza! Venha um dia, o Gustavo ha de ficar encantado...

— E não terá ciumes, não?

— Ora! Ha que tempo êle não pensa nisso! Ciumes!... — Fez um movimento redondo de cabeça, como olhando-se, examinando-se toda. E melancòlicamente, — de quê!

Precipitei a ultima pergunta:

— Em suma, querida amiga, é feliz?

— De certo! exclamou ela, com veemencia, corrigindo logo o semblante dolorido. — Pois não vê? Felicissima. E ainda lhe não dei a grande novidade: Casámo-nos!

A sineta do trem badalou plangentemente, annunciando a estação. Nina apressou-se a reunir, pendurar dos dedos os seus embrulhos. Da *gare*, disse-me ainda: «Não se esqueça de apparecer, hein?» E afastou-se, muito séria, cheia de dignidade na sua prematura velhice, no seu vestido negro que mais a envelhecia e aos meus olhos de antigo admirador a cobria como do luto de si propria...

João Luso.

Ovidio furioso

*Com sanhudo furor, Ovidio atira
A taboinha encerada para a rua:
— «Que um carro te esmigalhe e te destrua,
«Odiado objecto da mais justa ira!*

*«Quem a arvore negra destruiu
«De que provens! Contorcionada e nua,
«Nela alguém se enforcou á luz da lua,
«Amaldiçoando a amante que o trahira.*

*«A uma abelha da Córsega, nutrida
«Só de flor's de cicuta, é que é deviaa
«A cera que te cobre... Vai-te, foge,*

*«Ó taboa, onde o estilete de Corina
«Traçou, tremendo, em sua mão divina,
«Esta sentença: E' impossivel, hoje.»*

EUGENIO DE CASTRO.

Eterna febre

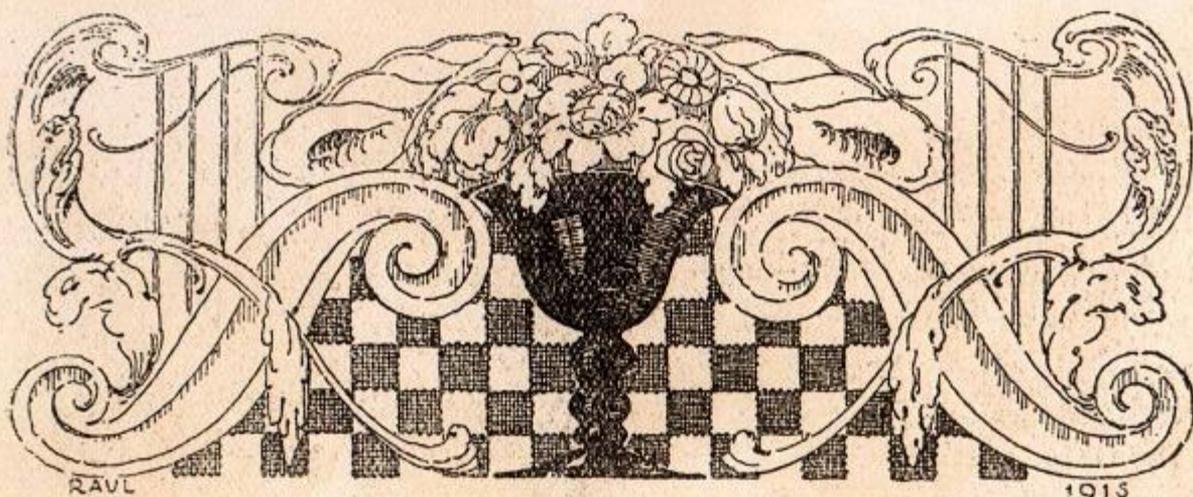
*Um dia serás minha... Ansioso e crente,
Eu sei que minha tu serás um dia,
Porque uma boca imaculada e pia,
Molhada por meus beijos, nunca mente.*

*E se não fosses minha?!... De repente
Esta enraivada duvida sombria
Passa e fuzila em uivos de agonia,
Fuzila e passa tormentosamente.*

*Toda a minh'alma se conturba. E quando
Estrangulado dentro dos teus pulsos,
Julgo a morrer que vou viver odiando,*

*Não sei porque nos frígidos espaços
Febril me vejo, em frémitos convulsos,
Cingindo estrelas nos cançados braços!*

MARIO DE ARTAGÃO.



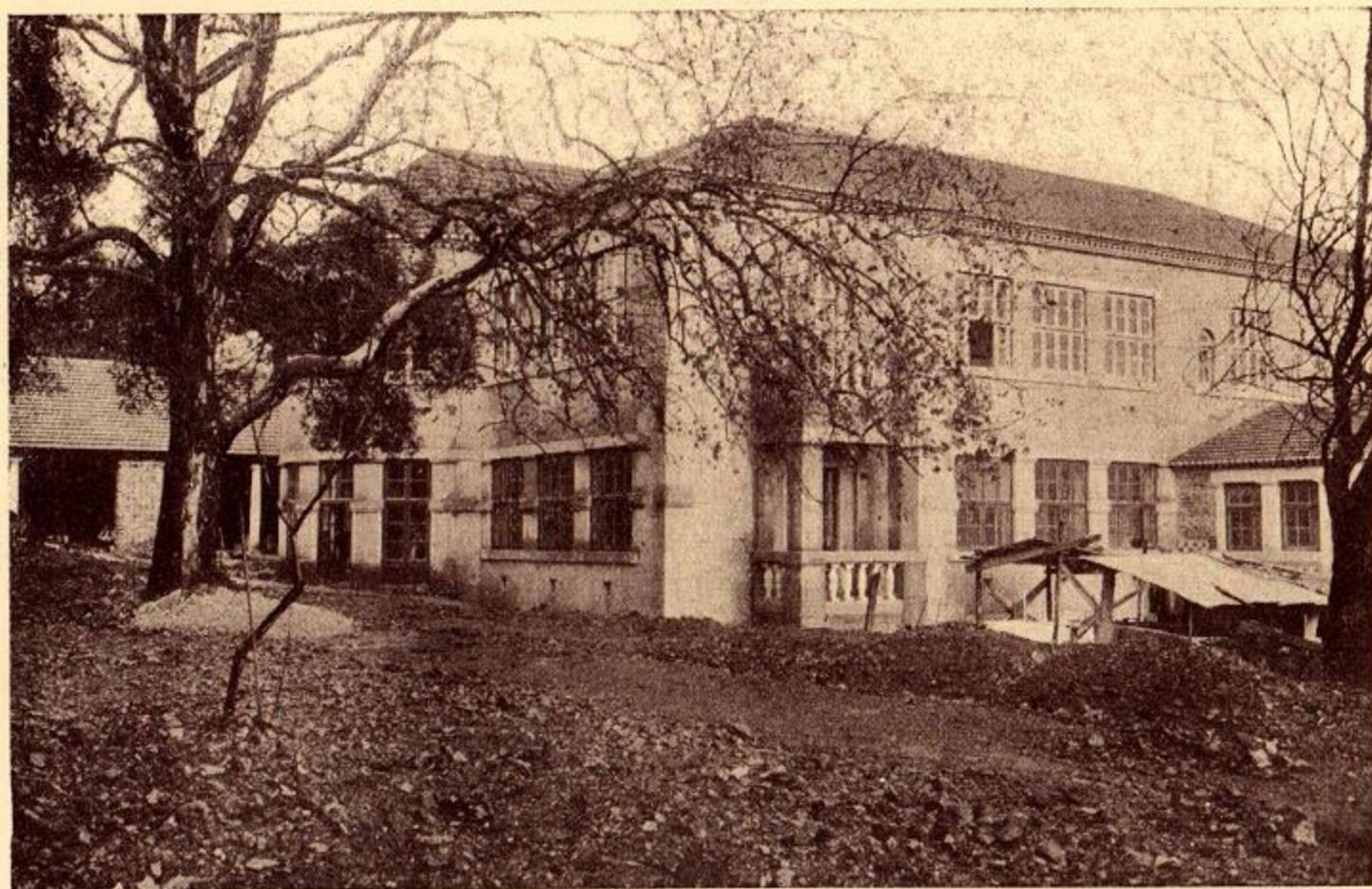
Edifícios Escolares de Raul Lino

Dentro da vasta renovação pedagógica que se tem dado ultimamente em Portugal, os projectos de edificações escolares do architecto Raul Lino têm o seu lugar marcado. Moço, inteligente e culto, com uma sensibilidade bem portugueza que nunca o deixa fazer obra que não seja nacional, Raul Lino — que começou a ser conhecido por certos modelos de casas de habitação, inteiramente novos de fisionomia exterior e de decoração interna — foi conduzido a preocupar-se com o problema, tão importante, da melhor construção e disposição de edificios escolares, pelo alto espirito de educador que é João de Deus Ramos. Este eminente pedagogo é que lhe pediu, com efeito, um projecto para o primeiro dos seus *Jardins-Escolas*, construido em Coimbra, projecto que depois se popularizou pela sua adopção em varias terras do pais, e que é das obras mais ternas e mais harmoniosas de Raul Lino. Reconhecendo-lhe os seus altos méritos, o Estado encomendou-lhe depois o plano de uma escola primaria para oitocentas creanças, em Alcantara, — o que no Brazil se chama «*Grupo Escolar*» —, escola que muito em breve deve ser inaugurada. E, ao mesmo tempo dedicava-se êle á ampliação do primitivo projecto de *Jardins-Escolas*, delineando quasi um novo modelo, logo edificado em Lisboa, sob os auspicios da *Associação das Escolas Moveis e Jardins-Escolas João de Deus.*»

Pareceu-nos interessante, nesta revista que procura ser o eco fiel de todas as aspirações superiores do Brazil e de Portugal, a inserção de algumas notas sobre este assunto, que interessa sobremaneira ao futuro da raça, pois que dêle depende em grande parte, o melhor carinho e agasalho dos pequenos educandos. Raul Lino prestou-se, amavelmente, a escreve-las: — e ver-se-ha mais adiante como elas documentam uma nobre ambição de artista e de patriota, sempre anciosa de beleza e repassada de sinceridade.



Escola Primaria de Alcantara (em construção)
Lado da entrada principal



Escola Primaria de Alcantara (em construção)
Lado da cantina com o recreio

Meu caro João de Barros:

Quando v. amavelmente me pediu para lhe fornecer algumas notas sobre os meus trabalhos architectonicos a propósito dos edificios escolares que tenho projectado, talvez não lhe ocorresse a dificuldade da tarefa que me impunha. Falar-lhe de architectura á vista de tam magros elementos é como se um musico, percutindo uma marimba, lhe quizesse dar a impressão de uma sinfonia. Mas tem v. muita razão em precisar das minhas notas, já que eu, infelizmente, ainda não pude realisar uma dessas obras que me dispensariam para sempre de tentar traduzir por palayras o que só plasticamente podemos exprimir.

Feliz aquele a quem fôr dado pôr todo o seu sentir em architectar um monumento tal que, ao conclui-lo, se torne inutil profereir o célebre imperativo do estatuario diante da figura esculpida — «*parla!*»; e em que, dos seus blocos de pedra talhada, se desprenda, como nas velhas catedrais, uma harmonia parecida com a que se evola dos tubos de um órgão!

Arte amesquinhada entre nós, mal comprehendida e desprezada! Só os espiritos futeis desconhecem que a architectura encerra elementos comuns a todas as outras manifestações de arte, tirando da musica e da poesia o segredo dos seus ritmos, da pintura as suas qualidades pinturescas, da escultura o movimento e a expressão do relevo, e até da literatura toda a sua importante parte simbolica. Em compensação a architectura nada fica a dever ás suas irmãs, dá-lhes o instincto estrutural, a noção do equilibrio e inspira-lhes as leis da proporção; e é tam intimo o parentesco destas artes entre si, que ouvimos constantemente empregarem-se a proposito de uma arte expressões que, parece, deviam ser exclusivas de qualquer das outras: fala-se na architectura de uma sinfonia, na côr de um verso, na disposição dactilica de uma colunata, no movimento de um edificio, etc.

Mas onde as afinidades são mais flagrantes é entre a música e a architectura. E' tam justa a frase de Goethe que chama á architectura «música congelada», que já de ha muito se tornou logar-comum.

A música é bem a alma da architectura e sentimos isso melhor quando dentro de uma velha igreja gotica assistimos ao executar de uma dessas obras musicais que são o orgulho da humanidade. Aí, ao contrario do que se dá nos teatros ou nas salas banais,

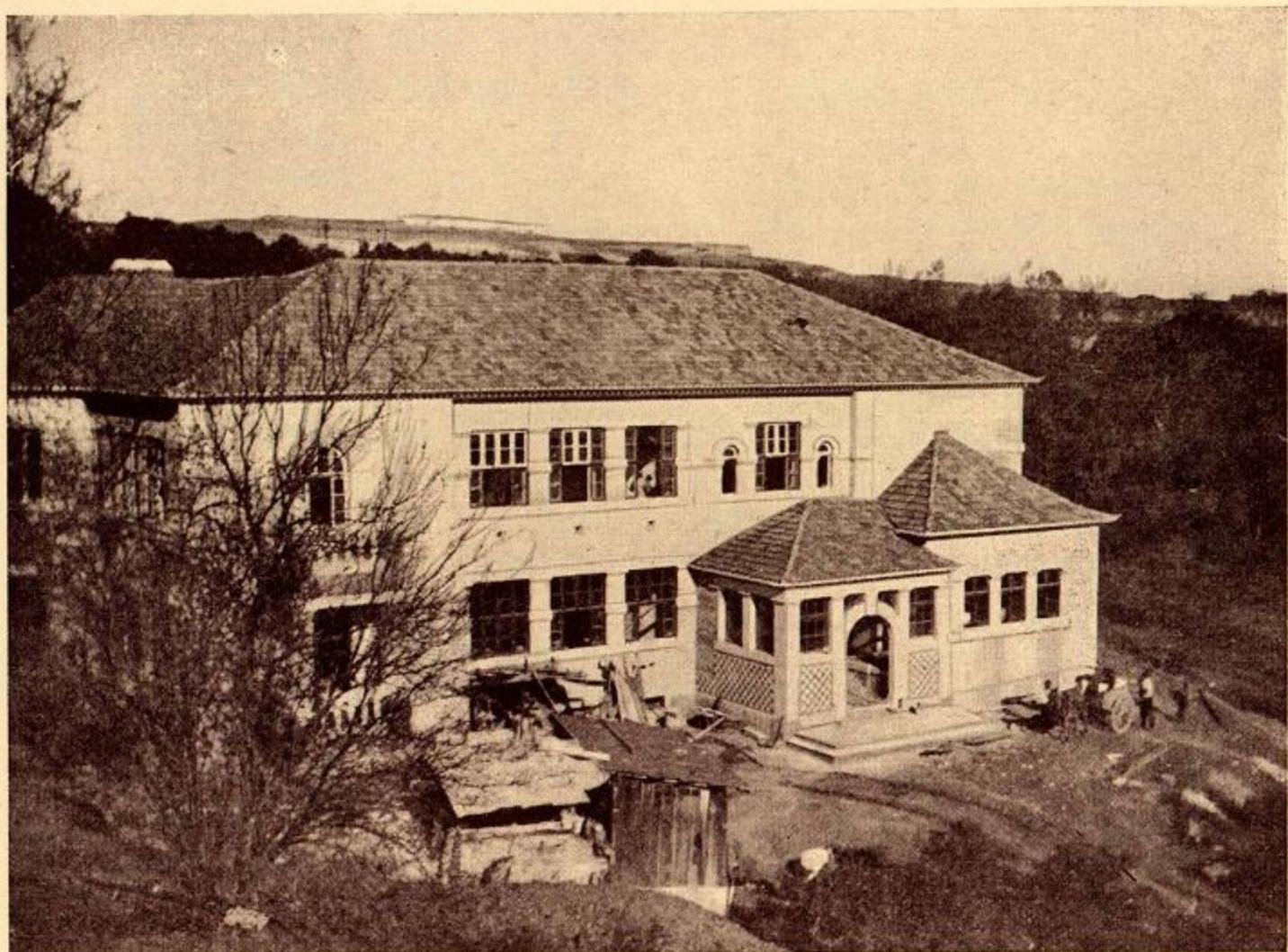
não precisamos de fechar os olhos para recebermos o feitiço da suprema arte; aí, parece que a musica invade tudo como um mar de sonoridades, parece que se espraia pelos lagedos, que envolve com o seu contra-ponto as *penetrações* dos pilares enfeixados, que deslisa pelos lanços de parede massiça ou que esfusia pelos fustes das colunas; embutindo aqui as cavidades fundas das capelas com a pancada surda dos tímpanos, lampejando mais acima em acordes metalicos ao passar pelos vitrais iluminados; e, parecendo sempre procurar incarnar-se novamente nos moldes perdidos de outrora, ascende num longo crescendo até atingir os capiteis mais altos da nave, de onde, após curta suspensão, se lança, numa corrente doida de frase final em semifusas, pelo labirintico artesoadado das abobadas. E' então que toda a grande nave, com os seus pilares e abobadas de pedra, desaparece como uma matriz debaixo do fluxo polifonico que enche o espaço; a obra do architecto não é mais que o negativo de uma nova catedral de sons fundida dentro daquela.

... Mas a musica cessa, e a architectura volta imediatamente ao seu sonho de pedra enquanto as suas faces escorrem os ultimos écos da alma que se parte.

Se a architectura não é apenas um processo de construir casas com solidez e com ornatos á dependura, se ela é uma arte tanto de adaptação perfeita como de ordenação rítmica, de balanceamento de efeitos como de subtilezas de proporção e de simbolismo — então não percebo como se possa ser architecto sem se ter a paixão da música.

A música e a architectura são as duas artes que teem menos propriedades imitativas, razão porque me parece absolutamente contrário ao espirito da architectura querermos produzir hoje obras românicas, góticas ou manuelinas; são cousas que, na sua essencia, teem mais analogia com a arte de representar no teatro. E' indispensavel que para a criação de uma architectura portuguesa estudemos e amemos muito toda a beleza das passadas épocas; e é só pela amorosa dedicação a estes estudos que podemos chegar a reconhecer intuitivamente os caractéres comuns a todos os estilos que na sua essencia são profundamente nacionais.

E' preciso não esquecermos que a architectura é por excellencia a arte de proporcionar; e é tam pueril supôr-se que um painel de azulejos ou um alpendre, só por si, são suficientes para



Escola Primária de Alcantara (em construção)
Aspecto do lado do sul



Jardim-escola e museu João de Deus — Lisboa

caracterisar um estilo, como crer que duas ou tres palavras obsoletas introduzidas num trecho de prosa constituam *estilo nacional*...

Mas voltando á minha marimba, que lhe hei-de eu dizer dos meus projectos de construções escolares? Que o menos incompleto é o da escola primaria que se está executando na tapada da Ajuda, e este foi o resultado bastante torturado de uma especie de assalto de esgrima entre o espirito inventivo de um lado e uma cousa chamada orçamento do outro lado. De resto, estudei o assunto como toda a gente o faria, para satisfazer ás exigencias pedagogicas, de higiene escolar, etc., etc.

Ha um homem lá fóra (deve ser um santo, se paciencia é atributo de santidade) que juntou num livro todos os elementos concretos que possam ser uteis para a elaboração de projectos de escolas primarias e de cujas tabelas eu extrai alguns dados matemáticos que não apliquei, escusado é dizer-se, sem umas certas modificações sujeitas á tal adaptação perfeita que é condição essencial em architectura.

Quanto ao restante, e a não serem cousas que só interessariam aos mestres de obras, só lhe direi mais que tendo economisado espaço nos limites do possivel, implantei a escola no meio do terreno com o maior respeito pelo sol que a ilumina e pelas boas velhas oliveiras que a engrinaldam, e com absoluto desprêso pelo eixo da rua camararia que lhe dá acesso.

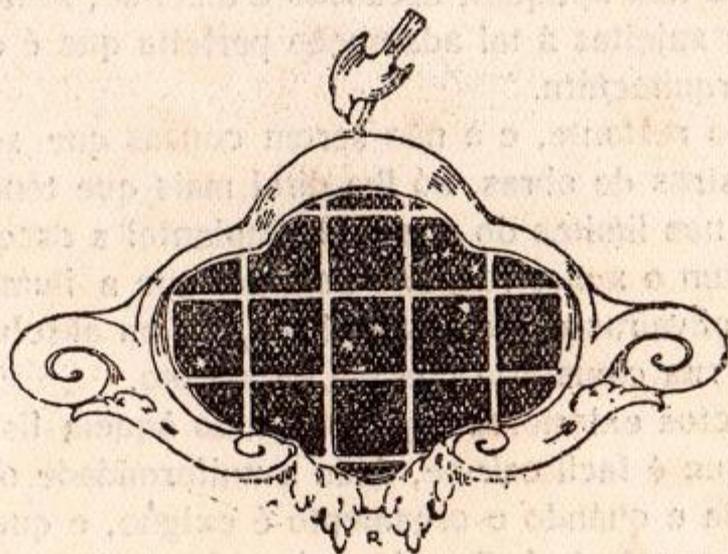
Nos aspectos exteriores fugi sobretudo àquela fisionomia antipatica em que é facil cair-se, dada a uniformidade obrigada dos vãos de janela e quando o orçamento é exiguo, e que pode fazer lembrar as casas de trabalhos forçados. A cantina a que eu dei uma disposição mais carinhosa como sendo naturalmente a casa querida dos pequenos, projecta-se em poligono aberto por todos os lados sobre o campo de recreio assombreado por um soberbo plátano. Uma ingenua decoração enxaquetada de azulejo chama a atenção do enxame estudioso para a entrada do seu cortiço, e esta em si é formada por um largo e baixo arco, feito menos para impôr respeito ás creanças do que para engulir sofregamente o turbilhão gargalhante de rapazes e raparigas.

.....

Perdoe-me a maneira desconexa como lhe aponto estas notas; mas Emerson disse algures que a naturalidade é quem melhor nos ensina as belas atitudes, e que, quem tem um pensamento, logo

sabe o que ha-de fazer dos seus braços e mãos. Um cavador que trabalha com todo o vigor não tem senão atitudes belas; ora, como v. sabe, sendo eu em letras simples cavador, dar-me-ia por muito satisfeito se v. aprovasse estas duas enxadadas que dou no terreno da arte nacional, que, cada um a seu modo, ambos nós cultivamos.

RAUL LINO.





SOUSA PINTO — O velho Borges

A casa de Camilo em S. Miguel de Seide

A casa de Camilo fica a uma légua de Vila Nova de Famalicão. Uns minutos de automovel apenas. Vê, para o norte, a serra de Vermúim, onde houve um castro romano, e a pitoresca freguesia de Requião, onde existem as ruínas do Paço de Ninães; para o sul, a freguesia da Carreira, a de Landim, e as ondulações distantes do Monte-Córdova; para o nascente, Oliveira, e, ao longe, como uma pomba cansada que poisasse no monte, a capelinha branca de Santa Tecla; para o poente descortina-se Ruvães, onde fica *aquela casa triste*, que deu, com êste mesmo título, um belo conto ao Mestre, como sabem.

De forma que, olhando em tórno, tudo são evocações e sugestões duma grande parte da Obra de Camilo... A «Bruxa de Monte-Córdova», «O Senhor do Paço de Ninães», o «Cego de Landim», a «Brasileira de Prazins», além de muitas outras novelas cujo logar da acção se não enxerga, velado pelas bambinelas dos cêrros ou perdido no recesso verdejante dos vales.

A paisagem que cerca a casa ilustre é exuberante e bela nas estações fecundas, como todo o baixo Minho: talhões virentes, as hortas férteis, searas, casais rústicos; um esplendor de arvoredo, a que se enroscam as vinhas de enforcado; as eiras loiras; e um povo a moirejar de sol a sol, como galerianos, mas em quem desabrocham as cantigas como os cravos do S. João. Os horizontes que se avistam da casa de Seide, se não se espraíam na vastidão de outros pontos do país, em que os olhos se perdem de cansados, têm, contudo, ainda em pleno verão luxuriantes de folhagens, uma grande largueza e uma atraente beleza. O

portão do jardim deita para um largo de carvalheiras, bem minhoto, com o cruzeiro de pedra; e a luz é clara e doce em toda a região circundante.

Em volta daquelas paredes cantaram e assobiaram os mais alegres melros, floriram as macieiras mais lindas, fulgiram, enchendo os campos e outeiros, os luares mais idílicos. Não é, como em Val-de-Lobos, um sítio ermo e solapado entre montes, para plangências proféticas... E, todavia, essa casa de Seide, onde parecia que a dôr constantemente espiava, foi um lugar de angústias e de tempestades morais. Esse gigante da Paixão e do Sarcasmo teve, como êle diz do seu igual D. Francisco Manuel, duas celebridades: a do talento e a da desgraça. Sempre, em redor, os corvos a esvoaçar-lhe; e talvez o seu riso, como o de Heine, seja, muita vez, para lhes não escutar os grasnidos. Mas não vem a pêlo esmiuçar-lhe aqui as causas do infortúnio, nem o drama romanesco da sua vida — já largamente estudados.

*
* *

Foi essa casa célebre, um ponto de romagem para as muitas pessoas cultas que paravam na Vila, que um incendio devorou, não fez um ano. E é essa habitação que alguns admiradores querem reconstruir sôbre as ruínas chamuscadas, chamando em seu auxílio todos os portugueses que ainda se interessem pelos seus grandes homens. A obra a realizar é simples; mas, para êsse pouco, que de actividade e de esforços não tem sido necessário empregar!

O plano é a reconstrução da casa, como no tempo em que Camilo a habitava, sem adulterações com que lucraria a estética, mas em que perderia a verdade. Serão mantidas rigorosamente as linhas características e as divisões interiores. Ficará no primeiro andar, na maior sala, o museu, com o mobiliário e objectos do escritor; em cima, para a frente, como de antes, o escritório com as estantes e a mesa de trabalho, o mesmo candieiro de azeite que lhe alumiaava as vigílias, o boné de larga pala — com tudo, emfim, que afortunadamente existe na casa do outro lado do caminho, onde vivem os netos. Nas traseiras, comunicando com o escritório, o mesmo quarto de dormir do Romancista, em cuja janelinha, quási monástica, os ramos mais altos da *acácia do Jorge* vinham roçar, como quem chama, num afago de amor...

Ao rés-do-chão será a escola primária de S. Miguel de Seide, cheia de luz, cheia de ar, higiênica e moderna.

O grupo ilustre que em Famalicão se entregou à canseira simpática da reconstrução da casa tem à sua frente a dedicação e a energia do sr. José de Azevedo e Menezes, publicista distintíssimo, que foi amigo pessoal de Camilo, e que freqüentou Seide nos tempos já longínquos em que o grande escritor dardejava as suas maiores sátiras, ou modelava em barro latejante algumas das figuras mais belas da sua vasta galeria de novelista. Ali, nesse refúgio rural, foi que o lutador da *Bohémia de Espírito* forjou o aço faiscante das suas melhores armas de polemista, brandidas com a destreza e a fortaleza esbelta com que na vélha Espanha do século XVII, á luz dos nichos, Quevedo se batia — tam seu irmão em génio e desventura! Entre aquelas paredes de taipa, na solidão presaga das insónias longas, traçou Camilo a prosa incomparavel do seu último período literário, até êsse primor da *Brasileira de Prazins* — maravilhas de forma ao mesmo tempo clássica e moderna, em que as lufadas de riso e os lances de patético ficaram marcados com o seu próprio sangue, que, em Arte, é a única tinta indelevel, no dizer dum nosso grande poeta, e que o Diabo já preconizava ao Fausto como «um suco muito particular»...

* * *

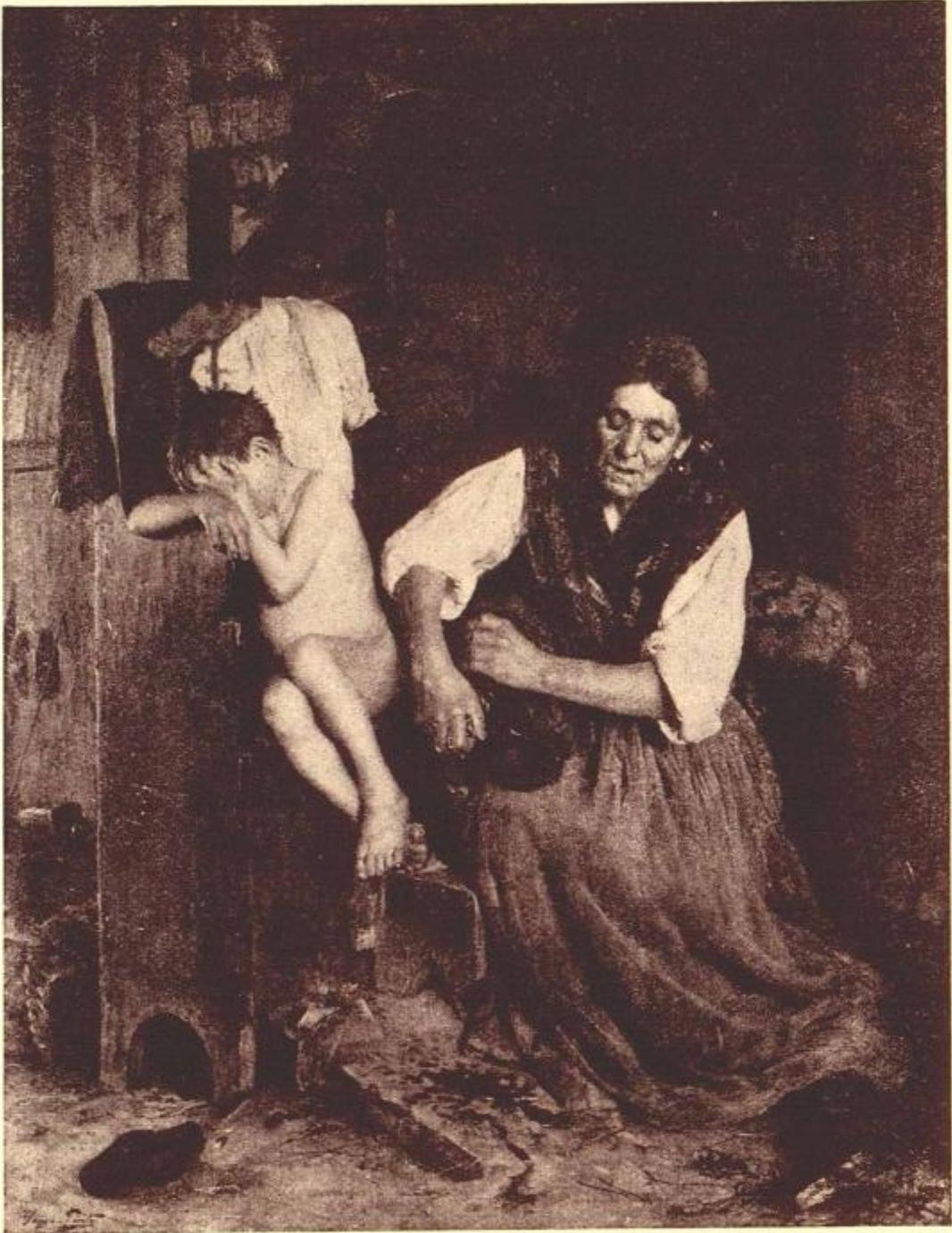
A reedificação da Casa de Seide deverá iniciar-se em breve. Não se malograrão desta feita os desejos da justíssima homenagem. Mas como tudo quanto diga respeito ao escritor glorioso anda mal agourado, é natural que todos os que o admirem se congratulem com a boa-nova.

Afinal não é apenas com Camilo que o desleixo quási geral tem inutilizado algumas decididas energias. Com Garrett, na sua terra, parece que só agora alguma coisa tentam levar a cabo — volvidos 61 anos sôbre o falecimento do poeta. Com Herculano ninguem se importou, a quando da sua morte, de organizar um museu em Val-de-Lobos, criando o Estado uma escola de oleicultura naquela pequena propriedade histórica. A respeito de Castilho ninguem fala — e não é justo o silêncio... E' que entre nós não está ainda vinculado e florescente o culto dos herois, no sentido de Carlyle. Falta de cultura, de gratidão, de amor pátrio e de justiça.

Pressente-se, entretanto, que uma era nova vai radiosamente alvorecendo... As homenagens póstumas são um sintoma a que eu chamaria poético, se déssemos á palavra o sentido profundo. Há pouco ainda, escrevia o admiravel dramaturgo que é Eduardo Schwalbach: «A obra de Camilo ergue-se como um dos maiores monumentos do século passado — como a Batalha ou os Jerónimos —, e, como êstes deve ser visitado amiudadas vezes, para enobrecimento do espírito e da alma». Nesta mesma *Atlântida*, o illustre escritor Luís da Câmara Reis lembrava a criação de dois museus, no mesmo prédio em que viveram Oliveira Martins e Raimalho. No Pôrto, como dissemos, e para fim idêntico, pensa a Câmara adquirir a casa em que nasceu o autor do «Fr. Luís de Sousa», e um grupo de admiradores prepara-lhe um monumento. Em Seide vão realizar alguma coisa util e consoladora...

Os mortos ressuscitam. Era tempo de esfolharmos sôbre os grandes sepulcros mãos cheias de Beleza!

JÚLIO BRANDÃO.



SOUSA PINTO — Molhado até aos ossos

A acção da mulher na América

Tem-se dito que na escola americana reside o segredo das qualidades de raça que na América do Norte preponderam em todas as categorias da vida nacional, e assim o creio. Educando simultaneamente a intelligencia e o character, a escola incute, por gradações mal sensíveis, no animo da mocidade a aspiração de se dirigir por si mesma, aspiração que conduz a este espirito de *self-direction* que impregna toda a actividade do paiz e é elemento essencial do americanismo.

Self-direction quer dizer sentimento de responsabilidade pessoal, mas responsabilidade consciente do proprio valor e da propria força. A escola prepara, pelo cultivo dêste sentimento, o mais poderoso factor na formação da alma do povo — a confiança em si próprio. E é sob a constante e directa influencia dela que o povo, predisposto a bem aceitar tal influencia pela hereditariedade puritana de gente enrijada na fé e endurecida na resistencia, como eram os primeiros colonos da Nova Inglaterra, sente refflorir-lhe sempre na alma renovada de gerações em gerações, a mesma antiga qualidade irreductivel, principio activo e constituinte do seu modo de ser esforçado e voluntarioso.

Uma parte muito avultada do professorado é constituida por mulheres. Tem-se a opinião de que as mulheres, na educação das creanças, succedem ás mães mais naturalmente que os homens, sabem melhor cultivar o sentimento nos corações pequeninos. Quem poderá defender uma oposta opinião? Faz-se da mestra uma intermediária entre a mãe e o professor, e alarga-se a sua acção maternal tanto quanto o consente a sua capacidade peda-

gógica. Rapazes de quinze annos, deseseis annos, desesete annos vão ainda á mestra — e vão *ainda* á mestra, porque essa mestra *já* póde ensinar-lhes materia que entra nos programas do ensino secundario. Diz-se na Europa que o ensino dos rapazes deve ser, antes de tudo, viril, uma vez que tende a formar caracteres; e, onde isto se crê, o ensino pela mulher não sobe além das classes primárias e infantis. Na América, pensa-se exactamente o mesmo, mas faz-se exactamente o contrário. Comparados os resultados da prática, o que se apura? Apura-se que a percentagem dos efeminados na população das escolas da Europa atinge cifras intensamente lamentaveis, e que é aterrador o numero dos falhos de character que saiem dessas mesmas escolas; ao passo que dos casos perigosos do efeminismo nas escolas masculinas da América ninguém dá fé, e o character com que os alunos dessas escolas se apresentam e entram na vida social, é modelar de integridade, de rijeza, de tesura.

A promiscuidade dos sexos, desde o *kindergarten*, ou jardim da infancia, até á *high school*, ou escola superior, virilisa o chamado sexo fragil e desbasta as arestas do chamado sexo forte. A coeducação trás, desde logo, o sentimento exacto da dignidade dos sexos; em seguida, estabelece entre êles relações de affecto, que começam pelas inclinações ingénuas da infancia, se continuam no desabrochar das simpatias mais intensas que trás a adolescencia, e finalmente se definem como norma de sociabilidade no mutuo respeito das ideias adultas.

Muito me tenho divertido eu agora, depois de estar na America, á custa daqueles que pretendem fazer passar por coisa séria o movimento feminista na Europa! Querem que a mulher tenha todos os direitos, todas as garantias; querem que ela seja, verdadeiramente, na sociedade como na natureza, a companheira do homem; dizem-na escrava e oferecem-lhe alforria. Mas esquecem o melhor, ou ignoram o melhor, ou não fazem caso do melhor — que é o saberem amá-la, o aprenderem a amá-la. Reformem os códigos em beneficio dela, legislem para ela as máximas regalias, façam-na participar por metade em todos os lucros da vida material — e perguntem-lhe se assim fica contente. Dirá que não. Ela só se mostrará contente quando se souber verdadeiramente amada.

A mulher americana sabe-se verdadeiramente amada, porque foi ela mesma que ensinou o homem a amá-la, nas edades em

que o amôr, como qualquer materia de programma escolar, se aprende melhor e nunca mais esquece, hombro com hombro nos mesmos bancos da aula, aos pares e aos grupos nas horas de recreio...

O feminismo só deixará de ser, nos paizes em que o é, um disparate ou uma mistificação, quando não mais interceptar na educação dos rapazes o convívio das raparigas. Como evitar as contingencias perigosas que até agora teem servido de razão para combater a promiscuidade além das escolas de primeira infancia? Levando-os a correr o perigo dessas contingencias, sob a vigilancia bem rigorosa, mas bem dissimulada, de uma habil policia que prontamente acuda aos possiveis desmandos dos temperamentos.

Porque o caso é êste: nós, na Europa, não vencemos o receio de juntar nas escolas rapazes de quinze annos com raparigas de quinze annos, dado que todos nós passámos por aquelas mesmas idades, e sabemos o que teriamos feito se os nossos pais não houvessem pensado a nosso respeito o mesmo que nós pensamos a respeito dos nossos filhos. Ha até um provérbio, que compara os perigos da promiscuidade aos do lume perto da estopa. E como não vencemos tal receio, não tentamos a experiencia.

Os americanos fizeram-na, e com tão bom resultado, que nella basearam a idealisação dum curso de amôr inerente a todos os outros cursos professados nas suas escolas: — um curso que não tem aulas, nem mestres, nem regulamentos, mas em que todos os rapazes e todas as raparigas, sem darem por isso, se matriculam, se applicam, e de que tiram sempre óptimos proveitos.

Sente-se o menos que é possível do regimen disciplinar. Nas aulas e nas salas de estudo, os estudantes estão sempre á sua vontade, entram e saem quando querem, não pedindo licenças nem apresentando desculpas. Cada qual tem sua mesa, sua cadeira, seus petrechos proprios. O internato penitenciário, o internato-condenação, onde os pais encarceram os filhos sob o pretexto de não poderem exercer directamente sobre eles uma conveniente acção repressiva, não existe. Emquanto dura a frequencia das escolas primárias e das escolas de gramatica, *grammar schools* — os pequenotes e as pequenotas abalam todas as manhãs de suas casas para as aulas, e das aulas voltam todas as tardes para suas casas. Sempre sós, sempre sôbre si.

Depois, quando chega o momento de passar á escola superior,

á academia, ao instituto, á universidade, dizem adeus á familia, e vão viver ao redor das suas novas aulas. E é então, aí, que o estado ou o milionario benemérito lhes tem preparado, disposto, arranjado um novo meio doméstico, organizado uma outra nova vida de familia.

Se o estabelecimento de ensino é só destinado a raparigas, como o Smith College, nem por isso elas são privadas do convívio dos rapazes. Se é só destinado a rapazes, como a Military Academy, nem por isso eles são privados do convívio das raparigas. Naqueles onde se dá a coeducação dos dois sexos, as ramarias altas das arvores do mesmo parque repartem a mesma fresca sombra pela janela de Paulo e pela varanda de Virginia.

Rainha em uma democracia sabiamente estabelecida e poderosamente enraizada no sólo, como é a democracia americana, ela tira das suas óptimas prerogativas de soberana as atitudes voluntarias e o impulso firme da acção. As leis e as idéas do seu país, e o temperamento dos homens seus compatriotas, fazem-na mais que forte: dão-lhe esta espécie de invulnerabilidade que por toda a parte a põe a caminho sem temor, com os seus sapatos de bico largo e salto a razo, a sua saia curta e a sua mala de mão.

O supremo encanto da americana consiste na justa doze de futilidade feminina que entra na composição do seu todo, combinando-se-lhe com as privilegiadas faculdades de discernimento e generalizado desenvolvimento intelectual.

E' a americana um tipo de beleza? Certamente que o é. Já o hábito de se governar por si só lhe dá a singular firmeza da fisionomia. Depois, com a prática dos desportos, vem-lhe a elasticidade das maneiras, o vigor das atitudes, tão notavel já nas rapariguitas de dôze anos como ainda na maior parte das velhas. A liberdade absoluta em que são creadas e se desenvolvem estabelece para todas um identico aspecto.

Mais alta que meã, mais sobre o delgado que rechunchuda, toda a sua graça peculiar lhe está no desembaraço dos gestos e na força do ânimo. Falta-lhe talvez, a regularidade das linhas das belas inglêzas; e conquanto algumas lembrem estátuas gregas, no dizer dos panegiristas, certo é que a mistura das raças, tão intensa na America, produz por vezes tipos compositos de pouca distinção. Mas não ha pele mais fresca e mais macia que a

sua, e tanto que o olhá-la basta para nos fazer sentir-lhe a macieza e frescura. Abundantes e sedosos, os seus cabellos ou são coruscantes de oiro quando loiros, ou, quando negros, profundamente negros como o ébano polido. A côr dos olhos, garços, de pervinca, azulados ou comparados ao escuro da lontra, esbate-se-lhe pela tez aveludada como a orquidea, em espumados inexprimíveis. A bôca, afeita ao riso franco e á palavra de um só sentido, fende-se em mostruario de dentes muito iguaes, de bom esmalte e bem unidos — dentes que, quando não são fios de pérolas, e lhes falta a beleza natural, têm sempre a belleza do asseio, em que por muito entram a escova, as pastas de Colgate e os cuidados do dentista.

Quando a beleza da americana atinge a designação de beleza profissional — *professional beauty* — já então o poder das palavras é nenhum para dizer o que essa beleza seja. Contar as maravilhas dêsses bustos delgados que desabrocham na elegancia das formas mais esbeltas; as surpresas dêssas gargantas altas, que lhes irrompem dos hombros como hastes de flôr de uma floração extasiante; as seduções dêsses rostos de uma impeccabilidade que a escultura não atingira; e essas linhas de nariz, traços de bôca, curvas de sobranceiras, rasgões de olhos de que parece só transluzirem a intelligencia, a candura, a graça casta, sem vestigio de mais leve movimento de músculo em que alguma vez tenha vibração a malicia, o mesmo seria que contar, dólar a dólar, os milhões de que se compõem as fortunas dos pais e dos maridos dêssas belezas.

Mas todas, ou quasi todas essas belezas profissionais, postas a prémio em concursos e apregoadas e retratadas nos jornaes e nos magazines, como o são os homens de forças, victoriosos em mil campeonatos de lucta, a cada passo nós as encontramos na Europa. Essas são as americanas da moda, que passam a vida de ócios entre a sua Quinta Avenida ou o seu Newport e as nossas grandes capitais, estações de aguas, praias e cidades de inverno. E essas, valha a verdade, o despeito do exagêro das abas e plumas do seu chapeo, da preciosidade e abundancia das suas joias, do ruído dos seus tacões e dos muitos fru-frus das suas sedas, facilmente se misturam e vão levadas na onda cosmopolita.

A americana que não tem pai rico, nem marido príncipe russo ou marquez italiano, e que tudo quanto é pelo trabalho,

pela cultura intelectual, pela afirmação de personalidade, a si só o deve, essa sim! essa é que tem sainete e é que marca bem o tipo do seu sexo, de uma ponta do Continente a outra ponta, de Wall-Street de Nova-York a Broadway de S. Francisco da California. E tanto faz que ela seja a *girl* de Boston que passa o seu dia nas bibliotecas e nos cursos livres, correndo de um lado para o outro com os seus livros de filosofia debaixo do braço como seja a *girl* do Oeste, que, de cavalos ao vento, percorre a campina ou galga a montanha a cavalo, encarranchada num selim de *cowboy*; a *girl* caixeira nos armazens de Chicago, como *girl* devotada às obras de piedade de Salvation Army.

Em vivacidade inteligente e bom humor comunicativo é que nenhuma outra do mundo pode ser comparada á americana. Nada mais agradável de presenciar em prazeres de sociabilidade que a agitação de um grupo destas raparigas desataviadas, sem uma sombra de pó de arroz na face nem um arrebique inutil de *toilette*, as mãos espalmadas metidas até ao fundo nos bolsos dos seus casacos-tailleur, ou postas atrás das costas cruzados os dedos, pelo hábito do exercicio ginastico que melhor distende o peito, arranchando com outro grupo de rapazes desempenados como elas, e, como elas, de desenvolto ânimo, conversando livremente, no bom sentido deste adverbio, sobre o tombadilho de um vapor ou no terraço de um casino. Na frase, como no riso, nada de duvidoso nem de subentendido. Se em vez de raparigas entre os quinze e vinte annos, o grupo fôr de mulheres já feitas, de mulheres casadas, divorciadas, viúvas, a livre alegria será a mesma, da mesma sorte correcta e limpida. E se acontece que o grupo de raparigas ou mulheres se formou antes que tivessem aparecido os homens, quando estes chegam, e se aproximam, nunca a conversa é interrompida bruscamente porque o que se dissesse não pudesse ser ouvido.

Será isto porque elas reservem a má lingua e o que não possam dizer em voz alta para as conversas de portas a dentro dos seus clubs? Já vamos ver que não.

Nesses clubs, onde exclusivamente se faz literatura ou reforma social, filantropia ou arte, o tempo não sobeja para a bisbilhotice. Tais reuniões, tendo por fim a affirmação de idéas e a realização de propositos práticos, exercem uma poderosa e notavel acção sobre o espirito das mulheres, afinando nelas o hábito do escutar com atenção e do refutar com lógica. E torna-se en-

tão extremamente curioso ver como exercitam simultaneamente as suas aptidões pelo raciocínio como pelo facto.

Do convívio dos clubs, em que se discutem, bem ou mal (o que é lá com elas) questões de moral, de filosofia, de ciência, de história, de estética, resulta sempre para a americana, quando mais não seja, a facilidade da elocução, a clareza do juízo, o senso crítico; e é assim que muitas vezes despontam verdadeiros talentos que, sem isso, muito provavelmente nunca se teriam revelado.

Se o club tem, como o *Women's Club* de Chicago, uma feição eminentemente prática, aí temos nós essas revoadas de americanas repartindo-se nos *comités* de beneficência, de educação, de ensino doméstico, vindo muitas vezes em auxílio das próprias municipalidades e colaborando com elas.

Em nome da fraternidade e do sentimento materno, a acção de alguns destes clubs chega a ser incalculável de benefício, de zelo e de precisão. A punição, pelos tribunais, dos casos de violência e crueldade de que tenham sido victimas mulheres e crianças desprotegidas, a regularização dos nascimentos ilegítimos, o embolso de pequenas dividas, os divórcios requeridos e obtidos, a collocação de serviçais, o socorro a estrangeiros, as tutelas e os subsídios; a assistência médica, a fiscalisação das prisões, dos hospícios, dos asilos de mendicidade, o estabelecimento de banhos para os pobres e os serviços de ambulancia, a instituição de prémios de virtude e de instrução, as reclamações a favor do asseio e hygiene das cidades, etc., etc., são outros tantos assuntos que os clubs femininos consideram da sua alçada, e na solução dos quais põem uma pertinácia e uma fé que são de todos os dias, e de dia para dia mais expansiva e assinaladamente proficuas.

Aquilo a que na Europa se chama caridade, e que tantas vezes o não é, tem aqui um outro nome e exerce-se com uma outra efficacia. Chama-se filantropia e baseia-se principalmente no estímulo do *self helping*, que é o aproveitamento de todas as parcelas de acção que se possa obter de cada indigente em beneficio comum da própria indigencia. A esmola não se dá nem se pede; não existe. Ampara-se o que precisa de amparo, facilita-se o socorro, presta-se o apoio, não por amôr de Deus, nem por alma dos fieis defuntos, mas por amor da humanidade e para consolação dos vivos.

Nos paizes da Europa onde se consente e se alimenta a mendicidade, os felizes e os ricos ou dão a esmola para que o pobre os deixe, ou esperam que a benemerencia lhes redunde em louvor publico. Assim a desventura toma extensão e frequencia. Tem-se uma clientela de pobres como só pode ter qualquer outra clientela. Concorre-se abundantemente para o custeio de instituições de beneficencia que invariavelmente obedecem ao tipo do antigo asilo, escola de mandriice, onde os recolhidos, se são creanças, vão esperar a idade de serem postos na rua, e nada mais: e, se são velhos, a hora de irem para a cóva. A uns e outros, a caridade não pede, em troca do que lhes dá — casa, cama, mesa, roupa lavada e engomada — senão alguns padre-nossos e algumas avé marias. Do exercicio desta caridade participa o Estado por avultada porção, e não sei de nada mais ininteligente, frio e sêco, do que essa assistencia burocrática, repartida por um grupo de funcionarios assalariados, absolutamente incapazes de outro sentimento diverso daquele que êste comodo provérbio exprime: que a caridade bem ordenada por nós deve ser começada.

Aqui, estudam-se os transe amargurados da existencia popular, considera-se a soma de energia necessária para adquirir um bocado de pão, medem-se as difficuldades de toda a sorte com que luctam as classes trabalhadoras; e sabendo se admirar como a sua resignação é grande, como é forte a sua compreensão do dever, e como nelas o sentimento do bem predomina sobre os instintos do mal, procura-se premiá-las do melhor modo.

A instrução e educação populares criam um ambiente favoravel a todas as propagandas em que se aliam a obra humanitaria e o espirito científico, e mais facilmente, assim, se radica a idéa de que todo o esforço empregado no sentido de poupar os pobres aos embates da sorte adversa, é tentativa generosa em favor da solidariedade que deve existir entre as diferentes classes, pois que todas entram na mesma engrenagem, e umas das outras dependem.

Uma das primeiras questões que a filantropia americana ambiciona resolver é a da protecção á infancia, e é este um dos aspectos mais interessantes que aqui toma a assistencia social. Interessante sobretudo por ser prova manifesta de que a prosperidade do país não é só olhada no ponto de vista exclusivamente material do aumento das riquezas públicas. Cuidar desses de-

beis rebentos de mocidade que crescem á beira dos caminhos entre o mal e o bem, expostos aos perigos dos piores contágios, vigiar e proteger contra o mau trato ou o desprêso da innocencia que com êles floresce — é, não uma obra inconsistente de sentimentalismo, mas cruzada de bondade em que vão juntos o pensamento cientico e o moderno espirito socialista, na acepção mais filosófica da palavra. Nos paizes onde o estiolamento e a mortandade das creanças são quadros de uma dolorosa estatística, vê-se que a maior parte das vítimas sofre e morre á mingua dos cuidados que por assim dizer constituem o a b c da hygiene das primeiras idades. A' ignorancia juntam-se a miseria e maldade — a maldade das mães para quem a maternidade é um castigo, a maldade dos pais, para quem a morte dos filhos é um providencia. O ataque mais enérgico da filantropia americana dirige-se á ignorancia e á maldade, e são os *settlements* que o dão com maior aferro.

Instituição bem americana, o *settlement* é um agregado de pessoas ricas ou em situação desafogada, que vão ao encontro da pobreza onde quer que ela se ache, e instalam-se ao lado dela, paredes-meias com ela, como acontece nos bairros de infima especie das grandes cidades, para assim tomarem conhecimento directo da desventura e mais acertadamente exercerem a sua acção. São troço de paladinos entremeando-se na ralé, tendo como exclusiva e porfiada occupação excitar nela o germen da dignidade dos seres.

Vestindo-se humildemente, escolhendo habitação nos logares mais repugnantes, restringindo-se a uma vida simples e frugal, insinuando-se moderadamente na simpatia da vizinhança, evitam tudo quanto possa despertar a desconfiança; e dando a êste novo apostolado uma forma puramente moral, deixam a outros os cuidados da propaganda religiosa, da qual prudentemente se alheiam.

Começando por dar o exemplo e inspirar o gosto do asseio fisico, do bom comportamento, da temperança, da solidariedade humana, tentam em seguida a propaganda de atracção, utilizando os meios mais práticos e os mais intuitivos. Os *kindergarten*, os cursos faceis, os balnearios, os pequenos clubs infantís, os restaurantes onde se cóme bem por custo infimo, as reuniões de passatempo com musica e declamação, as excursões em rancho, dão resultados admiraveis. E tudo isto se faz sem dar nas vistas, com obscura simplicidade, não tendo nunca o beneficio o saibo

da esmola. Alem do que a comida custa nos restaurantes economicos, toma-se uma retribuição por tudo quanto, pelo seu valor utilitario, pode comportá-la; estimula-se no pobre o gosto do bom e do cómodo, mas ao mesmo tempo faz-se-lhe sentir que ninguem tem o dever de lho proporcionar, se ele proprio o não fôr procurando pela sua diligencia.

A *nurserie*, ou crèche, é aqui instituição modelar. Por toda a parte do mundo os higienistas, os demógrafos, os moralistas, consideram com pavor a cifra da despopulação, acentuada principalmente pela cifra da morte nas idades juvenis; e experimentam-se sem resultados tranquillizadores mil meios de travar a devastação galopante. Na America do Norte coíbe-se a propagação dos males mais pertinazes no ataque á parcella mais debil da população, pela intervenção de agentes directos de saneamento popular. A *nurserie* é um destes agentes, e nenhuma outra instituição satisfaz melhor aos seus intuitos. Abrindo-se ás classes desprovidas de meios de fortuna, que são aquelas de onde provem o maior contingente para a mortandade infantil, ela arrecada os pequeninos, que por ainda muito o serem não pode o *kindergarten* recebê-los; e acarinha-os com um zêlo amavel que lhes dá o engano do amôr de mãe.

Desde que a mãe lho passa para os braços á hora da manhã em que vai para o seu trabalho, a *nurserie* occupa-se do pequenino em todas as minucias do trato que lhe convem. Da-lhe o banho, veste-o de lavado, agazalha-o, alimenta-o, submete-o á inspecção medica mal que alguma leve perturbação se denuncia no seu bem-estar. Conservada no berço, ou levada para o jardim, onde não já a ama mas a perceptora, brincando, lhe vai ensinando a conhecer as coisas que a rodeiam, a creança desabrocha e expande-se no contentamento de um ambiente puro e tranquilo. A saude e a vida apossam-se dela, erguem-na e arrebatam-na á cubiça do mal e da morte.

A *nurserie* não é uma obra de caridade: é um viveiro de cidadãos americanos. O que a alimenta não é o sentimentalismo: é o espirito práctico — o espirito práctico a que se junta naturalmente o gosto de fazer bem.

Aureolado de bondade, o vulto da mulher americana emerge deste imenso campo de acção, onde a sua influencia se exerce com todo o vigor e graça. Coifada com a simples capota da Salvation Army, ou adornada de algum diadema de brilhantes que

valha um milhão, a sua cabeça inteligente e audaciosa exprime do mesmo modo a mesma síntese de energias que criam e organizam o movimento da filantropia na America: o amôr do semelhante, a estima da patria, o gosto do sacrificio. As suas mãos decididas, prontas a guiarem quatro cavalos com a segurança de um cocheiro inglês, estendem-se á desventura com a complacencia e meiguice de uma irmã de caridade. Os seus belos ombros, esplendor de carne, que um sangue rico colore e anima, quando os desnuda á miriade de luzes de um espectáculo na Opera House ou de um baile na Quinta Avenida, ela os mete com *élan* de hércules a esta obra de largo refrigerio.

A agitação da vida feminina na America deriva num género de literatura que é tambem para a americana campo de muito cultivo. E' esta literatura a que aqui se chama «de ficção». *Fiction litterature*. A sua fórmula mais corrente é a da novela, por ser pista que mais se presta ao galope da fantasia. Além dos muitos volumes que as livrarias editoras lançam todos os dias no mercado, os magazines, as revistas, as paginas literarias dos números de domingo dos jornais populares transbordam desta produção.

O principal interesse desta literatura é o de ser expressão de tudo aquilo que a mulher americana sente sem poder dizer que o sente, deseja sem poder querê-lo, quér sem poder realisá-lo. E' um mixto de romance de amôr, de romance social e de romance de aventura, encadeado por personagens que se nos mostram americanas em tudo, desde os bicos dos pés até ás pontas dos cabelos, vivendo em meios americanos autênticos, definindo costumes americanos sem contrafacção, relacionadas entre si por um pensamento e um diálogo incontestavelmente americanos, mas procurando dar realidade a coisas dalma que nenhum americano, e sobretudo nenhuma americana, consentiria em declarar-se capaz de sentir. Não porque sejam, á luz de um outro criterio, coisas inconfessaveis; mas porque são coisas de que êles se não confessam, e que cada qual retem no fôro intimo. Refiro-me particularmente á parte que cabe ao amôr nesta literatura de senhoras.

Sabe-se que influencia tem certa literatura no estado de espirito de outras creaturas não americanas, quando o amôr mais as inquieta. Se nessa altura appareceu romance novo de Georges Onhet, ou vai á cena peça de paixão, aí temos nós o namo-

rado a adaptar ao seu arroubo ou á sua lamuria a linguagem do capítulo ou da cena de mais efusão. Imagine-se o equívoco deploravel que pode originar-se do seguinte: qualquer de nós, tendo-se impregnado desta *fiction litterature* antes de vir á America, imagina que ella é em tudo espelho da própria America, e começa por se colocar em face da americana como se ella correspondesse realmente á imagem estampada no milhão de novelas que tinha lido. Amorudo, declara-se-lhe; persuadido de paixão, cai-lhe aos pés. Até aqui, quando muito, não ha mal que uma boa gargalhada não sane; mas do mais que possa seguir-se em materia de arrebatamento é que facilmente resulta corpo de delicto logo entregue ao zêlo infantigavel dos tribunais competentes. E para isto não é preciso que essa americana faça parte da Liga contra o Beijo (*Anti-Kissing League*). Ella fundamentará a sua queixa, muito simplesmente, no sofrimento que lhe causou o violento abalo moral provocado por tal violencia, e por muito feliz deve dar-se o cavalheiro se possui meios de fortuna que lhe permitam pagar airoosamente as perdas e damnos em que fôr condemnado. Casos dêstes e semelhantes vêm todos os dias contados nos jornais, com epigraphes em grossas letras. E se não servem de emenda aos arrebatados, induzem as victimas a avolumar cada vez mais a cifra da indemnisação.

Como válvula de segurança, acho esta literatura extremamente benéfica. Os homens são aqui demasiado solicitados pela actividade cerebral, pelas emoções do negocio, pelo desporto e pelo club, para poderem dar á mulher uma outra atenção que não é aquella que lhe prestam. Êles não lhe faltam nem com o affecto, nem com o apoio, nem com a submissão; mas enganam-se, quanto a mim, no julgar que bastem á mulher as somas de liberdade, de direitos, de primazias com que a presenteiam ou em que ella por si se investe. Digo que a exterioridade de attitude da americana no amôr não é senão o amúo, esquisso do despeito intimo por esta insuficiencia de ardor que o homem da sua terra põe na estima, aliás muito alevantada, em que a tem.

Por meio desta literatura de ficção, ella desabafa. Na bôca das suas heroínas ella põe tudo aquilo que sente, fazendo-as dizer alto tudo o que ella nunca diria em nenhum tom de voz. Os seus heroes falam como ella desejaria que o homem lhe falasse; mas ai daquele que, na vida real, se lhe acerque em tais termos.

O conhecimento dêste género de literatura conduz-nos pelo caminho que mais direito vai dar ao seguinte raciocínio: a frequência, a facilidade, o que ha de corrente no divórcio na América, não será tudo isso explicado pela necessidade que o ser da mulher experimenta de bem procurar, servindo-se de um meio legitimo, esse outro ser a que melhor se ajuste para o amôr e para a vida?

Um fio de graciosa ingenuidade (não de pieguice) faz a urdidura de quasi todos estes pequenos romances, como que escritos de encomenda para poderem ser lidos em duas horas de viagem de caminho de ferro ou curta travessia em *ferry-boat*.

Seja qual fôr, sempre o meio em que decorra a acção oferecerá curiosidade: a granja, a fabrica, a universidade, o escritório, o armazem de modas, o *summer place* ou lugar de vilegiatura; e esta curiosidade provem justamente do talento de descrição que é muito de notar na americana dada ao mester das letras. Quanto á acção, o leitor habitua-se a não ser exigente, e tudo se passa pelo melhor no melhor dos mundos. O que precisa ser empolgante deveras é a pessoa da heroína ou do heroi, ou de ambos, quando a novela comporta os dois.

Se a heroína é uma victima, é indispensavel que o seja até ao desespêro, á lagrima e á vingança. Se é uma vencedora, que o seja até á apoteose e ao delirio.

Para o heroi ha dois moldes: o do simpatico e o do odioso. Do primeiro sae o bom-rapaz todo escrupulos, o apaixonado generoso, o perfeito cavalheiro, o gentleman; do segundo sai o valdevinos incorrigivel, o sedutor capaz de tudo, o mau sujeito, o algoz.

Não se sai daqui, é certo; mas dentro dêstes limites ha lugar para o embate de muitos sentimentos diversos, podendo-se mesmo dizer que, com exclusão daqueles que repugnam a uma sã intellectualidade de mulher, todos os sentimentos humanos aí cabem e aí se agitam.

Se reflectimos no muito que a existencia da mulher nesta parte do mundo difere da existencia da mulher na Europa, melhor nos figuramos o interesse de tal literatura como expressão da vida de que ela irrompe.

A americana presta um cuidado de todos os dias ao aperfeiçoamento de si propria, e procede assim com a intuição rigorosa do progresso proporcional que em cada dia precisa realizar nesse

propósito. É como se, disposta a juntar um peculio, cada dia fôsse metendo alguma coisa em caixa. Esta literatura, feita por mulheres para mulheres, ajuda-a a acrescentar o peculio na porção por que nele possa entrar a influencia de uma boa leitura: dá-lhe a distração, o confôrto, o sôpro estimulante. Muitos dêstes romances contêm melhor lição de energia que alguns tratados de educação da vontade e são materia incomparavelmente mais assimilavel.

Cito um, ao acaso. E' o romance da gentil *tipewriter* que se sente morrer de amôres pelo muito poderoso Snr. Rockwill, da firma Rockwill, Prestage and Company, cujos escritorios a receberam como empregada, mas guarda comsigo o segrêdo da sua paixão, ainda mesmo quando êsse senhor lhe propõe a oferta de um *cottage*, com automovel, camarote na Opera, longa viagem de recreio pela Europa, e tudo isto polvilhado de oiro, como quem espalha canela numa travessa de arroz dôce. Entrementes, o Snr. Rockwill faz o conhecimento de uma princeza dos Balkans e desposa-a. Mas a *tipewriter*, em vez de desespero, adopta a resignação, e guarda ainda melhor, se é possivel, o segrêdo de amôr até que um dia delibera aceitar a côrte ao rapaz do ascensor dos escritorios, o qual não tem de seu senão um belo desempenho de corpo e de alma. Já vimos porem que não são as riquezas o que mais sorri na vida á formosa *tipewriter*, e ai a temos casada com o *ascensor-boy*, partindo com oito dias de licença para o encanto honesto de uma lua de mel no Tamalpais. O destino do rapaz quer que êle, em vez de continuar indefinidamente naquella manobra de subir e descer, suba tanto um dia, que já não seja possivel tornar a vê-lo descer; ou para melhor encurtar, quer o destino que êsse rapaz introduza no sistema do ascensor com que lida um aperfeiçoamento de sua invenção, tire a patente do invento, descubra o socio capitalista, explore o caso, enriqueça com êle. Mette-se depois na politica, torna-se *leader* do partido, e tanto discursa, tanto gesticula, tanto remexe a alma das multidões, que acaba por fazer eleger presidente da Republica ao candidato do seu partido. Coisa que não raro sucede nos Estados-Unidos, o Presidente pergunta a este seu amigo se lhe será agradável a nomeação de embaixador em Paris ou Londres. Que sim — e eis o ultimo capitulo: a embaixatriz espalhando de si, da sua belleza e das suas joias, mais luz que a de todos os lustres dos salões da embaixada, toma o braço do Snr. Rockwill

para a valsa. A embaixatriz é a *tipewriter* do Snr. Rockwill. E esse *Tour de valse* é o prêmio da sua virtude.

Trata-se, como por aqui se vê, de uma literatura que não faz mal a ninguém e contenta muita gente.

ALFREDO DE MESQUITA

Imagem perdida

*Em tempos idos, na mesma estrada
Em que ando desde que ao mundo vim,
Vi-a que vinha, tão apressada!
Passei por ela, passou por mim.*

*Correram annos, mas a lembrança
Guardei da imagem que apenas vi.
Veiu a saudade, veiu a esperança,
E eis-me a busca-la, porque a perdi.*

*Outros que a viram, falam-me dela;
Outros se ufanam que a vão achar.
Mais facil fôra pegar aquella
Cadente estrela lá em cima no ar.*

*Quem sabe acaso qual a paragem
Onde ela mora? Quem a hospedou?
Viram-na? Vi-a. Mas a alva imagem
Foi tudo quanto dela ficou.*

*Será divina, será da terra?
Misteriosa força a conduz.
Quando aparece, por onde erra,
Deixa vestígios de aroma e luz.*

*Deram-lhe os homens um nome lindo.
Será o nome dela porém?
Tantos que a chamam, e embora ouvindo
Jamais escuta nem fala a alguém.*

*E eu a lembrar-me que em tempos idos
Vi-a chegando, vi-a e passei.
Levava os olhos tão distraídos!
Em que miragem nem hoje eu sei.*

*Ah! se a revisse no meu caminho,
Próxima como me apareceu,
Não me eu deixara ficar sòzinho,
Que onde ela fosse, lá ia eu.*

*Com a ância e o apego de um naufragado,
Como a uma táboa de salvação,
A's suas plantas ajoelhado,
Com meus dois braços prendera a então.*

*Puxado embora no chão de rastros,
Levado embora no vôo ao ar,
Cego do immenso fulgor dos astros,
Submerso em ondas do fundo mar;*

*Onde ela passe, da sua sorte
Fizera a minha, vivo e a morrer;
E eu saberia se acaso é a morte,
Felicidade, teu nome e ser.*

MARIO DE ALENCAR.
da Academia Brasileira de Letras

Os ossos do P.^e José Agostinho de Macedo⁽¹⁾

Andava eu notavelmente interessado com a leitura e estudo da *Morphologie Médicale* de Chaillou e Mac-Auliffe, e com o da these de Tricolet: — *Essai sur la forme du corps humain*, quando, aqui ha menses, tive noticia de que na Igreja do antigo convento do Rato, se iam desenterrar os ossos do Padre José Agostinho de Macedo, para os restituir á sua terra natal e que essa tarefa estava a cargo da Associação dos Archeologos. Como os retratos que conhecia do Padre Agostinho de Macedo e além dísso, como o que eu conhecia da sua vida me levava a considera-lo como um bom exemplar do *typo muscular* (Vd. *Morphologie médicale* de Chaillou et Mac-Auliffe), com alguns caracteres do *typo digestivo*, e como supozesse que havia a certeza não só de onde estavam, mas tambem de quaes eram os ossos do Padre José Agostinho de Macedo, apressei-me a alcançar auctorisação para os examinar, afim de estudar alguns dos seus caracteres e julgar assim do valor das relações de alguns caracteres osteologicos com certos caracteres morphologicos externos do corpo e seu aproveitamento na identificação de esqueletos de individuos de que se possuam bons retratos.

Nos retratos do Padre José Agostinho, dos quaes existem varios exemplares em gravura na collecção da Bibliotheca Nacional e particularmente no que acompanha as *Memorias* de Inocencio, publicadas pelo Dr. Theophilo Braga, observa-se a egualdade das zonas cerebral, respiratoria e digestiva da face, vê-se que a in-

¹ Relatorio lido em sessão da *Associação dos Archeologos e Architetos portugueses*.

serção frontal dos cabellos é rectangular e delimita uma fronte mediana, cujos limites lateraes estão sobre o mesmo plano que as arcadas sygomáticas e a região masseterica e mais se vê que as sobrancelhas são estreitas e rectilineas, compridas e bastas, o que tudo quer dizer que na face do Padre José Agostinho, a avaliar pelos seus retratos, se encontravam características do *typo muscular*, descripto por Chaillou et Mac-Auliffe (*Morph. médicale* 1912, pag. 114 e 115) e que apenas destoa na papada, resultante da infiltração adiposa, que augmentava a largura da região parotidea e da supra-hyoideia, o que frequentemente se observa nos individuos do *typo digestivo*, avançados em idade (Chaillou e Mac-Auliffe, *loc. cit.*, pag. 85). Parece, portanto, ser um exemplar do *typo mixto*: — *musculo-digestivo*. Mas ha mais.

Segundo as theorias do Prof. Sigaud, de Lyon, e que inspiraram os trabalhos de Tricolet, Chaillou e Mac-Auliffe, a que acima me referi, aos caracteres morphologicos dos seus typos correspondem certos caracteres psychicos, certos habitos. Um *muscular*, isto é, um individuo em quem predomina notavelmente o desenvolvimento do systema muscular é um individuo que sobretudo comunica com o meio exterior por esse seu systema, que por elle recolhe um maior numero de excitações. E Tricolet acrescenta e exemplifica: — «Ainsi un musculaire ne pourra se livrer a des spéculations intellectuelles que lorsqu'il aura trouvé dans le monde ambient une certaine somme d'excitations physiques...»

Condizem, a meu vêr, os caracteres musculares do Padre José Agostinho, com os seus habitos, com o seu feitio de luctador, com a sua pasmosa energia, e não posso furtar-me a registar a flagrante relação que noto entre as palavras de Tricolet que ha pouco citei e as de Innocencio sobre as orações do Padre José Agostinho: «Se as poucas orações que dele nos restam impressas parecem hoje insufficientes para justificar o elevado conceito de que em vida gosou, cumpre advertir que ellas não são as mesmas que ele recitava, pois todas foram escriptas depois de pré-gadas, e portanto não admira que para ellas não passassem todos os rasgos sublimes, e as bellas oratorias que auctor, *constituído em acção*, como ele diz, creou e produziu no calor e impetuosidade da declamação».

Em vista de tudo o que acabo de dizer se alcança bem, julgo, o interesse que merecia o estudo do esqueleto de José Agostinho de Macedo.

Graças á intervenção do meu illustre amigo e colega Dr. Xavier da Costa, poude no dia 7 de Março de 1915, na sua presença, na do Sr. Gustavo de Mattos Sequeira, na do Dr. Thomaz de Mello Breyner, na de alguns empregados da Provedoria da Assistencia e outros, com a ajuda de todos e particularmente com a do Dr. Xavier da Costa, poude, dizia, observar o esqueleto que havia, em tempo, sido apartado pelo Sr. Mattos Sequeira, como sendo o do Padre José Agostinho de Macedo, esqueleto incompleto, que se encontrava num taboleiro, guardado debaixo das lages de uma antiga capella que o Sr. Mattos Sequeira me disse ser da invocação de S. Thomaz de Villa Nova, capella hoje desmantelada em virtude da adaptação da Igreja do antigo convento do Rato a Deposito da Assistencia Publica.

Informou-me o Sr. Mattos Sequeira de que encontrara a caveira do esqueleto que apartara, em situação que indicava que o individuo a que pertencera fôra enterrado com a cabeça para o altar e mais me informou que encontrara á mistura com os ossos, uma fivella propria de sapato de padre.

Os ossos que primeiro observei e que eram os apartados pelo Sr. Mattos Sequeira estavam relativamente limpos, bem seccos, e tinham uma côr castanha, muito clara. A caveira, região que mais me interessava estava damnificada e quasi reduzida ao cranio.

Ora succedeu que quando estava examinando estes ossos, tive noticia de que o meu criado de consultorio Alvaro dos Santos Rodrigues, que para vêr se encontrava mais alguma coisa, saltara para dentro do coval, achara os ossos de um outro esqueleto, ossos que foram retirados. A caveira deste outro esqueleto vinha tambem incompleta, e mais do que a primeira, pois lhe faltava toda a face, parte dos ossos da base do cranio e tinha o frontal partido. Tanto uma como outra, pareciam, pela forma da curva sagital e sobretudo pela rudeza das linhas de inserções musculares, e pelo *inrion*, espesso e saliente, caveiras de homem.

Eu julgava ir fazer apenas uma verificação, encontrei-me então a braços com um problema de identificação muito mais complexo e difficil.

Os ossos no segundo esqueleto tinham uma côr bem diferente dos do primeiro: eram escuros, muito escuros, sujos e humidos; vinham cobertos de terra e restos de tecidos, e largavam uma substancia gordurosa e preta. A caveira, muito suja e humida, tinha uma grande mancha esverdinhada, de infiltração.

A' mistura com os ossos e colados, por vezes, á substancia preta que os cobria, encontravam-se vários pellos curtos, muito numerosos, aloirados e claros, o que fez logo o Dr. Xavier da Costa inclinar-se para que estes ossos fossem os do Padre José Agostinho. A' mistura tambem com os ossos, se encontrou além doutros restos de vestuário, um pedaço de colete ou batina de sêda com inumeros botões pequenos, forrados de seda tambem, e que pela largura deviam ter vestido cadaver notavelmente ventrudo.

O contraste entre a côr dos dois esqueletos e o facto de um estar secco e outro muito humido, pode levar á suspeita de que o primeiro tivesse sido retirado doutro ponto e trasladado para ali, depois de já feita a inhumação do segundo.

Talvez tambem que se possa vêr na infiltração dos ossos do segundo esqueleto e na grande quantidade de materia gorda que os cobre, um signal de que tivesse pertencido a cadaver rico em gordura. O que, porém, me parece merecer mais atenção é o numero notavel de pellos curtos e loiros que se encontraram. Diz-se que o Padre Agostinho era baixo, mas o que é mais curioso é que os individuos do typo muscular, segundo Chaillou e MacAuliffe (*loc. cit.* pag. 116) são em regra muito pelludos, e o Padre José Agostinho, por motivos que no principio deste estudo citei, era um exemplar deste typo.

Na caveira do primeiro esqueleto encontra-se restos de um malar delicado, feminino, que não é proprio de *muscular* e o que condiz com outros caracteres morphologicos do cranio desta caveira que parece ter pertencido a um *cerebral* (zona cerebral muito mais desenvolvida do que as outras da face).

No primeiro esqueleto logrei encontrar um pedaço de mandibula (corpo, ramo direito completo e ramo esquerdo incompleto). No segundo encontrei uma mandibula completa. Ora os *gonions* da primeira mandibula são pouco accentuados e até me pareceram em intro-versão, o que não é proprio das mandibulas das *musculares* nem dos *digestivos*, ao passo que na segunda mandibula os *gonions* são salientes e com impressões musculares bem accentuadas. Os dentes da segunda caveira estão gastos; ha mesmo um diastema de cada lado, entre os molares, consecuencia de atrophia do bordo alveolar, por sua vez consecutiva a queda de dentes durante a vida, e os incisivos, sobretudo os inferiores, tem os bordos superiores gastos, com a dentina á mostra. São dentes

de velho. O *condylo* direito da mandíbula do segundo esqueleto, também, tem o tecido esponjoso a descoberto e as *coronoides* são pequenas, aguçadas, e quebradiças, e ainda nestes caracteres eu vejo signaes de velhice. (O Padre José Agostinho morreu com 70 annos). As suturas são muito difficeis de observar no segundo cranio, mas pareceram-me, como no primeiro, abertas ainda na sua maioria.

Os caracteres da caveira inclinam-me, portanto, para a conjectura de que o segundo esqueleto, o esqueleto escuro, seja o do P.^e José Agostinho de Macedo. E se se quizesse levar mais longe o exame, mas por terreno já menos seguro, se poderia ainda notar o facto das apophyses styloideas da segunda caveira serem mais fortes e desenvolvidas do que as da primeira e ainda o de se encontrar um maior desenvolvimento nas *apophyses géni* da mandíbula da segunda caveira também, o que, segundo o parecer de certos anatomicos, se poderia ter como signal de um maior desenvolvimento glossico, proprio de um orador.

As medidas dos ossos compridos, levam a attribuir ao individuo a que pertenceu o primeiro esqueleto uma estatura maior do que a do segundo, mas ambos não superiores á média.

«Foi de mediana estatura» o P.^e José Agostinho de Macedo, diz Innocencio (*loc. cit.* pag. 157) e o meu amigo Snr. Martinho da Fonseca informa-me de que ouviu dizer ao falecido Dr. Teixeira de Aragão, que ainda conhecera José Agostinho, que elle era alto e robústo, notavelmente largo e entroncado.

Ha no parietal direito do cranio que supponho ter pertencido ao P.^e José Agostinho de Macedo, uma lesão ossea, consistindo em irregulatidade e rugosidade anormal da superficie do osso, e seu espessamento, e isto junto do *obélion* e do tamanho aproximado de uma moeda de cinco tostões. Será um signal de periostite antiga resultante de complicação de alguma ferida da cabeça, talvez de origem accidental? Não sei. Fartei-me de procurar noticia de algum atentado corporal contra o P.^e José Agostinho de Macedo e que lhe tivesse causado grande damno physico. Nada encontrei. Apenas na *Satira* de Chapuzet (*Memorias*, pag. 367) vi a ameaça;

«Pois juro que um páo
Verás sobre ti.
E eu nuca faltei
Ao que prometti».

Mas mesmo que não houvesse esta ameaça (e eu não sei também qual o valor da palavra de Chapuzet) não era de extranhar que o pau e o vergalho e a bordoadada que José Agostinho de Macedo com tanto entusiasmo aconselhava para os outros (*Memorias*, pag. 140) lhe fossem também algum dia aplicados.

A acrescentar a tudo e ainda para fortalecer a hypothese de que o segundo esqueleto, escuro, é que é o do P.^e José Agostinho, farei notar que encontrei pedaços de dois maxilares superiores ainda juntos, e por forma a permitirem julgar do indice nasal. A medida deste leva a uma grande leptorhinia que condiz com o nariz estreito e comprido que se nota sobretudo num retrato de perfil que existe na collecção das gravuras da Bibliotheca Nacional. O P.^e José Agostinho de Macedo fartou-se de insultar medicos. Que agora medicos os vinguem, salvando os ossos do padre e contribuindo, a dentro da sua especialidade, para que vá por diante a homenagem a que, apesar de tudo, tem jús a memoria do fero polemista e mestre da nossa lingua.

Quanto ao outro esqueleto, infelizmente só posso dizer como o P.^e José Agostinho :

De humana especie, incognito individuo.

Lisboa-1-IV-915.

A. AURELIO DA COSTA FERREIRA.

Que pena ser só ladrão!⁽¹⁾

(Saynete sobre a lembrança de um conto
de Paul Giaffari).

Personagens } O GENTLEMAN
 } ADRIANA

ACÇÃO: ONTEM

O quarto de Adriana.

Mobiliario habitual nas pensões denominadas no Brazil — «d'artistas». E' uma pensão meio termo, de um «chic» de terceira ordem. Um meio divan. Um meio guarda-vestidos. Um penteador. O leito. Ornamentos de mau gosto, como de costume. O quarto está em desordem. O relógio bate duas horas, na ocasião em que se descerra o panno, para mostrar ao publico, (se houver publico), quadro tão simples.

Um homem elegantissimo, — (casaca, peitilho, chapéu claque, mac-farland) — occupa-se nesse quadro simples, a revistar os moveis. Pelo ar correcto é senhor de maneiras finas. Para não dizer cavalheiro (o que não seria elegante) é um gentleman.

Semi penumbra.

O GENTLEMAN

Perfeitamente singular. A rapariga dava mostras de ter dinheiro e de ser um tanto avoada. Mas estou a vêr que perco o meu tempo. Não ha nada. Teria posto o dinheiro no banco como os capitalistas? Que desilusão, a *cocotte!* Tentemos a *coiffeuse*. Quem sabe? (Tira um molho de chaves falsas. Acende o briquet para vêr melhor).

Sempre custa abrir a gaveta de uma *coiffeuse!* E' preferivel ler pela manhã os artigos do Leopoldo de Bulhões contra a emissão. Tenho de forçar esta imprudente gaveta... (Neste momento, rumor fóra. O gentleman dá um pulo).

Hein? Gente! Se é ela! Se vem acompanhada está o «serviço» estragado! (Olha para todos os lados).

(1) Representado pela 1.^a vez a 4 de setembro de 1915 no Teatro Trianon do Rio de Janeiro, por Christiano de Souza e Ema de Souza.

E' impossivel fugir... Só um grande tapete... (Movimento da porta, na qual metem por fóra a chave. O gentleman precipita-se, agarra a maçaneta).
E' ela mesmo. Coragem! Ganhemos tempo. (A porta é sacudida).

ADRIANA (fóra)

Diabo! A porta não abre. Era só o que me faltava!

O GENTLEMAN

Virá só? Virá acompanhada?

ADRIANA (fóra)

Diabo! Diabo! Diabo! Isso é coisa da Adelina... Espera aí Adelina! Adelina!

O GENTLEMAN

Arrisquemos! (á porta, carinhoso) Não é Adelina não, meu bem, sou eu...

ADRIANA (fóra)

Quem?

O GENTLEMAN

Advinha! O teu coração... Vens só?

ADRIANA

Não conheço a voz.

O GENTLEMAN

Pudera! (alto) Ingrata! Estás só?

ADRIANA

Estou. Abre de uma vez!

O GENTLEMAN

Ó sorte!

ADRIANA

Abre, ou eu grito!

O GENTLEMAN

Entra, meu amor... (Larga a maçaneta. Recúa. A porta abre-se violentamente. Adriana entra no escuro...)

ADRIANA

Que brincadeira estúpida, José! Uf! Mas que idéa de ficar no escuro... Não disseste que não vinhas hoje? José... José. Basta de pilherias... (Corre a electricidade. Luz. Ela olha, recúa Grito abafado).

Ah!... Mas não é o José... Quem é o senhor?

O GENTLEMAN

Quem sou eu?

ADRIANA

Não o conheço!

O GENTLEMAN

Tambem não é possível conhecer todo o mundo.

ADRIANA

Que quer o senhor?

O GENTLEMAN

Que quero eu?

ADRIANA

Mas fale, responda. Que quer? Como entrou cá? Fale!

O GENTLEMAN

Você pergunta tanta coisa!

ADRIANA (olhando o aposento)

O quarto desarrumado, os armarios abertos... a gaveta! Oh E' um ladrão! (correndo á porta) Socorro!

O GENTLEMAN (Fechou a porta, calmo; tapou-lhe a boca)

Que feio! Uma rapariga inteligente como V. a dizer tolices!

ADRIANA (debatendo-se)

Eu grito! Não feche a porta! Largue-me!

O GENTLEMAN

Patetinha!

ADRIANA

Ladrão! Assassino!

O GENTLEMAN (larga-a bruscamente. Tom autoritario)

Ora bolas! Já disse que não seja tola! Faça o obsequio de olhar-me. Tenho o aspecto de um malfeitor? Se fosse um assassino, já a tinha pelo menos estrangulado. Ouviu. Idiota!... Vá, grite! Nunca pensei. Mulher sem educação! Olhe bem para mim. Para esta *claque*. Para este *mac-farlane*. Para estes sapatos. Para este cenario todo. Já viu você malfeitor assim?

Vão lá brincar com as raparigas que julgamos educadas!
(Adriana olha-o sem compreender bem, atónita).

O GENTLEMAN (dignissimo)

Compreendo a sua surpresa. Você não contava comigo. Mas

é preciso compreender que eu também não contava com você. E' o que se pode chamar um encontro *fortuito*. Nada mais. Felizmente está tudo acabado entre nós. Chamar-me assassino, eu que lhe não toquei com um dedo sequer! E' muito. Nunca fui tão desconsiderado! (Metete a mão no bolso trazeiro da calça para tirar a carteira dos cigarros).

ADRIANA (recua)

Não! Não! Perdão!

O GENTLEMAN (furioso)

Mas que estupidez é essa?

ADRIANA

O senhor não está armado?

O GENTLEMAN (ri, tirando a cigarreira)

Creança! Decididamente não está em seu juízo!

ADRIANA (menos medrosa)

Mas eu não o conheço!

O GENTLEMAN

Que importa!

ADRIANA

Venho enconral-o cá...

O GENTLEMAN

Que tem isso?

ADRIANA

No meu quarto!

O GENTLEMAN

Havia de ser no quarto de outra?

ADRIANA

Mas é de fôrça!

O GENTLEMAN

Você é que está sem espirito. Até pensou que eu estivesse armado!...

ADRIANA

Boa duvida. Nos tempos que correm, só a gente bem vestida é que usa armas...

O GENTLEMAN

Perdão. Para certos casos. Se eu tivesse vindo de uma festa literaria estaria prevenido. Mas eu venho do Lyrico, minha filha. Do Lyrico! Haveria o receio dos criticos. Êsses porém, apesar

de se descomporem horrivelmente, ou não descarregam as armas ou não teem forças para as descarregar. No Rio, ainda é possível ouvir pelo menos musica — sem estaremos armados senão de paciencia. (Recosta-se no divan, a fumar).

ADRIANA (ainda receosa)

Emfim... Estava bonito?

O GENTLEMAN

Era a *Tosca*. Nem mais nem menos : a historia de um bandido, chefe de policia.

ADRIANA

Naturalmente, perseguidor de mulheres?

O GENTLEMAN

Como todos os chefes de policia, minha filha. Uma lastima. Se soubesses o que faz o chefe da *Tosca* contra uma pobre mulher, cujo crime unico era amar um pintor! Muito peor que os chefes d'agora. Para o fim, a rapariga, não podendo mais deante do amante morto, atira-se ao rio...

ADRIANA (estupida)

Vem para cá?

O GENTLEMAN (rindo)

Hein? Não. Atira-se a um rio de verdade; cae n'agua... Felizmente aliás. Era tempo.

ADRIANA

O sr. não gostou, parece...

O GENTLEMAN

Porque toda essa historia é acompanhada de musica e eu embirro com o autor da musica.

ADRIANA

Questão de mulheres?

O GENTLEMAN

Questão de asseio. O homem não limpa os dentes, e eu, em coisas de limpezas, sou severissimo.

ADRIANA

Mas então porque foi?

O GENTLEMAN

Para dizer mal — como toda a gente... Mas faz-se tarde. Quasi quatro horas. Minha menina, muito boa noite. Está no seu quarto, tranquilla. Vae dormir direitinho, sem sustos. Convenceu-se de que eu não era mau? Agora é esquecer o acaso que nos poz̃face a face...

ADRIANA

Que é isso? Então vae embora? Agora?

O GENTLEMAN

Clarissimo.

ADRIANA

Porque continúa a brincar?

O GENTLEMAN

Ao contrario...

ADRIANA

Pois então? Entra sem eu estar, remexe as minhas coisas. Não!... Depois do que conversou, eu não posso pensar senão numa brincadeira...

O GENTLEMAN

Perdão. Ia a esquecer as chaves... (Vai á «coiffeuse»)

ADRIANA

Oh! não continue. Que chaves são essas?

O GENTLEMAN

Chaves falsas.

ADRIANA

Oh!

O GENTLEMAN

Isto é: chamam-nas falsas. Eu penso o contrario. As chaves mais verdadeiras devem ser sempre as que abrem mais... Erros de denominação! Não ha chaves falsas; ha portas, gavetas, algibeiras... Emfim, a vida, as situações falsas da vida! (Guarda as chaves).

ADRIANA

Mas que homem!

O GENTLEMAN

Ha alguma coisa de extraordinario?

ADRIANA

E' que quanto mais o sr. fala menos eu acredito.

Em que?

O GENTLEMAN

Não sei...

ADRIANA

Diga sempre...

O GENTLEMAN

ADRIANA (tomando coragem)

Pois bem, digo. O sr. é mesmo?...

O GENTLEMAN (vae á porta, abre-a, um pouco. Consulta o relógio).

Você não deixa de interessar-me. Vou pois perder alguns minutos e confiar no seu coração de mulher. Sente-se ahi, mais perto da porta. Vê que me entrego inteiramente, para mostrar que não lhe quero mal. Agora a confissão.

Você perguntou se eu era mesmo... Sim, sou. Só isso. Mas superior, comprehendeu? Em todas as profissões ha cathogorias. A minha é como o jornalismo, a politica, o funcionalismo, o theatro... No jornal, o continuo pertence ao jornal, o reporter pertence ao jornal, o redactor pertence ao jornal. Mas ha o director gerente! Nos bancos ha continuos, pagadores, guarda-livros, caixas. Mas ha tambem o director. Nos theatros v. deve ter reparado, ha uma porção de gente. Mas quando você vae, por exemplo, vêr uma companhia portugueza o que vae vêr você?

ADRIANA

A Palmyra Bastos!

O GENTLEMAN

Como a sua mamã...

ADRIANA

Não é de cá a mamã!

O GENTLEMAN

...como a sua vóvó

ADRIANA

Já morreu.

O GENTLEMAN

Não altera o meu principio. A questão é de saber que em tudo ha classes, tal qual como nos enterros — porque afinal as profissões são os enterros da vida...

ADRIANA

Meu Deus! Quanta coisa...

O GENTLEMAN

Na profissão de gatuno ha os continuos, os âmanuenses, os varredores, os coristas, os especialistas mediocres, como o Pula Ventana, os assassinos que são presos. E ha tambem os superiores, os «leaders». Eu sou gatuno. Mas de primeira classe. Gatuno leader.

ADRIANA

Deixe-se de pilherias! Se o sr. fosse mesmo gatuno não dizia.

O GENTLEMAN

Seria um erro lamentavel. Todas as profissões são interessantes quando nos destacamos nellas. Depois, minha filha, devo dizer que escolhi a profissão de gatuno admiravel, em primeiro lugar porque é a unica profissão em que o reclamo foi abolido; em seguida porque no Brasil todas as outras profissões estão inteiramente desmoralisadas. Palavra! Os collegas chamam-se mutuamente coisas feias e o publico acredita. Nem a Maçonaria escapa! Só ha realmente uma classe unida: a dos ladrões. Veja você os jornalistas. Se tomarmos ao pé da letra o que elles dizem uns dos outros, principalmente os estupidos dos intelligentes — estariamos mais garantidos no Pinhal da Azambuja. O mesmo acontece com os literatos, os advogados, os politicos...

ADRIANA

Ah! esses, não resta duvida...

O GENTLEMAN

Ainda bem. Até você considera os politicos ratoneiros. Ponha-se agora no meu lugar, e seja deputado ou ministro para ser tratado, já não digo de ladrão, mas de sem vergonha, dançarino, prostituta...

ADRIANA

Oh!

O GENTLEMAN

Chocou-se com o palavrão? Pois ha peores, impressos diariamente nos jornaes.

ADRIANA

Eu não leio jornaes, senão quando ha crimes.

O GENTLEMAN

Ainda bem. Você perderia muito. Nada mais pernicioso do que a leitura de artigos de fundo. E' preferivel não os lêr. Por-

que afinal a unica profissão que não é insultada nos jornaes é a de ladrão. Ao contrario, é considerada o diletantismo de todas as outras.

ADRIANA

Metade do que o sr. diz eu não comprehendo.

O GENTLEMAN

Nem é preciso.

ADRIANA

Não comprehendo e não acredito.

O GENTLEMAN

Isso é que me faz desconfiar de que você seja brasileira. Emfim, minha pequena, a questão é simples. Eu sou ladrão. Mas de primeira classe, como o Mauricio de Lacerda na oratoria parlamentar, a Palmyra Bastos nas companhias portuguezas, o Leon Rousselières na policia, e outras glorias universaes. Escolhi a profissão de gatuno porque é a unica que não atacam. E trabalho só, porque — ó miseria humana! — quando se organisa uma quadrilha é certo que nos tráem os outros. Ainda ha pouco tivemos um exemplo com o rapto das sabinas.

ADRIANA

Que sabinas?

O GENTLEMAN

As filhas putativas de um homem solteiro que foi ministro. Essas filhas arruinaram os commerciantes...

ADRIANA

Coitados! Nesta epoca de crise...

O GENTLEMAN

Está convencida agora?

ADRIANA

De que?

O GENTLEMAN

De que sou gatuno?

ADRIANA (sorrindo)

Se lhe dá prazer...

O GENTLEMAN

Deixe-me então dizer-lhe que a sua attitude para comigo tem sido de absoluta falta de tacto.

ADRIANA

Ora esta!

O GENTLEMAN

Clarissimo! Qual é a sua profissão?

ADRIANA

Creio que o sr. não me vae offender?

O GENTLEMAN

Bem. Respeito a discrição feminina. Mas permita que me julgue offendido.

ADRIANA (inquieta)

Porque? Que tem?

O GENTLEMAN

Sem receio. Sou um cavalheiro. E apesar de ser de industria, ha muitos industriaes que não são cavalheiros. Eu mantenho a linha. Considere, porém, o nosso caso e veja como procedeu absurdamente.

ADRIANA

Absurdamente?

O GENTLEMAN

Sim. Que faz a menina, á noite e de dia? Não precisa dizer. Sabemos. Ha cidadãos conhecidos de nome ou de vista e alguns nem de nome nem de vista. Elles falam á menina, e a menina esquecendo que quem vê caras não vê algibeiras, come com elles, vem para casa com elles, dorme descuidosa ao lado d'elles. Pensou alguma vez que um d'esses individuos podia ser um assassino, um ladrão, um flagelador, um suicida? Que poderia amanhecer ao lado de um cadaver, ou amanhecer roubada, ou amanhecer assassinada? Nada d'isso. A menina ri, brinca, está alegre, com esperanças, sem pensar no perigo. Mas como em vez de me encontrar no club ou na rua, a menina encontrou-me no seu quarto, a menina só por essa pequena alteração, quiz gritar, quiz prender-me, teve medo — esquecida de que se eu tivesse intenções sinistras começaria por fazer exactamente o que toda a gente com facilidade faz. E' ou não absurdo? E' sim. A menina só tem uma desculpa: procedeu como a sociedade, cuja estupidez collectiva só se mede pela propria inconsciente depravação... Esse porém foi o primeiro absurdo — porque, logo que me viu

bem vestido e falando bem, a menina resolveu achar impossível que eu fosse gatuno, simplesmente gatuno, offendendo-me no meu mais serio orgulho: o orgulho profissional. Eu resolvo perdoar-lhe porque ainda neste caso a menina é tão imbecil como a sociedade que só respeita os gatunos com outros nomes e prende os simples sinceros profissionaes.

Para comprehender bem o que eu digo basta indagar: se em vez deste seu creado encontrasse o *croupier* do club d'onde vem, não o receberia? Com prazer! Se fosse o seu *gigolo*...

ADRIANA

O meu *gigolo* não é ladrão.

O GENTLEMAN

Porque?

ADRIANA

Porque é rico.

O GENTLEMAN

E é *gigolo*?

ADRIANA

Porque eu quero.

O GENTLEMAN

Eis as nuanças que levam ao erro.

ADRIANA

Depois, antes era pobre e eu gosto d'elle. Foi outro dia que o pae estoirou em Portugal deixando-lhe duzentos contos.

O GENTLEMAN

Assim uma fortuna do pae para a mão?...

ADRIANA

Palavra!

O GENTLEMAN

Vão lá explicar a sorte. Que diria Spinoza d'isso?

ADRIANA

Spinoza não tem que meter o nariz aqui. Não admito que se intrometam na minha vida pessoas que eu não conheço.

O GENTLEMAN

Eu faço o contrario. Só me meto com quem não conheço.

Veja o exemplo de agora. (Com melancholia). Se não a tivesse conhecido, teria arranjado a minha vida. *Tu sarai solo, tu sarai tutto tuo*, já disse Da Vinci.

Outro! ADRIANA

Que outro? O GENTLEMAN

Que eu não conheço! ADRIANA

O GENTLEMAN
Tambem você não conhece ninguém!

ADRIANA (com tristeza)

Ai filho, antes não conhecesse... (O Gentleman olha-a. Silencio. Ella tira o chapéo, o manteau—profissionalmente. Elle naturalmente fecha de novo a porta. Accende outro cigarro. Hesita. Depois):

O GENTLEMAN
Bem. Vou-me embora. Ao que parece a vida não te sorri muito?

Assim... ADRIANA

GENTLEMAN
Pareces o presidente da Republica deante do problema economico.

ADRIANA
E' porque elle sabe de certo com que linhas se coze...

GENTLEMAN
Ou não sabe. Ninguém sabe nada. Eu digo como o Antonio Carlos.

Outro! ADRIANA

Outro? GENTLEMAN

ADRIANA
Que tambem não conheço.

GENTLEMAN (rindo)
Ha muitos outros ainda. O mundo é pequeno, mas tem muita gente. Principalmente nas cidades. Olha aqui. Só o bairro de Botafogo...

ADRIANA

Conhece lá muita gente?

GENTLEMAN

De vista. Moro lá.

ADRIANA

Ah!

GENTLEMAN

E' exacto. Ha doze annos. Apenas lá sou um homem socialmente honesto. Do caes da Gloria para cima ninguem me pega a trabalhar. Em geral o resto dos moradores faz o mesmo.

ADRIANA

Hein?

GENTLEMAN

Vem trabalhar para o centro . . .

ADRIANA (rindo)

O senhor sempre me saiu muito pandego!

GENTLEMAN

A la bonne heure. Não ha como a verdade para parecer mentira. Tambem a mentira vingá-se: parece sempre a verdade . . . Bem. Vou-me embora. Toque nestes ossos. Adeus!

ADRIANA (retendo-o)

Serio?

GENTLEMAN

Pequena imprudente!

ADRIANA

Ora não me aborreça mais com esses fingimentos. Eu confesso que a principio tive medo. Mas comprehendí logo. Agora não caio. O senhor é um extravagante que quiz assustar-me para gosar o meu susto. Olhe. Ha peores e que não falam tão bem. Gente de cocaina, de alfinetes, de porcarias . . .

GENTLEMAN

Conheço muito alguns . . .

ADRIANA

E não são só velhos. Rapazes, com cada ideia . . . O senhor é pelo menos original. Mas eu sou esperta e percebi. Nem

morta acredito que seja gatuno! Deixe de mais historias. Venha dormir.

E o gigolo?

GENTLEMAN

Não vem hoje.

ADRIANA

Está a divertir-se com o dinheiro do pae?

GENTLEMAN

Ainda não recebeu. O pae morreu ha um mez.

ADRIANA

Por isso a menina está triste.

GENTLEMAN

ADRIANA

Não; não é por isso... Sabe o senhor que estou a sympathisar com a sua cara?

Mesmo sendo eu gatuno?

GENTLEMAN

Ora!

ADRIANA

GENTLEMAN (tomando-lhe a bolsa)

E se eu ficasse com esta bolsa?

ADRIANA

Não tem muito, meu filho. Apenas 122 mil réis.

GENTLEMAN

Nestes tempo não é máu, para um simples particular. Olha, o Irineu Machado não renuncia a uma das cadeiras da Camara só para poupar ao Thesouro 2:400\$00 réis por mez... 122 mil réis é uma somma.

Não brinque...

ADRIANA

Emfim, minha filha, a culpa é sua. Não tem que se queixar. Você vae dar licença: eu roubo-lhe os 122 mil réis.

GENTLEMAN

ADRIANA

Você vae roubar os meus 122 mil réis?

GENTLEMAN (abriu a bolsa, tirou o dinheiro, calmo)

Eu já tive o desprazer de roubar-lhe os 122 mil réis. E é inútil você gritar, chamar a policia — porque entre mim e você ninguém deixará de não acreditar em você. Está a ouvir?

ADRIANNA (no auge da raiva)

Ladrão!

GENTLEMAN

Exactamente. Mas experimente dizel-o alto. Meto-a na cadeia, como alguns colegas meus — de respeito. Adeus! (Abre a porta.)

ADRIANA

Eu grito!

GENTLEMAN

Sabe bem que ninguém acreditará. Sim ou não? Grite você! Eu espero! (Senta-se.) Pobre pateta que não compreende a sua miserável posição na sociedade!

ADRIANA (rompendo em choro)

Sómente... sómente... não é gentil! Depois de ter conversado tão bem... depois de mostrar tantos conhecimentos.

GENTLEMAN

Mas que quer que eu faça, se sou ladrão?

ADRIANA

Sómente... sabe Deus quanto me custou para arranjar esses 122 mil réis... Estou atrasada na pensão... Tão atrasada... e não tenho mais nenhum, nenhum...

GENTLEMAN

Mas que hei de fazer se sou ladrão?

ADRIANA

Sómente... sómente... eu não sou inteligente... mas preferia que... sim... era melhor que tivesse roubado logo sem me falar... porque quando um homem fala com uma mulher duas horas... e depois leva-lhe todo o dinheiro... 122 mil réis!... contra a vontade d'ella... não é ladrão não!... é... um... um canalha...

GENTLEMAN (ergue-se pallido)

Hein!

ADRIANNA

Sómente... sómente... eu sou uma pobre... que qualquer póde enxovalhar... roubar... matar, uma pobre em que ninguém acredita... mas acho muito feio... muito feio... tão feio!... E dou-lhe... sabe? prefiro dar-lhe os meus 122 mil réis... Pode levar... póde ir embora... Deus me ajudará... pode ir... eu não faço nada. Leve... leve... ande... (Solução.)

GENTLEMAN

Obrigado. (Caminha para a porta. Ella cae numa cadeira chorando baixinho. Pausa. O Gentleman volta.) Permita entretanto que, retribuindo a sua gentileza, eu ofereça á menina (e abre a carteira) a quantia de 122 mil réis, producto liquido do meu trabalho desta noite (põe o dinheiro na *coiffeuse*) E mais uma pequena somma, resto dos meus trabalhos d'outros dias. Vae fazer-me uma terrivel falta. Eu não negociei com as sabinas. Eu não sou amigo dos ministros. Tenho, porém, o maior prazer... E até mais vêr.

ADRIANA (pula, grita)

Logo vi que não eras ladrão.

GENTLEMAN

Por quem me toma a senhora? Sou sério. E por ser ladrão e respeitar a minha profissão, que não acanalho, é que a comprehendí. Adeus.

ADRIANA

Mas... mas... mas é mesmo? Não fica?

GENTLEMAN

Deus me livre! Sou casado e nunca durmo fóra de casa.

ADRIANA

Mas é impossivel!

GENTLEMAN

Como todas as coisas certas. Adeus. Não quero ir, porém, sem lhe beijar a mão. Salvou-me de ser igual aos outros. Decididamente não ha como a gente ser moral para ensinar a decencia á gente séria. Adeus.

ADRIANA (olha o dinheiro, olha o Gentleman que se vae)

Não vá! não vá!...

GENTLEMAN (á porta)

E tenha cuidado, filha. Feche bem a porta. Esta policia só faz asneiras ! Os ladrões andam por ahi a assaltar a propria autoridade. Cuidado. Adeus. Seja feliz. Obrigado. Durma bem . . .
(Desaparece.)

ADRIANA

Ah ! (corre a fechar a porta, respira, senta-se, ergue-se.) Mas parece impossivel ! Tão elegante ! Tão sympathico ! Tão sério ! Tão diferente ! . . . Que pena não ser como todos nós, meu Deus ! Que pena ser só ladrão !

CAE O PANNIO

João do Rio

Revista do Mez

DR. REGIS D'OLIVEIRA

A *Atlantida* sente comovidamente a morte do dr. Regis d'Oliveira, embaixador do Brazil em Portugal.

Com um largo habito do mundo, polido, afavel, afetuoso de trato, o illustre diplomata tinha conquistado entre nós sinceras e profundas sympathias. Essas symptathias acentuaram-se bem nas manifestações realizadas por ocasião do seu enterro, manifestações que, homenageando a sua pessoa, constituíram tambem um grande preito de amizade pelo Brazil.

A *Atlantida*, que do dr. Regis d'Oliveira recebera sempre o melhor acolhimento, envia á nação brasileira, pelo seu grande luto, a expressão respeitosa e enternecida da sua magua.

NOTAS DO TEMPO E FÓRA DO TEMPO

Num dos romances de Henri de Régnier — *Les rencontres de M. de Bréot* — aparece um magistrado no qual o sério e o cómico se alternam com tamanha regularidade que as suas virtudes parecem a razão de ser dos seus pecados. Luta para resistir aos desejos da sua carne em labaredas e, quando julga ter dominado o instinto que lhe bacorinha o sangue, ei-lo que desamparadamente se lança nos braços da tentação, contaminando-se como um Silvano.

Acredita em Deus com profunda devoção e gosta muito de discorrer, engalanando os periodos com imagens que o não levam ao Paraiso.

O espirito boia-lhe como uma vela á superficie das ondas, mas no intimo do seu ser o Diabo martela numa oficina de perdições e loucuras.

O triste lastima-se da desordem e contradições em que vive. Um dia, porém, sente que é assim que todo o homem se revela e se consome. Para que

lutar? O melhor será acomodar-se ao irremediavel. E um calmo sorriso lhe ilumina os labios.

Chegara á fase suprema da sabedoria!

Ha autores que denodadamente trabalham para serem originaes. Nem os assumptos nem as palavras usuais os contentam. Procuram o homem e a sua alma, não para lhe determinarem as trajectorias que o amor, o sofrimento, a amisade, a felónia, a duvida ou a certeza lhes traçam, mas sim para lhes abrirem novos caminhos, á cata de um El-Dorado em ilhas misteriosas.

Poetas, romancistas, pintores, escultores e dramaturgos criam assim a illusão de que é possivel, com os caprichos da intelligencia e do sentimento, inventar uma bucolica para a nossa curiosidade doente. Negam os valores correntes dos nossos actos e inventam uma outra pauta, a fim de premiarem os feitos de uma moralidade que se alimenta dos frutos perversos do nosso amargo desalento, incapaz de arranques e de movimentos vigorosos, salubres.

Mas como a nossa natureza tem o sabor da terra e os nossos desejos, depois de muito subirem, teem de regressar ao barro onde se formaram, daqui resulta que os estetas modernos nunca conseguem ter uma mansão decente onde nos façam as suas confidencias. Não acham o El-Dorado e perdem a devoção dos lares, onde aprenderam a parecer-se com toda a gente.

D. Quixote e Sancho Pança são dois personagens eternos, porque cada um dêles, vivendo em nós ao mesmo tempo, atribue ao outro os fiascos da sua existencia.

Se todos nós podemos com as nossas glorias, não mostramos a mesma força a respeito dos desastres e infortunios. Descarregamo-los sempre sôbre os outros.

A guerra continua a vestir de horrores terras e mares, escapando a previsões pelo que respeita ao seu termo e impondo o seu jugo mesmo aos que mais activamente a provocaram. Hoje pertence ao numero das forças cegas, indômitas.

Ceifa vidas aos milhões, arrasa cidades, derruba cathedraes, incendeia bibliotecas, viola mulheres, despedaça creanças, devasta campos, demonstrando assim que ao homem, para ser feliz, só lhe falta descobrir um poiso firme, onde possa juntar num só laço o espirito das comedias com os rugidos das tragedias.

JOAQUIM MANSO.

CRÓNICA MUSICAL

Rey Colaço, o eminente professor de piano, infatigável propagandista das obras de Arte, que tantos e tam valiosos serviços tem prestado à nossa sociedade no campo da cultura musical, e que há pouco lançou a bela ideia da construção, em verdade urgente, de uma sala própria para concêrtos de câmara, propoz-se fazer-nos ouvir em cinco audições todos os trios com piano de Beethoven.

Essas audições, começadas em fins de Novembro, terminaram em 8 de Janeiro, tendo-se realizado, por não haver ainda casa própria, na sala do Automóvel-Club; a estante do violino era ocupada por Júlio Cardona e a do violoncelo por João Passos.

Este género de música, essencialmente íntimo e delicado, carece, para ser perfeito, não só das condições necessárias a toda a espécie de execuções musicais, mas ainda de outras, que lhe são peculiares: a identidade de escola, de interpretação, de sentimento, de entendimento dos que neles tomam parte, o que exige uma semelhante educação geral, estética e técnica. Se tal não se deu, também não poderá dar-se a fusão das almas, indispensável a todo o esforço colectivo, e imprescindível a todo o trabalho artístico feito em comum.

Quem tenha tido a felicidade de alguma vez ouvir Pugno e Ysaye, de certo se impressionou com a admirável unidade, a absoluta coesão dos seus dois instrumentos; contudo, havia pianistas melhores que Pugno, e há violinistas superiores a Ysaye; o que não havia era o *duo* piano e violino tam perfeito e homogéneo como o dêses dois grandes artistas. Porque? Justamente porque os dois, tocando, eram uma só cabeça e um só coração; o piano não acompanhava o violino, mas formava com êle um novo instrumento, que um só *homem* tocava.

Ora esta homogeneidade falta às execuções dos tres artistas, dessemelhantes entre si na escola e nas tendências; se é certo que por vezes se obtive — citarei, como exemplo, o *schuzo* do trio op. 97 —, doutros, afastam-se uns dos outros e por consequência do espírito da obra — ainda como exemplo o *andante* do mesmo trio —.

Mas, apesar disso, não foram as audições impertinentes nem inúteis; a execução dos trios de Beethoven teve um interessante fim vulgarizador e vantagens didáticas, que, a meu ver, maiores seriam, se se tivesse observado a rigor da ordem cronológica e a integridade da *opera*, não separando para diferentes audições números dêsse mesmo *opus*. Suprimiram-se também o trio op. 64 (transcrição do op. 3) e o pequeno trio a Maximiliana Brentans.

Executaram-se ainda os tres grupos de variações para trio, em *mi bemol*, de 1792, no mesmo tom, op. 44, e sôbre um tema das *Canções de Praga* de Hüller, op. 121 A, compostas por Beethoven em 1825, ano em que foi terminada a *Nona Sinfonia*. Completando os programas, fez-se ouvir em algumas canções escocezas e *lieder* de Beethovem Melle Alice Rey Colaço: a sobriedade da interpretação, a inteligência e intenção justa da dicção, fazem da jovem artista um *liederzängeriu* de verdadeiro mérito, que se ouve encantadamente.

E' de esperar que Rey Colaço continui a proporcionar aos poucos que se interessam por tam elevada forma de Arte novas audições: as sonatas para piano e violoncelo e os quartetos com piano seriam audições de grande interesse, sobretudo se o eminente professor escolhera colaboradores que com êle tivessem as afinidades estéticas e técnicas necessárias para que se obtivesse um conjunto perfeitamente homogéneo.

Prosseguem os concêrtos de Orquestra Sinfónica Portugueza, cujos pro-

gressos são verdadeiramente assombrosos; a continuarem assim, em tal *crescendo*, não será dentro de cinco ou seis anos, como eu dizia na crónica anterior, mais daqui a dois ou tres, que a orquestra estará em condições de se fazer ouvir perante o mais exigente público.

Nos dois últimos concêrtos realizados no Teatro de S. Carlos, a 2 e 9 de Janeiro, enriqueceu Blanch o seu repertório com mais duas obras, uma do mais puro classicismo, outra do mais violento romantismo, a *Sinfonia em dó*, conhecida pelo nome de *Júpiter*, de Mozart, e o poema sinfónico de Liszt, *Mazeppa*.

A execução da sinfonia mozartiana, atenta a sua enorme dificuldade, representa um grande trabalho e um grande esforço, que não podem deixar de aplaudir-se e registrar-se; quanto às deficiências de ordem artística, de resto naturais em obras de música abstracta — o som pelo som, meio e fim — esperamos que se corrijam em futuras execuções, quando cada uma das figuras da orquestra tenha atingido a plena consciência de si mesma e da obra que executa.

O poema de Liszt, *Mazeppa*, é inspirado no poema de Victor Hugo. Quando um compositor pretende traduzir em música uma obra do outra forma de Arte, assume uma grave responsabilidade, pois se constitui na obrigação de exceder em emoção e beleza aquilo em que se inspira; ora o poema de Liszt, musicalmente belo e de grande interesse, cheio de admiráveis efeitos sonoros, contendo em embrião, como todas as obras do grande pianista-compositor, os elementos que haviam de servir a Wagner e aos inovadores do último meio século, nem sempre iguala, na grandeza das frases, a obra de Victor Hugo; nomeadamente o final, sonoramente rico, mas ideologicamente pobre, fica bastante àquem do verso do poeta.

Das obras repetidas, merece especial menção a *Sinfonia em lá*, op. 92, de Beethoven, a que Wagner chamou «apoteose da dança», por ser construída quasi exclusivamente com ritmos muito simples, que geram uma infinidade de motivos; á uma frase de poeta, dum vago simbolismo, que, tomada à letra, pode conduzir a interpretações erróneas. A sétima sinfonia é realmente uma pastoral, como nítidamente se vê no *final*, que é um arraial, uma festa campestre, duma alegria exuberante e ruidosa, como a de Beethoven na intimidade, alegria pezada, traço característico de sua origem flamenga.

A 16 de Janeiro transferiu-se a orquestra para o Teatro da República, reconstruído, voltando assim para a casa em que nascera. E seu concêrto — o 69.º — foi em verdade notável pela perfeição com que todos os trechos do programa foram executados, perfeição ainda não atingida anteriormente, tam íntegra e completa: nesse dia nenhuma nova obra foi dada, destinando-se a tarde à repetição dalgumas das peças do já vasto repertorio da orquestra, sendo o trecho capital a 5.ª *Sinfonia*.

O concêrto seguinte, cujo programa tinha o defeito de ser constituido exclusivamente por obras românticas, pode tambem considerar-se como destinado a repetições, pois o entre-acto de *La Basoche*, do operista francês Messenger, dado em primeira audição, é uma página destituída de importância. O melhor momento dessa tarde, teve-o a orquestra no poema sinfónico *Os Prelúdios*, o mais belo de Liszt, que saiu impecável de nitidez, colorido e expressão. Este poema foi a obra que a orquestra executou, ao abrir do seu

primeiro concêrto; a extraordinária distância que vai dessa longinqua execução a esta última dá a exacta medida dos progressos feitos pela Orquesta Sinfónica Portuguesa.

HUMBERTO DE AVELAR

A EXPOSIÇÃO SOUSA PINTO

A exposição de pinturas, pasteis e desenhos de Souza Pinto, actualmente aberta ao público nas salas da Sociedade Nacional de Bellas Artes, de Lisboa, tem tido o êxito a que tinha jus este illustre artista, ainda recentemente consagrado no Brazil por uma forma inelludível. Sofre porém de um mal e esse é preciso apontal-o desde já, para salvaguarda da obra exposta e ainda para aviso dos pintores que, com probidade, praticam entre nós a sua arte:— as condições do edificio em que ella se exhibe. O architecto que construiu a casa em que se abriga a Sociedade Nacional — sociedade que é credora de todos os louvores e merecedora de todos os auxilios, pelo muito que tem trabalhado em favor da arte em Portugal — não teve infelizmente pintores que o orientassem, auxiliando-o na parte em que os seus conselhos ténicos eram indispensaveis. E o resultado é esse edificio que, pelas circunstâncias especialissimas em que foi feito nunca é demais dizel-o, representa da parte do seu autor — que é de resto um dos nossos bons artistas, cujas obras o impõem ao respeito de todos — um alto serviço ao Paiz, não revestir, nem quanto á luz, nem quanto á *mise-en-scéne*, as condições que devia revestir. Iluminação e paredes são para os quadros muito prejudiciaes e se, de acaso, a obra de arte tem o character delicado, discreto e íntimo, que reveste a de Souza Pinto, então o prejuizo é fundamental; e tão fundamental, que é preciso, na verdade, que as telas, pasteis e desenhos presentemente expostos, para honra nossa, no edificio da Rua Barata Salgueiro, sejam realmente obras de autêntico valôr para, apesar de tudo, se impõem como se impõem.

* * *

Qual o segredo do triunfo de Souza Pinto? O de todos os verdadeiros artistas: o culto da verdade. Qualquer que seja o escalão atingido pelo praticante da arte e venha elle, ou dizer-nos coisas novas por processos novos, ou seja só novo na sua linguagem ou, ainda mais modesto, não inove nem no que nos mostra nem na maneira por que o faz, o que é indispensavel é que a sua Deusa não deixe de ser aquella. Sem essa base, e embora podendo agradar de momento pela força do talento do seu autor e por outras circunstâncias ocasionais, a obra de arte terá fatalmente a duração efemera de tudo o que é falso e convencional. Rafael e Chardin disseram-no por modos diferentes, mas a afirmação não resultou menos clara nem menos logica em qualquer de êles. E' ler Castiglione e Diderot e procurar, ainda mesmo nas *Madonas* do primeiro d'aqueles pintores ou nas *Pourvoyeuses* do segundo, os segredos simples dos seus processos. A resposta é sempre a mesma. A arte pode não ser só a verdade e quasi nunca o é, mas necessita pelo menos de a não esquecer nunca.

* * *

Com este culto e com as qualidades excepcionais de que dispunha, a carreira artística de Souza Pinto tem sido, como não podia deixar de ser, uma ascensão contfua. Discípulo laureado da escola de Bellas Artes do Porto, onde teve como emulo esse delicioso e morbido temperamento de artista que

era Pousão, a sua aprendizagem em França (de 1881 a 1886) foi a afirmação, nunca desmentida, do que póde o esforço quando elle tem a base segura de um verdadeiro temperamento. Ali, tanto ou mais do que nos cursos de Cabanel e Yvon, que entretanto seguiu regularmente, procurou na natureza e nas obras dos velhos e novos mestres os elementos de que carecia. Por isso e embora de começo demasiadamente obsediado por Bastien-Lepage, cujo quadro *Les Foins* o impressionou fortemente, elle não se limitou, como fazem infelizmente grande parte dos seus colegas, a estudar sob o ponto de vista do efeito esse ou outro mestre em evidencia. Estudou-os, mas para os dissecar e procurar comprehender nos seus processos basilares. E, diferentemente daqueles que os olham apenas para se impregnarem da sua maneira aparente que procuram dar por impressão, como por impressão traduzem a natureza ainda mesmo nos seus quadros de maiores proporções, que não são mais que a ampliação do apontamento feito á pressa em pleno campo, Souza Pinto observou a obra de todos esses mestres com esse amoroso cuidado que se traduz em todas as suas telas reproduzindo figuras ou trechos de paisagens. E se durante algum tempo, como de resto succedeu a todos os grandes artistas, desde Rafael a Sargent e Silva Porto, andou preso demais a um ou outro pintor (Bastien-Lepage, Dagnan-Bouveret e Collin), enriquecida que foi a sua visão com todos esses elementos que ia colhendo no estudo da natureza e das grandes obras de arte de todos os tempos, acabou por se encontrar a si mesmo a ponto de, deixando de ser apenas o ilustre pintor que sempre foi desde a *Culotte déchirée* (1882-1883), se afirmar agora como uma altissima individualidade.

Insatisfeito sempre, essa «ancia de melhor», que é uma das mais seguras pedras de toque dos verdadeiros temperamentos, evidencia-se como nunca n'esta sua exposição, onde, embora se veja apenas uma parte minima da sua larga obra, o estudioso póde entretanto seguir o artista desde a *Culotte déchirée* até aos ultimos trabalhos. E esse exame, colocando o artista a uma altura que lhe garante de direito um logar na historia de arte, não só do seu paiz mas contemporanea, liquidará tambem definitivamente a lenda de Souza Pinto, artista francez. Desnacionalizado o auctor do *Molhado até aos ossos*? Mas quem ha ahi, em Portugal, sem esquecer Malhõa, o ilustre mestre e incomparavel cronista da vida e terra extremenha, que, melhor do que elle, traduz a sua arte o homem e o rincão portuguez? Em dois anos apenas de estada no norte do paiz, em Francellos, pequenina aldeia quasi maritima, entre o Porto e Aveiro, Souza Pinto fez, como ninguem o faria mais portuguezmente, a historia d'essa região admiravel que é uma das mais typicas e lindas de Portugal. A suas mulheres bellas e airosas como nenhuma outras e os seus campos inundados, em pleno meio-dia, com o oiro ensolhado dos trigais maduros, ou vistos, nas horas de transição, atravez a gaze fina das nevoas da manhã ou das brumas mais quentes e doiradas da tarde, tudo isso, com a vida encantadora e humilde d'essa gente surpreendida no trabalho da terra ou na faina do mar, realisou-o Souza Pinto como o não realisaria melhor se ali tivesse nascido e vivido sempre. E' escolher ao acaso nos seus pasteis expostos e vêr, por exemplo, rir, entre o arvoredado, na volta de um caminho ou para lá do cotovello de uma estrada, quintas, casinholos e palheiros; tudo é nosso, bem retintamente nosso e tudo: casaria, arvores e creaturas, se integra maravilhosamente no ambiente tão typico e tão rico da nossa vida e ar.

De resto Souza Pinto não deixou, sempre que isso lhe foi possível, de vir a Portugal chamado pela saudade dos seus e da terra portugueza em que nasceu e passou a sua mocidade; e sempre que cá veio esse amor traduz-se em mais de uma obra em que o seu portuguezismo não deixa de afirmar-se victoriosamente. Terminado o seu pensionato em Paris, de que data tambem o *Après-Pouragan*, do museu Soares dos Reis, do Porto, vem a Portugal e faz, na sua aldeia de Valongo, o *Molhado até aos ossos*, que é tão genuinamente portuguez como são tipicamente francezas as suas *Pommes de terre*, do museu do Luxembourgo, de Paris. E no *Molhado até aos ossos*, o pintor eleva-se a uma altura maior do que aquella a que subira com a *Culotte déchirée*, tão justamente louvada anos antes pela critica franceza. Se a intenção é identica em ambas essas telas e em uma e outra ha mesma boa influencia do mestre que, com justiça, dizia que «il faut peindre ce que l'on connait et ce qu'on aime», o artista obteve já comtudo n'esse quadro um efeito mais profundo do que n'aquelle, graças a uma composição mais sobria em que figuras e objectos se valorizam completamente. As carnações, tendo tambem perdido o convencionalismo um tanto frio que prejudica as da *Culotte déchirée*, são mais quentes e gordas e admiravelmente fundidas no ar em que se envolvem e com pormenores que merecem menção especial, como o braço direito do pequeno que é uma verdadeira obra prima de vida e movimento.

Depois, e desde então, tendo realisado inumeras telas, porque a sua actividade é espantosa, em que a vida do campo em França, e especialmente na Bretanha, é traduzida com um sentimento e caracter que o impõem n'aquelle paiz como um dos melhores paisagistas d'essa provincia, Souza Pinto não deixa ainda assim de continuar a interessar-se por Portugal e, logo no ano seguinte (1889), o seu *A caminho para o trabalho* e *O ninho no bosque*, do museu de Monte-Carlo, ambos, pintados em Valongo, bem como *A lição do avô*, aspecto admiravelmente surpreendido da vida tão interessante e caracteristica dos poveiros, e *Primavera em Portugal*, do museu de Lincoln, da America do Norte, reproduzindo em trecho dos arredores de Vizela, á tarde, demonstram como a sua visão, livre de formulas e receitas preconcebidas, continua a ser segura e limpida, permitindo-lhe, como até ahí, realizar o que vê — ou sejam terras de França ou de Portugal — com a maior e mais absoluta justeza.

Profundamente portugueza é tambem a sua tela *Esperando os barcos* (1891), em que volta a tratar, com a sua paleta cada vez mais equilibrada e poderosa, uma cêna da faina dos nossos homens do mar; e se, ao lado d'esses quadros, todos obras completas sob qualquer aspecto que as olharmos, quizessemos citar os apontamentos e «manchas» realizadas em terra portugueza, a lista seria então infindavel. Mas os seus quadros, pasteis e desenhos presentemente expostos tornam desnecessario esse trabalho. Elles por si só destroem para sempre, e melhor do que tudo o que dissessemos, a lenda de Souza Pinto, pintor franzez.

De resto, com a sua educação sobretudo feita em pleno campo, a meio da natureza, cuja gama elle sabe, como poucos, ser infinitamente variavel e imprevisita, Souza Pinto é um espirito eternamente moço, d'essa superior e forte mocidade que dá aos homens, que teem a felicidade de a guardar, o poder de estarem sempre aptos a assimilar tudo, por mais novo e ousado que seja, desde que represente, na verdade, mais um elemento utilisavel para o

engrandecimento da sua visão. E d'ahi o ecletismo dos seus processos; e d'ahi tambem essa boa e sabia fusão das velhas e novas conquistas artisticas que é evidente, sobretudo, nas suas ultimas produções. Apaixonado dos românticos que, mais que os seguidores de Manet, foram os verdadeiros demolidores da velha e falsa escola academica, resuscitada por David, é assim impressionista, salvo na diassociação de tons que não pratica; mas é-o como o foram os grandes corypheus d'esse bello, mas perigoso, movimento, pensando como elles que «os que dão mais um passo no caminho da arte, não devem esquecer os passos dados pelos outros anteriormente, pois só espiritos inferiores e pequenos é que ignoram que a evolução é indefinida». Como todos os que teem verdadeira cultura artistica, Souza Pinto não ignora que Manet, Degas e Monet não seriam possiveis sem os homens de Barbizon e que estes, atravez de Turner e Constable, reataram a tradição do naturalismo que, para alem de Wateau, é representado por Clouet e pelos velhos primitivos francezes. Sabe portanto e muito bem que trilhar as novas estradas abertas á arte sem conhecer os esforços d'esses antepassados seria cair em um erro tremendo, que leva os que assim procedem a um restritismo maior do que o dos cultores, do já longinquo e condemnado, romanismo.

Janeiro de 1916.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.

O MEZ LITERARIO

Samuel Maia transferiu para o romance as suas prédicas inteligentes de higienista, a ver se cria um tipo de português menos lirico e romantico, menos lamuriento e frasista, capaz, portanto, de libertar-se das minhocas que lhe bolem com os miolos, cujos raciocinios e volições são pouco de molde a abonar-lhe os créditos de pensador e laborista. No seu livro *Mudança de Ares* correm paralelas duas sátiras — uma politica e outra de costumes.

No primeiro plano, um médico e um bacharel se destacam, tomando á sua conta a critica do meio em que vivem, que lhes parece pervertido por mentiras e erros de toda a casta. A acção é vaga, quasi nula. Episódios multiplos, rusticos e citadinos, cómicos e burlescos, dramaticos e irónicos, enchem quasi todas as páginas da *Mudança de Ares*, escriptas antes num farto fervor de proselitismo que com a devoção calma da arte e da beleza puras.

Contra a audacia e a febre destrutiva de um jacobinismo iletrado, que ameaça o passado e a alma piedosa, amavel e credula que nele vive, como um violal entre ruinas, Samuel Maia propõe uma ordenação das forças e valores da nossa sociedade, segundo a maneira conservadora de nossos paes. Quer que a civilização seja antes um processo de robustecer o nosso ser simpático, cujo luzismo de quasi oito seculos reputa digno de adaptar-se ás correntes vitais da modernidade, do que uma fonte de rebeliões palavrosas e inuteis que desparcela o esforço das gerações, reduzindo-as a tribus de appetites e egoismos exasperados. Assiste-lhe razão?

Que falem todos os que na hora que passa erguem os braços em demanda de um... paraíso perdido.

A Influencia da Mulher na Poesia e nos Poetas serviu ao dr. Alfredo

da Cunha para escrever, em ligeiras e airosas redondilhas, uma conferencia que a senhora Dona Maria Adelaide Coelho da Cunha disse, com todo o brilho e timbre de uma dição impecavel, nos saraus que, em 10 de maio e 19 de junho de 1815, se realisaram, na sua casa de S. Vicente. Trata-se de uma peça de literatura amena, discreta, rendada e polvilhada de conceitos a que uma rosea ironia, ás vezes, dá tons de fina malicia coalhada em labios que sabem sorrir com espirito e apropósito. A conferencia compõe-se de duas partes: na primeira, a mulher é exaltada no enigma da sua sexualidade tentadora pela adoração inefavel dos poetas provençais, renascentes, arcádicos, românticos, parnasianos e realistas; — na segunda, os desdens de Eva ou a sua prudencia supra-terrestre incitam os ciumes e os desesperos das liras a crivar de ervadas setas as deusas que celebraram em devocionarios e livros de fé sublime.

Com o titulo leve de *Vilancetes* deu-nos José Coelho da Cunha o seu terceiro livrinho de versos, para nos elucidar sobre uma crise da sua sensibilidade de amoroso e místico. O poeta, em face de mulher esperada, adivinhada ou suspirada, tange máguas, em leves plangencias de redondilhas, descrendo da sua mocidade que, em vez de se erguer para a vida com um apetite de dentes brancos e labios de fogo, desconfia de si, incerta na rota da sua felicidade. Como remediar tamanho mal? Talvez, deixando ao tempo o encargo da cura. Num futuro não muito distante, José Coelho da Cunha será um próspero senhor dentro das suas rimas e os seus olhos, que o desgosto de viver hoje amortece, brilharão como um fulgor mundano de quem sabe bem que a melancolia é um prenuncio de ventura.

A todas as pessoas que desejarem disciplinar-se e polir-se na arte de falar e escrever a lingua portugueza, recomendamos a *Gramatica Sintetica*, de Candido de Figueiredo. Nunca um linguagista, entre nós, tratou a fonética, a morfologia e a syntaxe, com um saber tão despido de pedantismo e com uma arte tão viva e experta na simplificação do abstruso material didáctico de que outros gramaticos se socorrem, para embaraçar o apprendisado de escolares e estudiosos. A lingua portugueza deixa de ser um mostrengo escravizado, mumificado, vitalisando-se como um organismo que readquire o perfeito ritmo da sua evolução. A Livraria Classica esmerou-se na edição, dando-lhe forma e aspecto interessantes.

No Porto, iniciou a sua publicação um arquivo de materiais para um monumento literario a Camilo Castelo Branco, sendo a edição, propriedade e direcção de Alfredo de Faria. Intitula-se *Camiliana*. É uma tentativa feliz para desvanecer os farrapos de nuvem que ainda obscurecem a biografia e a obra do Mestre. Se os ventos lhe soprarem de feição, a *Camiliana* poderá levar a cabo todo um trabalho de apuramento e requinte, restabelecendo as circumstancias morais e materiais em que foram escritos alguns romances e novelas do homem que, na literatura portugueza do século XIX, conseguiu elevar a Paixão á categoria de um estupendo drama ciclico de naufragios e perdições.

JOAQUIM MANSO.

O MOMENTO TEATRAL BRAZILEIRO

Uma companhia espanhola de opereta, que passou pelo Lyrico e pelo Recreio, uma companhia de circo no S. Pedro, *music-hall* no Phenix, uma *troupe* nacional, luzo-brazileira, no Palace-Theatre, outra no S. José, outra no Apolo, o *elenco* de comedias do actor Christiano de Souza, no Trianon, com que se anuncia para o Recreio, o Theatre da Natureza, com Italia Fausto, Maria Falcão, Adelaide Coutinho, Ema de Souza, Azevedo, Ferreira de Souza, João Barboza, a preta — ahi têm os leitores o theatre no Rio, por esse verão de muita chuva e pouco calor...

Novidades — uma apenas, alem das chamadas revistas carnavalescas de todos os annos, já em ensaios ou anunciadas.

A novidade é um acto, ligeiro e gracioso, de Alexandre de Albuquerque, jornalista e homem de letras, portuguez tão conhecido, ora no Rio.

Galante julgamento — assim se chama o acto ha pouco retirado do cartaz do Trianon — enquadra-se no feitio da *Ceia dos Cardeaes*, de Julio Dantas. Em verso, tambem — mas decasyllabos, o outro heroico das epopeias. Trata-se, porem, de um pequeno incidente, um julgamento provocado por uns fidalgos, muito ingenuo e palaciano e, sobretudo, muito galante. Ha um collar de perolas para se premiar os mais belos olhos da terra. O negro? O verde? O azul?

Tres fidalgos, deante de trez damas, no ambiente evocador dos salões nas côrtes de então, realçam os seus olhos preferidos, que por signal são tambem os olhos da sua amada.

Depois, o *Julgamento* surge. E é assim *galante*:

.....
 Considerando, como è bem de ver,
 Que os olhos são dificeis de escolher,
 Se exaltam de ancorosa luz intensa,
 Em conclusão, devido por sentença:
 — Verdes, pretos, azues, que importa a côr,
 Se delles se evolar sincero amor!...
 Galantes, todos são... mas, com certeza,
 Os mais bonitos, de maior belleza,
 Sempre são — ó suprema graça alada! —
 Os olhos ideaes da nossa amada!

Certo, no *Galante julgamento* ha versos e ha elegancia na forma porque estão dispostas as scenas.

A acção é conduzida lindamente e o interesse, despertado logo ao inicio do acto, vive e palpita até o fim na belleza dos versos em que os fidalgos dizem e proclamam, por sua vez, a côr dos mais lindos olhos da terra.

Apenas os artistas da *troupe* do Trianon, onde fulgura, como estrella, Abigail Maia, de uma intelligencia tão viva e tão promissora, não souberam dar relevo ao perfumado encanto da pequenina e delicada peça de Alexandre de Albuquerque.

E foi pena. *Galante Julgamento* tinha uma *mise-en-scene* obediente ás exigencias da época e do meio — guarda-roupa a caracter, scenarios novos de Angelo Lazzary, mobiliario completo. . .

*
* *

A formação do Ciclo Teatral Brasileiro, devido a um gesto do Sr. Luiz Galhardo, jornalista e homem de teatro, trouxe já um bem — concorrência e o estímulo.

O meio teatral, no Rio, agita-se.

O espirito, a competencia, o ardor, com que entrou na luta esse conhecido empresario, despertaram logo o interesse e o entusiasmo das iniciativas promissoras, principalmente entre o chamado elemento nacional. Ele vinha arrancar o açambarcamento de um negocio especial das mãos de meros agenciadores, arvorados do dia para a noite em mentores e guidores de um movimento artistico-intelectual, numa terra em que não ha nada ainda feito no assunto.

Assim, as empresas-*trusts*, como se o negocio de teatros fosse a exploração de uma mercadoria a que fôra conferido privilegio ou patente de invenção, ruíram ao primeiro embate da luta.

Nem podia ser de outro modo. Com uma actividade e uma coragem increditaveis, de subito, o Sr. Galhardo trazia á tona assuntos de maior monta e mais palpitante actualidade, como incondicional apoio á questão do teatro nacional, e á realização de um dos mais vivos ideais do momento — o congraçamento de todos os elementos de theatro.

E consegue-o. Do dia para a noite, leva a efeito, sob a direcção dos actores Christiano de Souza e Alexandre Azevedo, o Teatro da Natureza, no Campo de Sant'Anna, organizando uma *troupe* em que figuram nomes como os de Italia Fausto, Maria Falcão, Adelaide Coutinho, Ferreira de Souza, João Barboza e empregando entre orchestra, córos, comparsaria, carpinteiros e empregados para mais de quinhentas pessoas; forma uma companhia de operetas e revistas com artistas e nacionais e nacionalizados, reabrindo, com o Sr. José Moraes, o *Palace-Teatre*, depois de reformado; prepara com o empresario Pascoal Secreto a proxima inauguração do Carlos Gomes, inteiramente remodelado e aformoseado; preocupa-se com a formação de um elenco que possa arcar com as responsabilidades de uma iniciativa vitoriosa em prol da arte dramatica brasileira; trata da proxima temporada de inverno, já contractando companhias estrangeiras, como a Vitale que breve virá fazer temporada no Palace daqui e num dos teatros da empresa Secreto, de São Paulo, já ultimando a vinda de elencos á sua disposição, em Portugal.

O momento teatral é, como se vê, no Rio, de agitação e de promessas.

AB.

OS THEATROS EM LISBOA

Com a comedia *Os Postiços*, de Eduardo Schwalbach, inaugurou-se o Republica reedificado segundo os mesmos planos e no mesmo local do antigo, tão cheio de nobres tradições artisticas, e que um incendio dez mezes antes devorára. . . Orador aprazivel, o talentoso dramaturgo proferiu uma allocução

allusiva ao acto, estando á sua roda todas as figuras da companhia. As glorias do teatro e as benemerencias da empreza foram enternecidamente recordadas e o publico envolveu nos seus applausos calorosos e unanimes Eduardo Schwalbach, os artistas que o cercavam e o visconde S. Luiz Braga, empresario-gerente. Dias depois, Lucien Guitry, que ainda não representara em Lisboa, iniciou no Republica uma série de brilhantissimas récitas que atraíram extraordinaria concorrência e em que o grande actor, interpretando Bernstein e Bourget, nomeadamente, não só justificou como excedeu a espectactiva dos que apenas o conheciam através de referencias e apreciações criticas. A scena franceza não tem decerto quem mais perfeitamente encarne os protagonistas de *Sansão*, da *Garra*, do *Assalto*, do *Tribuno* e do *Emigrado*; mas o pintor Marèze, de *La Massière* de Jules Lamaître, que Guitry interpretou tambem, pode considerar-se egualmente uma criação maravilhosa. A *tournee* do illustre actor por Italia, Hespanha e Portugal teve em França ruidoso éco. Alguns jornaes, como o *Matin* e a *Action Française*, condenaram vehementemente a exhibição de *La griffe* de Beinstein no estrangeiro, classificando de miseravel esse teatro em que as mulheres são creaturas sem pudor e os homens desprezam a honra. Léon Daudet affirmou, a proposito, que Bernstein era um estrangeiro de alma incapaz de compreender e de sentir uma civilização e uma cultura, não só differentes, mas oppostas á mentalidade do *gheto* cosmopolita... *La griffe*, que a critica em Hespanha comentou desfavoravelmente, foi ouvida em Lisboa sem protestos, causando assombro o trabalho de Guitry.

A depravação do gosto não é, porém, tamanha que impedisse o inegavel triumpho que foi o reaparecimento de *Frei Luiz de Sousa*, no Nacional. O desempenho, em geral correcto, apenas teve a notabilisal-o um actor querido das plateias populares, o velho Alvaro, no papel de Romeiro, primorosamente interpretado, e uma actrizinha de treze annos, Judith de Castro, cujas aptidões excepcionaes as mesmas plateias consagraram e que, incumbindo-se da parte de D. Maria de Noronha, venceu sem esforço as muitas difficuldades desse papel. Para que da maleabilidade do seu talento podesse ajuizar-se com mais segurança, Judith de Castro representou *Um anjinho da pele do diabo*, a conhecida adaptação de Castilho, radicando assim as excellentes impressões que deixara na obra-prima de Garrett. O mesmo teatro poz em scena dois originaes portuguezes: *A freira de Beja*, um acto de Ruy Chianca, e *Coimbra-terra de amores*, tres actos de Vicente Arnoso. *A freira de Beja*, que é Mariana Alcoforado, se fosse a estreia dum dramaturgo, não nos alimentaria a esperança de ver no palco alguma vez trabalho seu que assignalasse uma personalidade. O sr. Ruy Chianca, todavia, não fez agora a sua estreia como auctor teatral; já tem perpetrado outras peças, uma das quaes alcançou agrado publico, embora lhe não immortalize o nome. Pondo em scena a celebre freira portugueza em seguida á representação de *Soror Mariana*, de Julio Dantas, o sr. Ruy Chianca despertou sem duvida a curiosidade do confronto mas foi infeliz. Nem como obra dramatica, nem como evocação da amorosa elarista de Beja, a sua pecinha logra resistir a um superficial cotejo. Falha de técnica, literariamente declamatoria, as suas personagens são bonecos articulados. A' semelhança de *Soror Mariana*, ha uma entrevista que é tambem a ultima, a do apartamento; ha uma religiosa confidente, com os mesmos sobresaltos e as mesmas advertencias; ha uma escalada nocturna e, e em vez de

um toque estridente de clarins em marcha, enquanto rompe o dia, um suave, longinquo toque de alvorada, annunciando tambem a partida do amante. Mas a freira de Julio Dantas é uma mulher a quem a febre da paixão exalta, mulher que foi beijada e possuida e que, na hora do abandono, clama o seu peccado, se orgulha do seu amor e lamenta que a houvessem enterrado viva na clausura; ao passo que a freira de Ruy Chianca, mettendo a Chamilly nos seus quartos pelo silencio da noite, soltando imprecações contra a regra e o habito, pretende ingenuamente convencer-nos de que o aventureiro capitão de cavallos a quem desejaria seguir, nunca lhe desfolhou a candida grinalda... A originalidade do sr. Ruy Chianca exgotou-se nessa contrafacção psicologica do character da Alcoforado cujas cartas immortaes ahi estão a desmenti-lo. *A freira de Beja* manteve-se em scena abordoada ao *Frei Luis de Souza*. S. Domingos fraternizando nas taboas com S. Francisco, em pleno regimen do banimento das ordens monasticas . .

Coimbra, terra de amores, primicias de Vicente Arnoso, delicado poeta, como auctor teatral, dir-se-ia um delicioso triptico que, desdobrando aos nossos olhos alguns aspectos da bohemia universitaria, nos commove pela leveza, pelo colorido, pela frescura e pelo sentimento com que foram aguarelados. Vicente Arnoso foi o academico tradicional que os filtros do Mondego embriagaram e prenderam annos sucessivos á paisagem encantadora em que elle emoldura as despreocupadas ligações de estudantes e tricanas que duram e vida ephemera das rosas, enquanto as guitarras gemem, as capas esvoaçam a as sebatas se engrolam para que a carta de bacharel se obtenha. *Coimbra, terra de amores* é o perfumado idilio que começa e termina com o curso, decorrendo á beira de Santa Clara e sob as sombras pittorescas do Choupal, entre descantes e risos, improvisações e troças, typos da rua e agapes frugaes, commentado por uma figura soberba de verdade, — a velha servente, apologista do amor livre, e em cuja interpretação Lucinda do Carmo se mostrou a adoravel comediante de sempre.

Ainda no Nacional houve um espectáculo extraordinario que merece registro: o dos alumnos da Escola da Arte de Representar. As varias secções desse estabelecimento de ensino colaboraram na récita cujo programma abrangia um acto do *Edipo*, adaptação em verso branco de Henrique Lopes de Mendonça e Julio Dantas, o *Auto do fim do dia*, de Antonio Correia de Oliveira musicado por Hermidio do Nascimento e *Pierrot anarquista*, graciosa e movimentada pantomima composta com figuras da comedia italiana por Henrique Lopes de Mendonça e musicada tambem por aquelle joven maestro. A declamação, o canto, a dança, a mesma esgrima, hoje uma cadeira de Escola, teem aproveitados alumnos que os diversos numeros do espectáculo, a que assistiu o presidente da Republica, puzeram em lisongeira evidencia.

No Gimnasio caiu redondamente *O primo Basilio*, adaptação, em quatro actos, do romance de Eça de Queiroz pelo sr. Vaz Pereira. A empresa do teatro montou a peça com o seu habitual escrupulo e Maria Mattos foi admiravel de verdade interpretando a criada Juliana. Mas na proxima resenha, mais de espaço, alludiremos a esse acontecimento que deu ensejo a curiosas revelações igualmente interessantes para Portugal e Brasil.

Relatorio do Vice-Consul de Portugal em Pernambuco

O Senhor Dr. Augusto Soares, illustre ministro dos Negocios Estrangeiros, a quem a «*Atlantida*» deve o mais franco e lisongeiro apoio, quiz dar-nos mais uma prova de quanto e como deseja que melhor se efective a estreita aproximação luso-brazileira, que é todo o nosso programa. É assim que nos autorizou a publicar os relatorios, inteiramente ineditos, com que os nossos agentes consulares teem respondido aos quesitos que de Lisboa lhe enviou a «*Comissão de Fomento Imediato*», ha poucos meses instalada sob a presidencia do Sr. Carlos Gomes, o intelligentissimo Presidente da Associação Commercial.

N'esta hora, tão grave para o prestigio dos interesses portuguezes no Brazil, interesses ameaçados pela influencia cada vez maior dos Estados Unidos da America do Norte e da Hespanha nos mercados brazileiras, a «*Atlantida*» crê prestar um grande serviço publicando os referidos relatorios. Começa hoje pelo do consul em Pernambuco, dispensando-se de transcrever os quesitos, porque o proprio relatorio indica bem quaes eles sejam.

Ao Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros agradecemos mais esta prova de simpatia — que muito nos orgulha, sobretudo porque assim nos demonstra que o eminente homem publico não considera inutil a nossa infima colaboração, na obra de tão largos intuitos que está realisando.

1.º Os principaes artigos de importação portuguesa para este distrito consular são:

Azeite, batatas, cebolas, alhos, vinhos de pasto (typo Alcobça), vinhos do Porto (baixos), rolhas, palitos, sardinhas em salmoura, conservas de peixes e de legumes, alfazema, vinagre, que se recebem em grandes quantidades, mas cujo numero não posso precisar devido á urgencia das respostas.

Frutas verdes, carnes em conservas, tomate em salmoura, cognac, queijo da Serra da Estrela, peixe fresco (em frigorifico),

feijão branco, painço e grão de bico, frutas secas (passas e figos), aguas mineraes (Curia, Moura, Vidago). Plantas medicinaes, agua inglesa de R. Costa, Mercurio, Xarope de Jannos, fechaduras de porta, machados, fouces, martelos, capachos de pita, pregos galvanizados (batel), fechos, torneiras de luxo e cofres em pequenas quantidades.

2.º Em tempos normaes recebe-se da Alemanha grande quantidade de batatas, de Setembro a Fevereiro, precisamente quando a nossa começa a chegar grelada e apodrecida. De Hespanha se recebe tambem uma boa parte do azeite. Da America do Norte (via Rio de Janeiro) se está importando bastante maçã e pêra, em frigorifico, que chegam em estado magnifico e que estão tendo a preferencia, bem assim uvas moscateis em barricas, exportação de Malaga, via Inglaterra. Da Austria apenas se recebia farinha de trigo e essa ja ha muito foi desbancada pela America do Norte. Da Turquia nada vem. Ferragens encontram grande competencia nos mercados ingleses e alemães, devido á barateza e bom acabamento.

Na actual emergencia europêa o mercado de estiva deste distrito consular, que é um freguez bom dos nossos produtos de primeira necessidade, tem-se socorrido da praça de Lisboa para suprir-se de alguns generos que recebia da Alemanha, como por exemplo, cominhos, que tem aqui uma grande saída e que antigamente dahi vieram. A Inglaterra ainda ha 16 anos era o principal, quasi unico fornecedor de cominhos, arroz, pimenta preta, cravo, batatas (em certa epoca do ano); a Alemanha, com a sua frota e com a convergencia que fez de todos aqueles artigos para o porto de Hamburgo, inteiramente pôz de parte aquele paiz, que, aproveitando-se da actual situação, tem já alguns negocios nesta praça.

3.º Sobre apresentação e embalagem nada ha dizer, tratando-se de artigos tão comuns, excepto quanto ás frutas verdes. As pêras e as maçãs da America veem em caixas, do formato das caixas de 2 latas de petroleo, apenas com um grande rotulo com o desenho da fruta, a côres, em um dos textos da caixa. As uvas com o pó de serradura como vêm de Portugal, chegam com um mau gosto e pôdres pelo aquecimento desse pó. As uvas hespanholas que teem muita preferencia pela boa chegada, vêm nas barricas envolvidas em retraços de cortiça. Os nossos exportadores estão disto bem scientes.

4.º A situação do mercado, quanto a preços, é toda de anormalidade devido á situação cambial no Brazil, ao custo alterado de mercadorias e ao constante oscilar dos fretes. Alem disto, para os artigos de facil deterioração não se observa senão o grande ou pequeno abastecimento do mercado, para reputar ou perder na mercadoria que não se pode deixar de ter, como batatas, cebolas, etc.

5.º As principaes casas que recebem os generos portuguezes são: Loureiro, Barbosa & C.^a, Amorim Fernandes & C.^a, Duboux & C.^a, Joaquim Ferreira de Carvalho & C.^a, Ferreira, Rodrigues & C.^a, Santos da Figueira & C.^a, Franco Ferreira & C.^a, Paulino de Menezes, Soares Caldas & C.^a, Francisco Pinto & C.^a. Negociantes de Estiva; — Davino Sobral & C.^a, Silva Braga & C.^a. Drogarias; — Miranda Sousa & C.^a, Albino Silva & C.^a, Alvaro de Caryalho & C.^a — Ferragens.

6.º Os direitos aduaneiros são os mesmos para todos os países com excepção da America do Norte, que tem bonificação em algum artigo, que não nos interessa.

7.º Vias de comunicação marítima: actualmente muito escasas por vapores ingleses e holandeses.

8.º Não posso informar com cerieza os preços de fretes pagos pelos outros países, posto que todos os negocios, hoje, são feitos com a condição de *cif*, nem seria possivel, pois que a oscilação se faz sentir muito. Assim é que para Fevereiro corrente os exportadores estrangeiros anunciaram uma subida do preço de fretes de 25 0/0! Entretanto, posso garantir que os fretes de Portugal para aqui são mais elevados do que de Liverpool para aqui.

9.º As vendas nos primeiros meses de guerra foram muito reccosas, não só devido ao estado financeiro da Europa, com a conflagração, como porque o estado financeiro do Brazil mais se acentuou com os efeitos da guerra. Todavia, a segurança dos negocios veio e posso dizer afoitamente que é, talvez, Pernambuco, que, continuando as suas tradições de honradez, mais galhardamente se saiu da aflitiva situação financeira do paiz. E', um dos Estados do Brazil com quem a Europa mais procura negociar. Os saques estão sendo girados a 90 0/0 como anteriormente, á excepção da America do Norte, pelo facto, dizem os americanos. de não terem um Banco, seu, no Brazil. Sei, porem, que estão banqueiros no Rio, tratando com o governo da formação de um Banco com capitaes americanos.

10.º Os produtos de Pernambuco que podem ser exportados para Portugal são: assucar de cana, algodão, couros e sola, café e aguardente.

O que dificulta o nosso intercambio, já se tem dito bastas vezes e pelas respostas acima se reconhecerá, **é a falta de navegação portuguesa.** Se essa falta se notava em tempos normaes, mais se acentua agora com a conflagração da Europa. Sou de parecer que a base da expansão do nosso comercio de exportação está na navegação nacional.

Todos os artigos que a Alemanha, principalmente, nacionalizava, indo-os buscar a grandas distancias, se os conseguissemos canalisar para os nossos portos em condições tão favoraveis, estou certo de que o comercio brasileiro os importaria de preferencia de Portugal.

FRANCISCO PINTO
vice-consul

Noticias & Comentarios

O CODIGO CIVIL BRAZILEIRO

A 31 de dezembro último o Ex.^{mo} Sr. Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil sancionou o Codigo Civil Brasileiro.

A Grande Lei começará a ter execução a 1.º de janeiro de 1917, justamente um anno após a sua publicação.

O acto do Dr. Wenceslau Braz, firmando esse importante documento jurídico, marca uma grande data na vida político-social do Brazil.

Esta nota não tem por fim um estudo histórico, jurídico e literario do novo codigo. Absolutamente. Todo o nosso fito neste rápido comentario é pôr em foco apenas a grandeza do acontecimento que o aparecimento do Codigo Civil Brasileiro vem atestar na civilização da maior republica latina das Américas.

Essa velha aspiração do povo brasileiro datava de mais de meio século. A monarquia não logrou a honra de promulgar a codificação do direito civil brasileiro. E a Republica só depois de cinco lustros de sua existencia consegue ver realizado o sonho de ha sessenta annos atrás.

Mas já era tempo. Disposições disparatadas e muitas vezes antagónicas ou inteiramente incompatíveis com o grau de cultura brasileira, as Ordenações do Reino, fonte subsidiaria de valor inestimavel, mas já não em uso mesmo na metrópole, e muito embora enxertadas por lei de character privado, não podia constituir, como um conjunto homogéneo e metódico de leis, o direito civil brasileiro.

Quatro foram as tentativas malogradas para a codificação dêsse direito privado, sintetizadas nos esboços, projectos, apontamentos, elaborações de que se vem encarregando desde 1858 luminares da jurisprudencia brasileira, como Teixeira de Freitas, Nabuco de Araujo, Felicio dos Santos e Coelho Rodrigues.

Finalmente no governo do presidente Campos Sales, sendo ministro da Justiça o Dr. Epitacio Pessoa, hoje senador e membro aposentado do Supremo Tribunal, foi convidado o Dr. Clovis Bevilacqua, lente da Faculdade de

Direito do Recife e que então se firmava como uma das mais possantes mentalidades jurídicas da Nação, para elaborar um projecto de Código Civil Brasileiro.

Foi do trabalho deste eminente jurisconsulto, trabalho debatido ás luzes do Parlamento, onde se sobressaiu na controversia levantada a figura sempre extraordinaria de Ruy Barbosa pelo cabedal científico, acêrto de expressão jurídica, cunho de pureza de linguagem com que enriqueceu a Grande Lei, que surgiu o Código actual, ha pouco sancionado pelo Ex.^{mo} Sr. Wenceslau Braz.

Certo, ha outros nomes a realçar na historia da nova lei, que o resumido da nota não comporta. Não podemos calar, porem, o nome respeitavel de Andrade Figueira, e ela tão íntimamente ligado.

Como se vê, foi lenta a elaboração do presente código.

Mas esta tardia codificação tem a seu favor a grandeza das obras produzidas com meditação profunda e amadurecido estudo. Atesta bem, na palavra dos mais autorizados mestres de direito e das mais acertadas competencias doutrinarias, no Brazil, a consciencia jurídica de um povo que quer ser livre e grande, sobre as tábuas da Lei, entre a balança cega da Sentença e a espada inflexivel da Justiça.

O Código Civil Brasileiro é, na frase de um seu comentador illustre, o maior monumento de direito privado de toda a América.

AB.

OLAVO BILAC

Esteve dois dias em Lisboa, de passagem para o Brazil, o grande poeta e nosso eminente colaborador Olavo Bilac.

Partiu deixando-nos a promessa de que em breve regressaria, por um maior periodo de tempo. Desde já podemos anunciar aos nossos leitores que o poeta admiravel, que é tambem um orador eloquentissimo, realizará por essa ocasião uma conferencia literaria no Theatro da Republica; e que, para festejar a sua presença entre nós, a *Atlantida* promoverá um banquete de homenagem, para o qual já conta com a presença das mais notaveis individualidades portuguezas.

O BRAZIL NA FACULDADE DE LETRAS

No proximo numero publicaremos a proposta do illustre Director da Faculdade de Letras de Lisboa, para a criação d'uma cadeira de estudos brasileiros. Esta proposta foi aprovada por todo o conselho escolar da Faculdade.

ATLANTIDA

Com este numero termina a *Atlantida* o seu primeiro volume, para o qual o nosso querido collaborador Raul Lino já está desenhando a capa.

Indice do Volume I

Numero 1

	Pags.
<i>Atlantida</i> , João de Barros	5
<i>O Sonho da Atlantida</i> , João do Rio	10
<i>Ruth</i> , Olavo Bilac	16
<i>... Quand on ne s'aime plus</i> , Julio Dantas	17
<i>A Revolução de 1640 e o Terror brigantino</i> , Theophilo Braga	18
<i>Ramalho Ortigão</i> , Luiz da Camara Reis	27
<i>Um diplomata do Imperio</i> , Vellozo Rebello	33
<i>Os dois sebastianistas</i> , Affonso Lopes Vieira	44
<i>Campos da minha terra</i> , Teixeira de Queiroz	45
<i>Relações luso brasileiras</i> , Moreira Telles	62
<i>Romance de um escultor</i> , Manuel de Sousa Pinto	68
<i>O novo Presidente da Republica Portuguesa</i> , João de Deus Ramos	81
<i>O Senador Azeredo</i> , J. B.	82
<i>Navegação entre Portugal e Brazil</i> , Mario de Carvalho	83
<i>Os Teatros</i> , Avelino d'Almeida	84
<i>Olavo Bilac em S. Paulo</i> , Redacção	87
<i>D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro</i> , Redacção	87
<i>Livros</i> , Redacção	88
<i>Noticias & Coméntarios</i> , Redacção	89

Numero 2

<i>Brazil-Portugal</i> , Vitor Viana	99
<i>D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro</i> , Affonso Lopes Vieira	103
<i>Poesia em prosa</i> , Alberto de Oliveira	107
<i>Judith</i> , por Afranio Peixoto	116
<i>Pagina do Natal</i> , Augusto Gil	131
<i>O Museu Nacional de Arte Antiga</i> , José de Figueiredo	142

	Pags.
<i>Versos</i> , Oscar Lopes	154
<i>Bernardo Pereira de Vasconcellos</i> , Aurelino Leal	156
<i>Uma carta</i> , Manuel Monteiro	167
<i>Uma cadeira de Estudos Brasileiros</i> , Redacção	168
<i>Notas do tempo e fóra do tempo</i> , Joaquim Manso	168
<i>Prophecias sobre a guerra</i> , Hermano Neves	170
<i>Sala Beethoven</i> , Antonio Arroyo	171
<i>O Ano artistico</i> , Julio Dantas	174
<i>O Ano literario</i> , Luiz da Camara Reis	177
<i>Os Teatros</i> , Avelino d'Almeida	182
<i>A canção popular no Brazil</i> , M. de L.	187
<i>Noticias & Comentarios</i> , Redacção	189

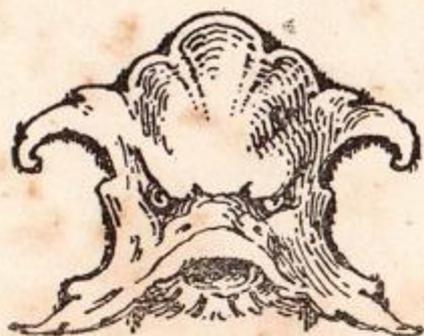
Numero 3

<i>Os Portuguezes no Brazil</i> , Alberto d'Oliveira	195
<i>O ultimo capitulo</i> , Julio Lopes d'Almeida	205
<i>Solidariedade Etnico-economica</i> , Bento Carqueja	210
<i>Paineira</i> , Affonso Lopes d'Almeida	215
<i>Bernardo Pereira de Vasconcellos</i> , Aurelino Leal	217
<i>Do direito de atropelamento</i> , Jayme de Magalhães Lima	222
<i>Para quem?</i> José Coelho da Cunha	230
<i>A higiene escolar em Portugal</i> , Costa Saccadura	231
<i>Na tóca do Oleiro</i> , João Barreira	237
<i>A Noite</i> , Antonio Correia de Oliveira	241
<i>Ornamentação popular da louça de Extremoz</i> , Virgilio Correia	244
<i>Rythmo</i> , João de Barros	256
<i>A adolescencia mystica de Liborio Patarôxa</i> , Aquilino Ribeiro	259
<i>Sala Beethoven — O motivo da sua fundação</i> , Alexandre Rey Collaço	273
<i>Sala Beethoven — Uma carta</i> , Raul Lino	279
<i>O mez literario</i> , Joaquim Manso	281
<i>Crónica musical</i> , Humberto d'Avelar	285
<i>Os Teatros</i> , Avelino d'Almeida	289
<i>Crónica d'Arte</i> , José de Figueiredo	295
<i>Ramalho Ortigão</i> , Braga Paixão	295
<i>Noticias & Comentarios</i> , Redacção	297

Numero 4

<i>Um trecho da guerra maritima e a lição do Brazil</i> , Helio Lobo	307
<i>Pobre Jico!</i> Teixeira de Queiroz	304
<i>Decadencia</i> , João Luso	322
<i>Ovidio Furioso</i> , Eugenio de Castro	330
<i>Eterna Febre</i> , Mario Artagão	331
<i>Edificios escolares</i> , Raul Lino	352
<i>A casa de Camillo em S. Miguel de Seide</i> , Julio Brandão	337
<i>A acção da mulher na America</i> , Alfredo Mesquita	341

	Pags.
<i>Imagem perdida</i> , Mario d'Alencar	356
<i>Os ossos do Padre José Agostinho</i> , Costa Ferreira	359
<i>Que pena ser só ladrão!</i> João do Rio	363
<i>Régis de Oliveira</i> , Redacção	382
<i>Notas do tempo e fóra do tempo</i> , Joaquim Manso	382
<i>Crónica musical</i> , Humberto d'Avelar	383
<i>A Exposição Sousa Pinto</i> , José de Figueiredo	386
<i>O mez literario</i> , Joaquim Manso	389
<i>O movimento teatral brasileiro</i> , Abadie	391
<i>Os Teatros em Lisboa</i> , Avelino d'Almeida	392
<i>Relatorio do Vice Consul Portuguez em Pernambuco</i> , Francisco Pinto	395
<i>Noticias & Comentarios</i> , Redacção	398



BORDALLO PINHEIRO,
LALLEMANT, L.^{DA}
FOTOGRAVADORES



49, Largo do Conde Barão, 49
LISBOA

GRAND PRIX — Rio de Janeiro, 1908

GRANDE PREMIO E MEDALHA
DE OURO — Lisboa, 1913

GRAND PRIX, Leipzig — 1914

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

FOTOGRAVURA E OUTROS GENEROS
DE GRAVURA QUIMICA
PELOS PROCESSOS MAIS MODERNOS

CAXAMBÚ
A SOBERANA DAS AGUAS DE MEZA